



*Projecto base de Reabilitação da
Fajã dos Padres*



Christina Josezita Aguiar Batista
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura
Orientada pelo Prof. Dr. Arquitecto Rui Pedro Lobo e
co-orientada pelo Prof. Dr. Arquitecto António Bettencourt
Faculdade de Ciências e Tecnologia
Departamento de Arquitectura
Universidade de Coimbra | Julho 2012

Agradecimentos:

Aos Profs. Doutores Arquitectos Rui Pedro Lobo e António Bettencourt, pela disponibilidade, atenção e colaboração cruciais para a realização desta dissertação,

Aos meus pais e irmãos,

Ao Tony Matheus,

Aos colegas e amigos, com especial atenção à Claudete, Diana, Inês, Mariana, Melly, Sara e Sofia

À minha tia Maria Cristina,

Às irmãs Eugénia e Maria Gonçalves,

Aos proprietários da Fajã dos Padres, a família Jardim Fernandes,

Ao Padre Manuel Nóbrega.

SUMÁRIO

Introdução	7
Capítulo I - Fajã, contextualização e história	
O que é uma Fajã? - tipos de Fajãs.....	21
Fajã dos Padres.....	23
A origem da Fajã dos Padres.....	23
Contexto histórico.....	25
Os seus proprietários.....	32
Os proprietários que contribuíram para o seu desenvolvimento.....	33
Capítulo II - Fajã, presente	
A Fajã dos Padres na actualidade.....	49
Acessos.....	49
Caracterização urbana.....	51
Caracterização arquitectónica.....	57
Tipologias e funções.....	57
Tipo 1.....	59
Tipo 2.....	61
Materialização e construção.....	67
Capítulo III - Fajã, uma nova visão	
Património, território e turismo rural.....	79
Metodologia da intervenção.....	89
Programas e propostas.....	95
Acessos.....	99
Recepção/restaurante.....	103
Parque/área de lazer.....	105
Área expositiva e comercial.....	107
Lagar e adega.....	109
Habitação temporária/turismo.....	111
Componente gráfica	115
Conclusão	181
Bibliografia	185
Anexo	195



INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho intitula-se “Projecto base de reabilitação da Fajã dos Padres”.

A Fajã dos Padres situa-se na margem sul da ilha da Madeira, à beira-mar e faz parte da freguesia de Campanário, município da Ribeira Brava, fazendo parte do limite Sul da freguesia da Quinta Grande, interpondo-se entre esta e o mar.

Esta pequena área é rodeada por uma falésia vertiginosa de aproximadamente 350 metros de altura e possui acesso através da Estrada Padre António Rodrigues Dinis Henriques que por sua vez, faz a ligação à Estrada Regional 101, permitindo assim o acesso ao Funchal (10 km) e aeroporto (28.5 km), entre outros.

A escolha deste tema surgiu por interesse pessoal, visto que cresci na Ilha da Madeira, sempre tive conhecimento deste sítio e curiosidade pelo mesmo. Custava ver o estado de degradação em que se encontrava e que, com o potencial que apresentava, estar quase ao abandono.

O fascínio por este local deve-se à sua localização geográfica, à unicidade do local, à relação com a paisagem natural e ao património edificado.

A pesquisa para a realização desta dissertação foi bastante extensa, sendo limitada apenas à pouca bibliografia encontrada sobre a Fajã dos Padres. Neste aspecto, a maior valência consistiu no grande conhecimento que os proprietários do terreno tinham sobre a história local, assim como os moradores. A bibliografia utilizada serviu para aprofundar o conhecimento sobre a história e geografia sobre a ilha da Madeira.

A Fajã dos Padres está situada na parte Sul da Madeira e é atravessada por duas ribeiras, a Ribeira da Vera Cruz, e a Ribeira da Quinta Grande.

Este pequeno terreno, situado á beira-mar, é acessível através do elevador ou por barco.

João Gonçalves Zarco, descobridor da Ilha da Madeira, foi o primeiro proprietário da Fajã dos Padres, mas a actual denominação de Fajã dos Pa-

dres, deve-se ao facto de esta propriedade ter pertencido aos padres da companhia de Jesus, entre 1595 e 1759. Estes padres estabeleceram aqui uma exploração agrícola e introduziram um dos melhores vinhos da Ilha da Madeira, o vinho Malvasia.

Em 1886, a Fajã, atingiu o seu número máximo, a nível populacional. Com 50 habitantes, número já considerável para aquele local, estes dedicavam-se à pesca e à agricultura. No último século, à semelhança de outras pequenas aldeias do interior da Ilha, a Fajã dos Padres sofreu uma desertificação considerável, provavelmente devido ao seu difícil acesso, levando os antigos moradores a fixar-se em grande parte, na freguesia da Quinta Grande, Campanário, Câmara de Lobos, entre outras.

A paisagem envolvente e o património arquitectónico e cultural da Fajã dos Padres são alguns dos grandes atractivos turísticos desta localidade, tanto que, nos últimos anos, após a sua desertificação, houve uma exploração agrícola, ainda maior, integrando-se numa sociedade agrícola, em 1964, bem como a recuperação de algumas casas dedicadas exclusivamente ao turismo, por parte dos actuais proprietários.

O turismo rural procura um contacto mais directo com a natureza, a agricultura e as tradições locais, estando muito ligado à beleza e unicidade do local, estado de conservação, diversidade natural (mar, praia, falésia, flora e fauna) e ao seu património histórico e cultural.

A aldeia, implantada à beira-mar, é interligada em toda a sua extensão e estende-se desde o bar/restaurante até um pequeno aglomerado de casas antigas, que remontam aos tempos dos colonos. A algumas casas, em homenagem aos colonos que ali habitaram, foram atribuídos os nomes dos respectivos proprietários atendendo à actividades que estes exerciam. São como exemplos: “a Casa do Marinheiro, Casa do José Soldado, Casa da Tia Maria, Casa da Rancheira, Casa Do Seifia” e ainda uma capela de Nossa Senhora da Conceição, uma Adega, um Lagar... perfazendo no total dezassete casas

na Fajã dos Padres.

No decorrer das investigações, pôde constatar que muitos dos edifícios se encontravam em mau estado, apesar de alguns já se encontrarem restaurados, exclusivamente para o uso turístico.

Os objectivos para este trabalho passam primeiramente pelo estudo e análise detalhados da Fajã dos Padres, procedendo posteriormente à sua reabilitação, associando-lhe funções relacionadas com a sua cultura.

A Fajã dos Padres é considerada por muitos, um paraíso rural, em termos de localização, de clima, de herança histórica, de património arquitectónico e do cultivo de produtos biológicos. No entanto, a maioria dos visitantes que ali passam não conhecem a história deste local, a sua origem e a sua cultura.

O percurso principal utilizado pela maioria das pessoas que visita esta zona é feito com recurso ao elevador, o que levará ao ponto de maior afluência, ou seja a zona de bar /restauração. Actualmente, este acesso vertical não foi pensado para pessoas com pouca mobilidade. A proposta de reabilitação da Fajã dos Padres irá abranger as problemáticas e valências dos elevadores.

O ponto de chegada à Fajã dos Padres será comum a todos os elevadores, recebendo todas as pessoas na mesma praça, na qual existirá uma estação / paragem de carrinhos dedicados exclusivamente para o uso do turismo.

O outro acesso à Fajã é por via marítima, através de um pequeno porto, lá existente, para aqueles que gostam de usufruir da paisagem ao longo da costa.

Relativamente ao percurso pedonal, este transitará entre as diferentes áreas históricas propostas, desde a recepção, um parque rural, um museu, lojas de produtos biológicos, um lagar / adegas (prova do vinho malvasia), até às antigas edificações, que hoje em dia servem para albergar os turistas.

A intenção é também incentivar as entidades políticas a apostarem em actividades dirigidas aos turistas, mantendo assim o nosso património vivo, mas sem nunca perder a sua identidade.

É igualmente importante fazer uma reflexão sobre a problemática da preservação e intervenção no mundo rural, no âmbito de analisar a influência do turismo e a forma como o património arquitectónico e cultural é utilizado para fornecer o suporte cenográfico necessário à construção destes lugares enquanto destinos turísticos.

Como tal, um estudo do contexto histórico, geográfico, cultural e arquitectónico da aldeia, a partir da recolha de todo o material bibliográfico disponível, seria essencial para a compreensão do trabalho.

Para esta análise, estudei o actual tecido urbano da aldeia, o qual será fundamental para caracterizar a mesma e reflectir sobre as suas valências, carências e qualidades, abordando deste modo, questões essenciais à Fajã dos Padres.

Pretende-se solucionar os problemas observados nesta pequena aldeia histórica, partindo dos elementos existentes, culturais, históricos e da imagem de toda esta área, demonstrando as suas potencialidades, construindo assim uma nova referência de paisagem rural.

A dissertação é constituída por três capítulos, sendo o primeiro dedicado à história da Fajã dos Padres, o segundo a como a Fajã dos Padres opera hoje em dia e o terceiro, à elaboração duma proposta, contendo um carácter mais prático.

No primeiro capítulo, procuro definir o termo “fajã”, procedendo à sua localização. Seguidamente, procedeu-se à abordagem histórica onde procuro mencionar todos os proprietários da Fajã dos Padres num quadro explicativo, mas foco aqueles que foram mais importantes para a evolução do local.

No segundo capítulo é retratada a Fajã dos Padres, como opera hoje em dia, em conjunto com os seus destintos acessos. Paralelamente, menciono como a sua desertificação trouxe até nós, parte do passado. De seguida procede-se à sua caracterização urbana, onde descrevo a morfologia urbana, utilizando jogos de cheios e vazios que esta aldeia possui.

Na parte da caracterização arquitectónica, é feita a descrição dos edifícios, os pavimentos, bem como os seus materiais e as suas tipologias.

No terceiro capítulo descrevo a importância que o turismo representa para a Fajã dos Padres. De seguida procuro desenvolver o projecto base de requalificação, definindo opções de estratégia, com base em todos os elementos recolhidos nos capítulos anteriores, as valências e as problemáticas patentes, bem como na minha própria reflexão.



CAPÍTULO I

Fajã, contextualização e história

1 - Exemplo de fajã de delta
lávico - Fajã dos Cúberes,
Ilha de S. Jorge



2 - Exemplo de fajã de delta
lávico - Fajã de São João,
Ilha de S. Jorge



3 - Exemplo de fajã de delta
lávico - Fajã dos Vimes, Ilha
de S. Jorge



O que é uma fajã?

O termo fajã é muito característico nos arquipélagos da Madeira e dos Açores.

Este termo é muito frequente dentro da linguagem toponímica das Ilhas, uma vez que a sua formação vulcânica, deu origem a montes de grande inclinação, originando estas planícies, na base terreno plano adaptável à agricultura. As fajãs estão quase sempre direccionadas para o mar, havendo, no entanto, um pequeno número de fajãs orientado para as crateras do interior das ilhas.

Tipos de Fajãs:

As fajãs podem ser divididas em vários grupos, segundo as suas características, de origem e de localização:

Fajãs de delta lávico: Estas fajãs encontram-se em contacto com o mar. Formaram-se devido ao lento escorrer da lava, originando uma superfície normalmente plana, delimitada por grandes rochas, possuindo falésias abruptas em torno destas fajãs. Normalmente são muito resistentes ao desgaste provocado pelo mar, devido a serem constituídas por grandes camadas de rocha compacta, sem nenhuma fissuração notável. Deste modo são notórias as grutas marinhas e os arcos rochosos.

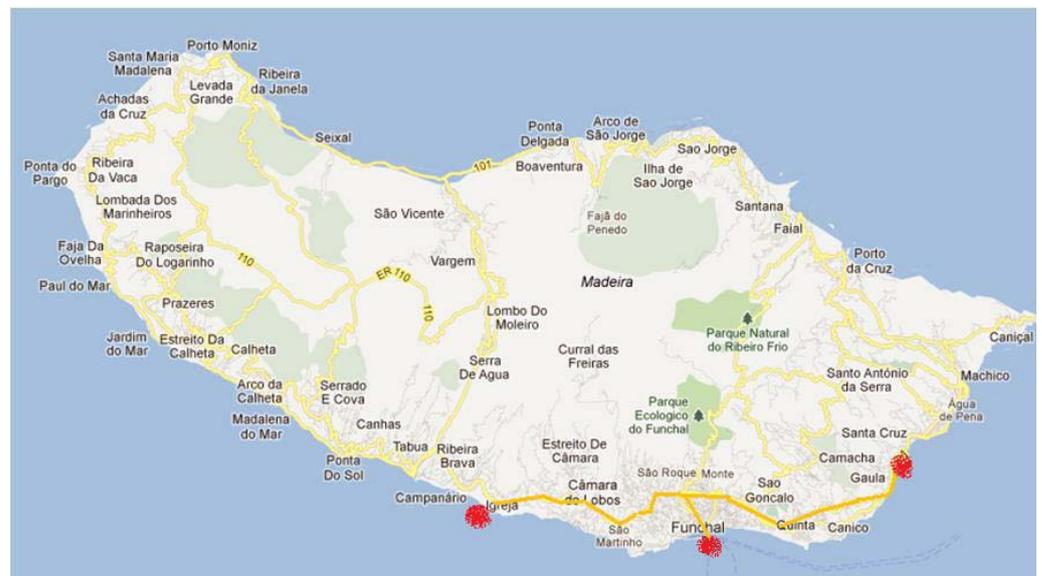
Fajãs de talude ou detriticas: Estas Fajãs são o resultado dos desmoronamentos das falésias, originando uma superfície plana. Estas, por serem constituídas por materiais soltos, são facilmente transportadas pelas ondas, formando praias de calhau rolado, normalmente de diferentes tipologias granuladas. Os solos destas fajãs apresentam-se muito férteis.

Fajãs de altitude e pequenas achadas: Estas fajãs encontram-se dentro das ilhas, ajustando-se perfeitamente às encostas dos pequenos planaltos ou dos vales planos ou então na base das montanhas.

4 - Localização da Fajã dos Padres, Funchal e aeroporto



5 - Ligações entre a Fajã dos Padres, Funchal e o aeroporto



6 - Estrada regional 101 e Rua Padre António Rodrigues Dinis Henriques



Fajã dos Padres

A Fajã dos Padres localiza-se na costa sul da Ilha da Madeira, situada à beira-mar e faz parte da vila de Campanário, constituindo o limite sul da vila da Quinta Grande, interpondo-se entre esta e o mar.

Actualmente a Fajã dos Padres, não pertence à freguesia da Quinta Grande, mas sim ao Campanário, isto porque, aquando da criação da freguesia da Quinta Grande, com base na desanexação de alguns sítios vizinhos (Campanário e Câmara de Lobos), era mais fácil, por questões de acessibilidade dos seus habitantes, pertencer à vila do Campanário. Com efeito, apesar da proximidade geográfica da Fajã dos Padres relativamente à Quinta Grande, seria muito mais simples aos seus moradores comparecerem à igreja São Brás, no Campanário, do que à igreja de Nossa Senhora dos Remédios, na Quinta Grande.

“Do calhau ao porto do Campanário, saltando de pedra em pedra, com a maré baixa, também chegavam à Fajã dos Padres”¹ .

Esta pequena área, é rodeada por uma falésia vertiginosa com aproximadamente 350 metros de altura, e é acessível por uma Rua Padre António Rodrigues Dinis Henriques que por sua vez, faz a ligação à Estrada Regional 101, mais conhecida como via rápida, permitindo assim o acesso ao Funchal, entre outros destinos. Esta pequena área à cota baixa, junto ao mar, foi formada por grandes derrocadas dos montes sobranceiros. É contínua a precipitação de rocha e é graças a sucessiva remoção de terras, que a Fajã dos Padres apresenta uma grande fertilidade nos seus terrenos. “Por vezes novas quebras vieram a aumentar o volume agrário e curiosos pleitos se levantaram na contestação da posse, querendo uns seguir os seus terrenos onde quer que se achassem e outros tendo acidentalmente recebido, apoiavam-se em que o

¹ RIBEIRO, João Adriano – **A Fajã dos Padres**, Sociedade Agrícola Fajã dos Padres, Grafimadeira Lda. pág. 7

7 e 8 - Elevadores de acesso à Fajã dos Padres



9 - Porto de cabotagem



10 - Percurso pedonal alternativo ao elevador e ao acesso através de barco



direito de propriedade vai na vertical, do solo ao céu.”²

Contexto histórico

A norte desta Fajã, localiza-se uma montanha de declive muito acentuado, com aproximadamente 350 metros de altura. Constituindo este rochedo uma enorme barreira a norte, a fajã abre-se para sul, permitindo o acesso fácil ao mar através de uma praia estreita de calhau com cerca de 1 km, que forma uma pequena baía. Esta altura comparativamente ao resto da ilha da Madeira, aparenta ser pouco elevada, pois apesar de esta se caracterizar por um grande maciço montanhoso, os principais focos eruptivos localizam-se no centro da ilha, atingindo aproximadamente 1800 metros. Estes focos eruptivos dividem a ilha, separando-a em duas vertentes, a norte e a sul.³

Esta montanha de pedra vulcânica ladeia este local, limitando a sua acessibilidade.

“Quem olhar para a penedia vertiginosa, que se ergue a prumo, na Fajã dos Padres, logo começa a pensar, na forma como se chegaria ali, noutros tempos”⁴.

Para a população aceder ao resto da ilha tinha 3 opções, a primeira consistia em saltar de pedra em pedra, aquando da maré baixa, até à praia do calhau, no Campanário, ou através de uma vereda que rompia aquelas majestosas falésias, passando por vários trilhos de forte relevo, até chegar à Fajã dos Padres, ou ainda de barco.

A Fajã dos Padres desfruta de uma boa exposição solar, tanto a sul, como oriente e ocidente, desde a manhã à noite, sendo um verdadeiro nicho ecológico, usufruído por todos aqueles que foram ou ainda são senhorios desta propriedade.

² RIBEIRO, João Adriano – **A Fajã dos Padres**, Sociedade Agrícola Fajã dos Padres, Grafimadeira Lda. pág. 7

³ COELHO, Sara Cristina dos Santos – **Funchal uma Evolução urbana**, Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia,,2001, Prova Final de Licenciatura em Arquitectura. 008. pág.7

⁴ RIBEIRO, João Adriano – **A Fajã dos Padres**, Sociedade Agrícola Fajã dos Padres, Grafimadeira Lda. pág. 7

A Fajã da Padres é caracterizada, por um pequeno monte que se eleva a beira-mar, no qual existe um pequeno aglomerado de casas, que remonta aos tempos dos colonos, que é interligada em toda a sua extensão. Esta é ladeada por uma extensa praia de pedra basáltica roladiça, localmente chamada de calhau.

Inicialmente este local intitulava-se Fajã da Conceição ou Capela da Conceição devido a uma capela que ali existiu, construída certamente pela família ou descendentes de João Gonçalves Zarco, descobridor da ilha da Madeira⁵. Esta capela auxiliava no serviço religioso, aos colonos que ali se tinham instalado, naquele sítio isolado. Estes colonos eram trabalhadores que exerciam uma actividade agrícola e piscatória para os grandes senhorios. De tudo quanto cultivavam, o "proprietário do terreno recebia parte dos produtos da colheita, enquanto o colono, dono das benfeitorias nele realizadas, tinha o encargo de as cultivar, recebendo por tudo isto a outra parte dos produtos da terra"⁶ .

Este sistema de contrato de colonia não é um contrato de arrendamento, ou uma parceria agrícola, mas sim um sistema diferente que surgiu na Fajã e na Ilha da Madeira, que visa expor o fato de existirem duas formas de propriedade útil, o da terra ou das benfeitorias, com um prazo indeterminado.

A preparação do terreno inculto desta Fajã, oriundo da queda de rochas da falésia, possivelmente durante milhares anos, cobriu a Fajã de uma economia abundante, devido ao trabalho e à azáfama do dia-a-dia dos escravos, dos colonos e dos caseiros.

Existiram proprietários, que perante a sociedade era considerados fidalgos, donatários, religiosos, morgados e viscondes, uma cantora de renome europeu, um oficial do exército, entre outros... "visitantes, até um rei, príncipes e os primeiros-ministros de Portugal"⁷ .

5 LEITE, Jerónimo Dias– **Descobrimientos da Ilha da Madeira**, Edição da Universidade de Coimbra, 1947. pág. 21-22

6 - VIEIRA, Alberto; FERNANDES, Abel Soares; JANES, Emanuel; PITA, Gabriel – História da Madeira, Secretaria Regional de Educação, Editorial Eco do Funchal, Setembro 2001. pág. 29

7 RIBEIRO, João Adriano – **A Fajã dos Padres**, Sociedade Agrícola Fajã dos Padres, Grafimadeira Lda. pág. 8

Em 1595 passou-se a denominar Fajã dos Padres, quando passou a pertencer aos jesuítas, que a adquiriram ao neto de João Gonçalves Zarco, Fernão Gonçalves Câmara. O terreno era baldio, sem um bom reconhecimento agrícola, muito provavelmente devido à carência de água, no verão.

Os jesuítas, ao sentirem a escassez de água, por não existirem nascentes capacitadas para fornecer água de irrigação no verão, condicionaram na grande falésia a construção de umas grandes galerias subterrâneas cavadas na rocha, podendo assim guardar as águas das chuvas de inverno para o verão, de modo a irrigar toda esta área.

Os jesuítas conseguiram estabelecer uma boa exploração agrícola, com os melhores técnicos conhecedores dos recursos naturais, desenvolvendo culturas como a cana-de-açúcar, o trigo e outros cereais e o vinho Malvasia, um dos melhores vinhos da Madeira, celebre internacionalmente, e ainda a exploração de gados. Com isto, originou-se uma exploração económica, através do transporte do vinho malvasia, da Fajã dos Padres até ao Funchal, por meio de barcos.

Segundo um viajante Inglês, em 1689, os jesuítas tinham o monopólio do vinho malvasia, que era produzido neste local. “ O mais celebrado, entre todos, é o vinho produzido pela uva da casta malvasia. A malvasia cândida é desde a antiguidade a rainha das videiras. Foi assim no mediterrâneo e também no atlântico” ⁸

O governador da Ilha da Madeira frequentava e aconselhava-se muito com os jesuítas, que também eram membros da inquisição e que dirigiam o comando das devoções religiosas. Com este peso religioso e também político, os jesuítas emprestavam dinheiro a juro, e controlavam uma porção importante da actividade agrícola da Ilha da Madeira.

Em 1626, toda a região da Fajã dos Padres foi invadida por corsários, que desrespeitaram a capela da Conceição, extorquindo o seu recheio. Já nes-

⁸ VIEIRA, Alberto; FERNANDES, Abel Soares; JANES, Emanuel; PITA, Gabriel – História da Madeira. Secretaria Regional de Educação, Editorial Eco do Funchal, Setembro 2001. pág. 185

ta altura, a capela encontrava-se em decadência, mas continuava a visita de um padre de Campanário, apesar da dificuldade em aceder a este local, apenas habitado por um grupo de colonos que trabalhavam nesta zona bastante produtiva. “Alguns destes colonos foram levados cativos pelos piratas”⁹.

Depois da extinção dos Jesuítas em 1759, a propriedade passa para posse do estado, onde é leiloada. Esta propriedade passa de proprietário em proprietário, primeiramente a João Francisco de Freitas Esmeraldo que a levou depois a ser novamente leiloada, em 1761, e posteriormente ao Visconde da Torre Bela.

Este proprietário determinou a governação em morgadio. Assim com a morte do seu titular, passava automaticamente com as mesmas condições ao filho varão.

Contudo, o Visconde de Torre Bela, sentiu a necessidade de vender esta propriedade em 1814, recorrendo a “um alvará régio para sub-rogar alguns bens vinculados e neles foi incluída a Fajã dos Padres”¹⁰, onde pediu à realza, a autorização para substituir alguns bens que já estavam vinculados, vendendo assim os seus terrenos.

A propriedade foi comprada pela família Neto, já com a crise vinícola vigente, em 1852, que viu o vinho malvasia, celebre internacionalmente, ser reduzido.

A propriedade voltou a ser negociada a D. Júlia de França em 1886, época em que tinha cerca de 40 habitantes dedicados essencialmente à pesca. Esta incentivou o cultivo da cana-de-açúcar, “como solução para reabilitar a economia que se encontrava profundamente debilitada com a crise do comércio e da produção do vinho”¹¹.

9 - HENRIQUE, Henrique de Noronha - **Memórias Seculares e Eclesiásticas**, edição de 1996. pág. 222

10 RIBEIRO, João Adriano – **A Fajã dos Padres**, Sociedade Agrícola Fajã dos Padres, Grafimadeira Lda. pág. 9

11 VIEIRA, Alberto; FERNANDES, Abel Soares; JANES, Emanuel; PITA, Gabriel – **História da Madeira**, Secretaria Regional de Educação, Editorial Eco do Funchal, Setembro 2001. pág. 175

11 - Os proprietários da Fajã dos Padres

Proprietários	Compra	Venda
João Gonçalves Zarco	1º proprietário	Descendência (filho)
João Gonçalves Câmara	João Gonçalves Zarco (pai)	Descendência (filho)
Fernão Gonçalves Câmara	João Gonçalves Câmara (pai)	Jesuítas
Jesuítas	Fernão Gonçalves Câmara	Hasta pública
António João Bettencourt	Hasta pública	Hasta pública
António João C. Henriques	Hasta pública	Descendência (filho)
Fernando Henriques - 1º Visconde Torre Bela	António João C. Henriques	Tristão Joaquim França Neto
Tristão Joaquim França Neto	Fernando Henriques - 1º Visconde Torre Bela	Descendência (filha)
D. Ana Neto	Tristão Joaquim França Neto	Jaime Neto
Jaime Neto	D. Ana Neto	Descendência(filho)
João Atouguia Neto	Jaime Neto (pai)	D. Júlia Neto (irmã)
D. Júlia Neto	João Atouguia Neto	Eugénia de França Neto Dória (sobrinha)
Eugénia de França Neto Dória	D. Júlia Neto	Joaquim Carlos Mendonça
Joaquim Carlos Mendonça	Eugénia Dória	Henrique de Mendonça

No princípio do século XX, Manuel de França Dória adquiriu esta propriedade, casando-se com D. Eugénia Atouguia França Neto, sobrinha de D. Júlia, passando os seus bens para esta. Manuel construiu a casa da cisterna e comprou as maquinarias a carvão, para elevar a água do mar, para ajudar a irrigação de toda esta área.

Novamente esta propriedade passa pela compra e venda e entrou na posse dos actuais proprietários, a família Vilhena de Mendonça.

Proprietários que contribuíram para o desenvolvimento da Fajã dos Padres

Jesuítas

Os jesuítas instalaram-se na Ilha da Madeira em 1569, para poderem estabelecer e dirigir o ensino nesta ilha.

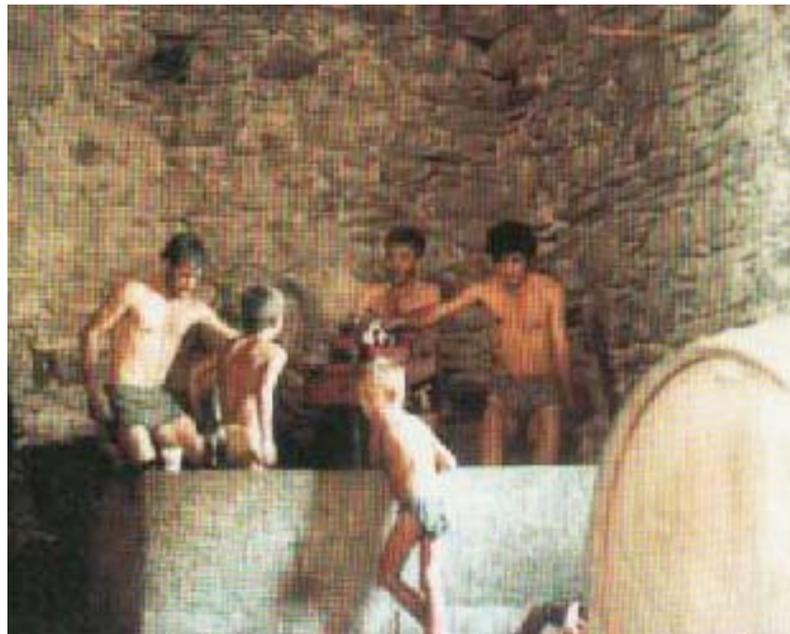
Os padres da Companhia de Jesus, ainda adquiriram a Quinta Grande e a Fajã dos Padres, em 1595.

Os jesuítas, neste pequeno pedaço de terra, denominado Fajã dos Padres, tutelavam trabalhadores e caseiros. Trabalhavam na terra e experimentavam tudo quanto desse lucro, e também procuravam produzir muito mais vinho através do aumento a vinicultura. Os padres da companhia de Jesus, em termos agrícolas, eram pioneiros em certas inovações, devido às pressões que exerciam sobre alguns colonos.

Relativamente ao transporte, o vinho era conduzido para o Funchal, Inglaterra, “um dos primeiros destinos”¹³, Brasil, entre outros e esse transporte era feito com recurso ao barco. No porto da Fajã e do Funchal havia homens, feitores da confiança dos jesuítas para auxiliarem e inspecionarem tudo quanto entra e sai daquele porto.

As diferentes frutas e hortaliças agrícolas que se vendiam no Funchal, eram quase todas produzidas na Fajã dos Padres, pertencentes aos jesuítas,

11 e 12 - Vinho Malásia



13 - Vindimas



como também os mantimentos fornecidos aos barcos de grande porte. Contudo, os jesuítas detinham grande poder e controlo, tanto que se aproximavam dos proprietários, que não possuíam descendentes, para comprar-lhes os terrenos, por uma quantia muito baixa, transmitindo-lhes que deveriam investir uma parte dos seus bens, com vista a purificar a sua alma, visto que os pecados eram muitos, com uma constante ameaça de ir para o inferno.

Em 1663, o padre Sebastião da Lima, reitor, ordenou que fossem conservadas as casas, lagares e plantarem muito mais campos de vinha, incluindo na Quinta Grande, também propriedade dos Jesuítas. Anos mais tarde os jesuítas conseguiram monopolizar o comércio dos vinhos. Os padres da Companhia de Jesus consumiam duas pipas de vinho, meio moio (antiga medição) para fazer as hóstias, isto para as missas.

“A ilha produzia 30000 a 35000 pipas de vinho sendo 10000 exportadas para a Inglaterra e seis barcos carregados de vinho partiam, em cada ano, para o Brasil”¹⁴, que marcou a ilha de “elogios ao vinho malvasia”.¹⁵

Relativamente à reconstrução da capela de Nossa Senhora da Conceição, nunca foi reparada, por causa má acessibilidade, isto, depois da invasão dos corsários.

A propriedade da Família Neto

A Fajã dos Padres passou para as mãos de Tristão Joaquim França Neto, não se sabe como, não existe nenhuma documentação sobre a passagem desta propriedade para a família Neto. Contudo, deparamo-nos com a questão se o Visconde Torre Bela, conseguiu junto dos poderios, anular os laços que se passava o filho mais velho.

¹⁴ RIBEIRO, João Adriano – **A Fajã dos Padres**, Sociedade Agrícola Fajã dos Padres, Grafimadeira Lda. pág. 21

¹⁵ GRANDE, Eduardo – Relatório da Sociedade agrícola do Funchal Santo, Tip. Destricto do Funchal, 1865. pág. 78



Tristão Neto era casado com D. Ana Raimunda França Neto, tendo como seus descendentes Mariana, Ana e Ludovina.

A propriedade foi adquirida com problemas na produção agrícola que se foi agravando, pois havia uma doença no cultivo do vinho que era considerado uma das bases económicas da família. Com a decadência vigente, estimulou-se o cultivo da batata (semilha termo utilizado na Ilha da Madeira), que desde o final do século XVIII, tornou-se numa rotina, o alimento dos pobres. Mesmo assim, o cultivo da batata não atenuou a crise, pois a igreja opôs-se, e afirmou que era “alimento do diabo.”¹⁶

O governador do Funchal, José Silvestre Ribeiro, com a ajuda de D. Júlia Neto, fundou uma instituição, para recolher os desabrigados, designada Asilo de Mendicidade.

Jaime Neto adquiriu devido a uma procuração que D. Ana Neto, filha do Tristão Neto, atribuindo-lhe o poder de vender esta propriedade.

Jaime da França Neto era casado com D Carolina Engrácia Cunha Telo e dela nasceram Júlia, João e Carolina.

Esta família sofreu grandes danos, depois da morte de Carolina, a filha mais nova, tanto que o casal se separou vivendo ela no Funchal e ele na Eira do Serrado, nos Canhas. O Jaime, que vivia nos Canhas, possuía uma empregada, nascida na Fajã dos Padres, o que nos leva a assumir que este frequentasse a Fajã.

Vinte anos mais tarde, Jaime e D. Carolina resolveram fazer uma distribuição dos terrenos e dinheiro de uma forma amigável, entre os dois irmãos e assim foi.

Anos mais tarde, o seu irmão, João Atouguia Neto, estava com dívidas, hipotecando tudo quanto tinha. Sua irmã, D. Júlia veio à Madeira, pagou as suas dívidas e adquiriu na sua totalidade, os terrenos de João Atouguia Neto, seu irmão.

¹⁶ RIBEIRO, João Adriano – **A Fajã dos Padres**, Sociedade Agrícola Fajã dos Padres, Gráfica Madeira Lda. pág. 42

Em 1886 a Fajã dos Padres era propriedade de D. Júlia Atougia França Neto, com cerca de 40 habitantes. Tratava-se de um pequeno pedaço de terreno rústico cultivado, com cana-de-açúcar, verduras, árvores de fruto e até produziam algum vinho.

Esta proprietária aquando nova, foi instruída pelos melhores professores de canto e piano, (Paris e Génova), chegando mesmo a cantar com Morelli, na ópera de Paris. D. Júlia Neto, cantora ilustre, reconhecida internacionalmente, fixou-se na Ilha da Madeira, no qual resplandeceu na cidade do Funchal.

A irmã de João Neto, D. Júlia tinha um espírito bondoso, fez inúmeros espectáculos em favor do Asilo de Mendicidade, em benefício dos humildes. Os espectáculos tiveram lugar na maior casa de Ópera daquela época (1770 a 1793), que localizava-se no Largo da Restauração, como também numa escola logo depois da demolição do Teatro do Bom Gosto, após a guerra civil.

Contudo esta cantora totalizou 333.000 réis e distribuiu por diversas instituições tal como ao Asilo de Mendicidade, à Misericórdia, ao Convento das Mercês.

D. Júlia França Neto nunca se casou portanto deixou os seus bens a D. Eugénia de França Neto Dória, filha de João de Atouguia, sua sobrinha como também deixou 100000 réis para o Asilo de Mendicidade.¹⁷

D. Eugénia Atouguia França Neto Dória tornou-se proprietária casando-se com Manuel de França Dória.

Manuel Dória andou no exército e concluiu o Liceu. Este viu grandes transformações, a nível de abastecimento de água, de forma a amplificar a produtividade na Fajã dos Padres, ou seja este abriu uma cisterna com a maquinaria a vapor para ajudar com a extracção da água, de marca Tancyne Patents Birmingham.

¹⁷ Relatório apresentado à junta geral do distrito do Funchal, pelo governador Jacinto António Perdigão, Funchal, Imp. Nacional, 1866. pág. 9

“Foi examinado em 14 de Setembro de 1911. Era um motor horizontal fixo e Monocilíndrico, com acendedor eléctrico e que consumia antracite 500 gramas por cavalo/ hora. O volume interior do cilindro era 0.008545 m³ e os papéis dos êmbolos 0,405 m. A velocidade dos êmbolos era de 300 voltas por minuto”¹⁸.

A 3 de Novembro de 1921 Eugénia de França Neto Dória, juntamente com seu marido Manuel França Dória resolveram vender a propriedade da Fajã dos Padres, a Joaquim Carlos Mendonça.

Os Mendonça

A propriedade da Fajã dos Padres foi vendida a Joaquim Carlos Mendonça, pelo seu deslumbramento com esta propriedade como também pelas dificuldades económicas vividas pelo seu antigo proprietário, devido aos problemas de saúde da filha de Manuel de França Dória.

A fascinação de Joaquim, nasceu pela sucessiva passagem de barco, desde o Funchal até aos Canhas, ou seja a Fajã dos Padres situa-se a meio de ambos estes destinos.

Joaquim Carlos Mendonça era casado com D. Maria Isabel Vilhena e deste casamento nasceram nove filhos: Maria de Mendonça, Augusto de Mendonça, Luís de Mendonça, Eduardo de Mendonça, Joaquim de Mendonça, Maria Cristina de Mendonça, Maria Beatriz de Mendonça e Carlos de Mendonça, Henrique de Mendonça.

Esta família numerosa inicialmente vivia no Funchal, apesar de possuírem uma outra alternativa habitacional nos Canhas, mas Joaquim sempre que passava em frente desta propriedade maravilhava-se.

¹⁸ RIBEIRO, João Adriano – **A Fajã dos Padres**, Sociedade Agrícola Fajã dos Padres, Grafimadeira Lda. pág. 41

Este não comprou mais cedo, por motivos familiares, da sogra que vivia nos Canhas, e de a ter de acompanhar. Contudo, isto mudou com a sua morte, a 26 de Maio de 1921, cessando a obrigatoriedade moral do genro de assisti-la.

Após a morte de Joaquim, sucedeu-lhe o seu filho, Henrique de Mendonça, permanecendo nesta propriedade da Fajã dos Padres, no qual, passava a seu encargo, libertar algumas benfeitorias e analisá-las para reproduzir as culturas mais rentáveis. “Como forma de preservar a unicidade da propriedade, que tanto labor havia custado a seus pais e que, de certa forma, constituía a imagem de marca da família, os proprietários resolveram constituir a Sociedade Agrícola da Fajã dos Padres, por escritura de 1964”¹⁹

Os proprietários desde 1768 andam a explorar os colonos ou os caseiros, pois segundo o governador estes possuíam as despesas todas da plantação e apenas lhes confinava metade da produção, e se houvesse uma má colheita perdiam dinheiro. Este era encarado como um contrato de arrendamento pois ao entregarem metade da colheita era como se fosse em dinheiro.

Os caseiros residentes nesta propriedade eram o Joaquim Fernandes; Manuel Fernandes Carrapaz; Manuel Fernandes Rancheiro; João Fernandes Marinheiro (machiqueiro); Francisco Fernandes; Ana de Jesus; Francisco Gonçalves e Augusta Gonçalves; Manuel Gonçalves Soldado; Manuel Gonçalves dos Santos; Manuel Gonçalves Augusto; Manuel Gonçalves; Manuel Gonçalves Henriques; Manuel Gonçalves Loja; Luís Gonçalves; João Gonçalves; Justiniano de Jesus Gonçalves; Manuel Rodrigues Bolota e António Aguiar.

19 RIBEIRO, João Adriano – **A Fajã dos Padres**, Sociedade Agrícola Fajã dos Padres, Gráfica-madeira Lda. pág. 58



16 e 17 - Maria Gonçalves e Eugénia Gonçalves



Última família a residir na Fajã dos Padres

Segundo o que logrei aprimorar, com a história das últimas residentes da Fajã dos Padres, aquando a família ainda permanecia naquela área, com o proprietário, Henrique Mendonça.

Estas senhoras, duas irmãs solteiras, Maria Júlia Fernandes Gonçalves, de 70 anos e Eugénia Guilhermina Fernandes Gonçalves, de 69 anos, residiam com seus pais e irmãos. Partiram desta área no dia 2 de Novembro, há 44 anos atrás, que nem elevador, nem porto de cabotagem possuía. Segundo estas senhoras estes acessos foram construídos há 20 anos, mas muito mal erguidos, principalmente o porto de cabotagem.²⁰

A família Gonçalves, com excepção do pai da família, não apreciava este local, devido a acessibilidade ao resto da ilha. Seu pai era marinheiro e só encontrava-se na sua residência de três em três semanas, ou às vezes, de duas em duas semanas. Este adorava este sítio calmo e quando necessitasse sair, ia de barco, não necessitava saltar de pedra em pedra ou andar pelas veredas da falésia. Para a sua família, já as coisas eram vistas de outra maneira. Quem está diariamente, num sítio isolado, que precisa sair da Fajã dos Padres, por questões económicas é um bocado difícil, não querer sair deste local. Estes venderam tudo o que tinham por 100 mil escudos, que segundo Maria e Eugénia, só deu para o funeral do seu pai e para pouco mais.

Seu pai era marinheiro do barco designado Gavião, “barco grande”, mas previamente havia mais barcos: Lili, Margarida, Core, Tigre, Ponta do Sol, Blandre, Leão “ainda maior que o Gavião”.

A família Gonçalves alimentava-se da pesca, dos frutos que a horta dava, e do dinheiro que recebiam do cultivo. Estes saltavam de pedra em pedra até ao Calhau da Lapa, para poder aceder ao Campanário para então vender os seus produtos agrícolas.

²⁰ Entrevista à última família a residir na Fajã dos Padres.



CAPÍTULO II

Fajã, presente

18 - Vista actual da Fajã dos Padres



19 - Zona de intervenção



20 - Zona recuperada pelo senhorio



A Fajã na actualidade

No último século, à semelhança de outras pequenas aldeias no interior da ilha da Madeira, a Fajã dos Padres sofreu um processo de desertificação considerável, provavelmente devido ao difícil acesso, levando a fixar a população de outrora nas freguesias da Quinta Grande e Campanário.

O seu actual proprietário, Mário Eugénio Jardim Fernandes, genro de Henrique Mendonça recuperou algumas casas para o desenvolvimento da actividade turística.

Este atractivo agrícola, a paisagem envolvente, o património arquitectónico e a cultura da Fajã dos Padres são alguns dos grandes encantos turísticos deste local. Apresenta, igualmente, características naturais muito particulares que favoreceram e condicionaram no passado todos seus proprietários, bem como os escravos, colonos e caseiros.

Para além disso, a Fajã dos Padres oferece-nos condições climatéricas privilegiadas, com a baixa altitude e a contínua evaporação marítima, em simultâneo com a acção do sol, desde o nascer do dia, até que este se retire, atendendo à falésia que ladeia o local, sendo esta uma das grandes vantagens, visto ser constituída por rochas vulcânicas a norte, que absorvem convenientemente o calor. As populações apropriaram-se muitas vezes destas rochas, nos fornos caseiros, para aquecerem e guardarem o calor, especialmente durante as noites de inverno, aquando a temperatura ambiente é sempre mais alta do que no resto da ilha da Madeira, funcionando este local como uma estufa natural, um autêntico nicho ecológico.

Acessos

O percurso principal utilizado pela maioria das pessoas que visita a Fajã dos Padres, é feito com recurso ao elevador, que nos leva ao ponto de maior afluência, ao bar.

Existem dois elevadores, o monta-cargas ou elevador de serviço, que



23 - Elevador público



24 - Elevador de serviço



habitualmente transporta os funcionários e os proprietários, e ainda o elevador panorâmico, que acompanha a falésia e permite às pessoas usufruir de toda a costa sul da ilha da Madeira.

O elevador de serviço encontra-se em muito mau estado mas, apesar disso, ainda opera. Transporta cerca de 4 pessoas e localiza-se à cota da Rua Padre António Rodrigues Dinis Henriques. No entanto, no momento de relação com a cota baixa, o elevador de serviço, também revela dificuldades funcionais no que diz respeito ao seu ponto de contacto com a Fajã dos Padres.

Relativamente ao elevador panorâmico, é necessário descermos cerca de 90 degraus, para acedermos ao mesmo. Este poderá transportar cerca de 16 pessoas e, relativamente ao seu ponto de chegada, teremos que voltar a descer cerca de 40 degraus para acedermos à mesma “praça” que o outro acesso vertical, o elevador de serviço.

O local também é acessível por via marítima, através de um pequeno porto de cabotagem, para aqueles que gostam de usufruir da paisagem ao longo da costa.

Caracterização urbana

A aldeia, implantada à beira-mar, localiza-se no pequeno monte na Fajã dos Padres e é interligada em toda a sua extensão por um percurso pedonal principal, que vai desde os elevadores, passando pelo bar/ restaurante, até um pequeno aglomerado de casas, que remonta aos tempos dos colonos.

A algumas das casas, em homenagem aos colonos que as habitaram, foi-lhes atribuído o nomes dos respectivos proprietários, atendendo quase sempre, às actividades que exerciam. Servem de exemplos: a casa do marinheiro, a casa do José Soldado 1 e 2, a casa mãe (onde os senhores residiam), casa do barco, casa da Seifia, casa da Júlia e ainda um lagar e uma adega, perfazendo um total de dezassete casas na Fajã dos Padres.

As casas estão localizadas no pequeno monte situado à beira-mar, não ao

25 - Ribeira da Quinta Grande



26 - Levada



acaso, mas devido ao contínuo desmoronamento das rochas e das tempestades, numa altura em que a população residente respeitava muito a natureza, tanto que, não erguiam junto às ribeiras, pois se houvesse alguma tempestade, como 20 do Fevereiro de 2010, onde os caudais das ribeiras transbordavam, as casas que supostamente estariam junto às ribeiras, seriam certamente destruídas. O mesmo acontecia, se a população possuísse casas mesmo junto à montanha de rocha vulcânica.

A Fajã dos Padres possui duas ribeiras que acompanham a falésia, com sensivelmente 350 metros de altura, localizadas nas suas extremidades: a ribeira da Vera Cruz que se encontra a poente e a ribeira da Quinta Grande, a nascente, como também um mini canal de água, localmente denominado por “levada”, que atravessa na horizontal, a grande rocha vulcânica, a baixa altitude, quase à mesma altimetria que as casas da Fajã dos Padres.

O termo “levada”, originário no século XVI, deriva da palavra “levar”. Este mini canal foi construído com o intuito de transportar a água desde o Norte da ilha, onde atinge cerca dos 1800 metros, até Sul, uma vez que a precipitação é mais intensa, na parte Norte da Madeira, do que na parte Sul, principalmente no Verão. Estes canais são uma infraestrutura importante de apoio à actividade agrícola.

Actualmente, a propriedade da Fajã dos Padres, está agregada a uma sociedade agrícola e é irrigada com a água transportada do norte, através destes mini canais, onde muitas vezes é acondicionada em reservatórios.

Esta porção de terra possui um microclima favorável ao cultivo de várias espécies como a manga, o abacate, a banana, as uvas, a papaia, a pitanga, o figo, o maracujá, a batata-doce, a batata (semilha), o tomate, a cebola, a alface e o pepino.

Relativamente aos percursos pedonais, que interligam o pequeno aglomerado de casas com o bar e que, por sua vez, estabelecem ligação com os principais acessos (o elevador e o porto), são constituídos por diferentes materiais,

27 - Calhau rolado de 1cm



28 - Calhau rolado de 10 cm



29 - Relva e betão



30 - Pedra roladiça e betão



31 - Terra e relva



que identificam diferentes épocas de construção. O mais antigo é feito com recurso à pedra basáltica roladiça, mais conhecida por “calhau”, cuja granulometria varia de 1 a 10 cm. Existem outros percursos mais recentes construídos com betão (argamassa), que é conjugado com a relva, calhau rolado e a terra.

O “calhau” surge junto ao edificado, iniciando-se na casa do barco, passando pela casa do marinheiro, pelo lagar e pela casa do palheiro. Estende-se, igualmente, aos percursos pedonais perpendiculares às casas, dando lugar a outro tipo de pavimento que conjuga o betão com outros materiais.

Para uma melhor percepção da caracterização urbana, esta zona foi agrupada em três sectores.

No Sector 1, situam-se os acessos à Fajã dos Padres, - elevadores, o pequeno porto de cabotagem, e a praça de grande afluência, que por sua vez comunica com o pequeno bar, situado no centro dos dois acessos. Este sector localiza-se na parte nascente.

No sector 2, situado a Este do único acidente topográfico existente, deparamo-nos com a casa do palheiro, onde funciona a recepção para os turistas; uma antiga capela, que noutros tempos, desencadeava uma grande afluência de pessoas à pequena praça ou adro, proporcionando um lugar de convívio, constituindo assim, uma das zonas mais frequentadas da Fajã dos Padres. Actualmente funciona como lagar e adega, desde que os corsários expropriaram todo o seu património de arte sacra; a casa da mãe ou a do senhorio, que detinha uma pequena casa antiga para os empregados pernoitarem; um conjunto de quatro casas em ruínas e uma que funciona como lavandaria. Esta aglomeração de casas que se sucede à casa do senhorio, estão em mau estado de conservação. Conforme será observado, no próximo capítulo, o sector 2 será a zona seleccionada, para alvo de intervenção nos imóveis com possibilidade de recuperação. Neste contexto serão igualmente ponderados os acessos, atendendo à dificuldade de mobilidade dos idosos e deficientes.

 -Sector 1

 -Sector 2

 -Sector 3

Escala: 1/5000

 N



No sector 3, encontramos as já referidas casas de habitação, as quais o senhorio, Mário Jardim Fernandes, reconstruiu exclusivamente para a actividade turística e que se localizam na parte Oeste da Fajã dos Padres. Este sector encontra-se numa das zonas mais calmas deste lugar.

Caracterização arquitectónica

Como foi mencionado anteriormente, a população tinha um grande respeito pela natureza, daí a opção por construir no ponto mais alto daquele lugar.

Contudo as diferentes casas possuíam uma diferente adaptação ao terreno envolvente, muito mais evidente no monte, devido às ligações com as distintas cotas.

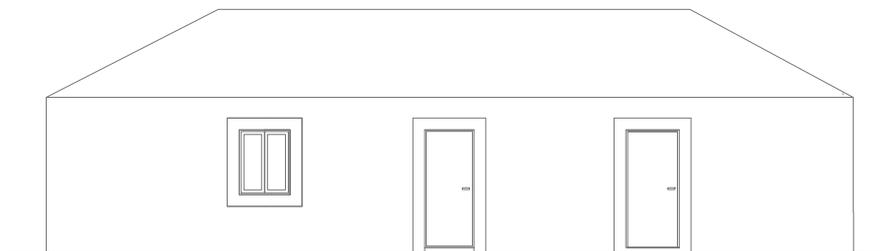
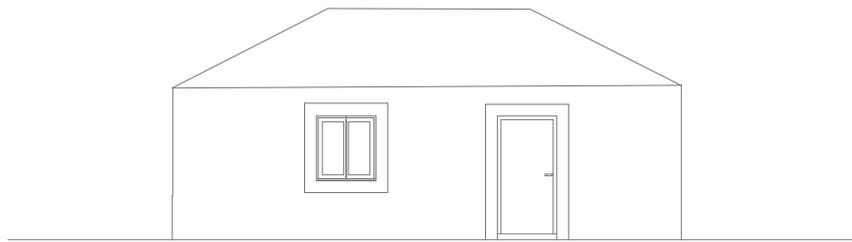
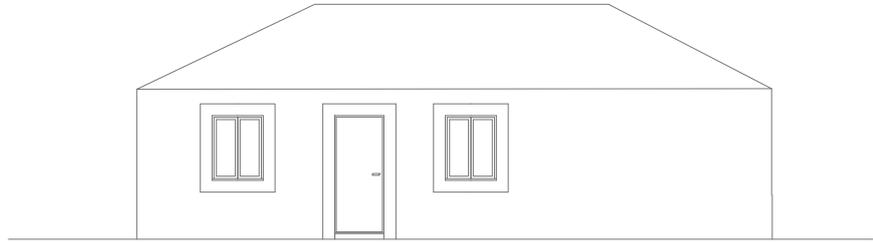
Ergueram-se as casas adaptadas à topografia local muitas vezes adossadas aos muros de suporte e dispostas de modo a libertar extensões de terrenos para o cultivo.

Umas das condições físicas que dificultaram a construção de cada uma destas casas, foi a sua acessibilidade à Fajã dos Padres, atendendo sempre às exposições solares, que neste caso era uma das causas importantes, que detinham as populações desta zona.

Tipologias e funções

Na Fajã dos Padres deparáramo-nos com dois tipos de edifícios, ambos com a mesma base construtiva, que foi alterada ao longo do tempo, de acordo com os recursos da população e com as inovações que o desenvolvimento socio-económico proporcionou.

32 - Esquema tipo 1



Tipo 1

Um destes tipos, são as casas de só um piso, construídas com pedra vulcânica, à semelhança do que ocorreu como regra nos tempos em que a Ilha da Madeira era povoada por colonos ou caseiros que trabalhavam arduamente no cultivo das terras.

Estas casas, maioritariamente, situavam-se na parte Poente e destinavam-se à residência dos agricultores. Elas funcionavam num piso único, apresentavam planta rectangular e possuíam coberturas de quatro águas. Servem de exemplo, a casa da vinha, a casa do José Soldado 2, a casa da tia Maria, a casa da Seifia e a casa da Júlia.

Relativamente à fachada principal, as casas de um piso, possuem três regras, no que diz respeito à distribuição dos vãos pela fachada: uma das casas possui uma porta central com uma janela de cada lado (nem sempre ao centro do alçado), a outra possui uma porta e uma só janela e a última tipologia consta de duas portas e uma janela lateral. As dimensões das fachadas vão alterando entre 2 a 5 metros de comprimento, por 2.20 metros de altura.

Propomos ver esquema das fachadas na figura 32.

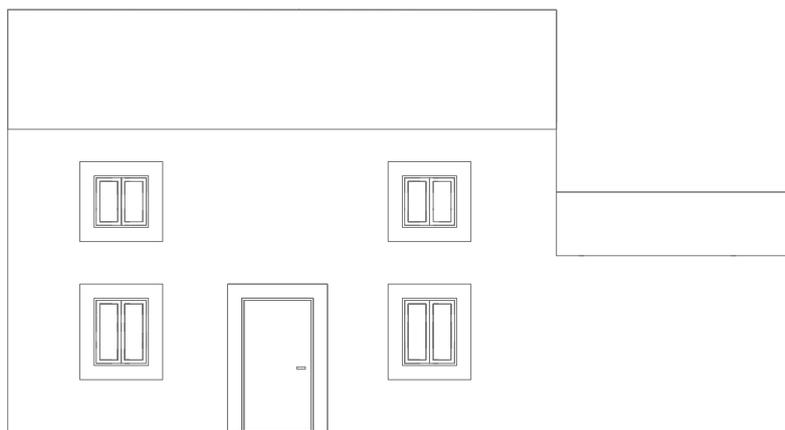
Interiormente, as casas que foram reabilitadas pelo senhorio, apresentam uma instalação sanitária, um quarto e uma área de estar associada a cozinha. As que não foram reabilitadas, encontram-se em mau estado de conservação, localizando-se no sector 2.

Segundo o que logrei apurar, havia uma separação entre as habitações e as cozinhas: existia uma barreira física – uma parede de alvenaria de pedra – impedindo o acesso ao seu interior. Neste contexto a cozinha localiza-se no exterior e consubstancia-se como um lugar para o desenvolvimento de actividades domésticas.

Esta tipologia surge-nos como “tipologia-mãe”²⁰, pois foi através dela, que se evoluiu para a outra.

²⁰ MESTRE, Victor – Arquitetura Popular da Madeira, Editora Argumentum – Edições Estudos e Realizações, 2001/2002. pág.125

33 - Esquema tipo 2



A casa do palheiro, primeiramente de só um piso, era utilizada para o abrigo de animais. Possuía uma cobertura de duas águas e a sua natureza construtiva era elementar e pobre.

Ainda integradas nesta primeira tipologia de um piso, encontramos as casas em esquadria que, como o próprio nome indica, surgiram devido a um compartimento que se encontra na perpendicular, em relação ao compartimento seguinte. Servem de exemplos, a casa do José Soldado 1, de habitação e uma das casas em ruínas, também de habitação. A sua cobertura resulta, igualmente, de um somatório de coberturas, neste caso duma cobertura com 4 águas, com outra de 3 águas.

Tipo 2

O outro tipo é constituído por edifícios de dois pisos “(...) aproveita o desnível natural do terreno, ganhando assim mais um piso ou uma metade de um piso, conforme a constituição do terreno onde estiver implantado (...)”²¹. Servem de exemplo, a casa do senhorio, a actual casa do palheiro e Central Hidroeléctrica, que aparenta ter dois pisos, e foi erguida pelo proprietário Mário Eugénio Fernandes, que tomou posse destas terras e labora como engenheiro eléctrotécnico. “Assim especialmente o inverno aproveita a queda da água, para gerar a energia que vende à Empresa de Electricidade chegando a produzir 1500KW”².

Deparamo-nos com as casas de dois pisos na zona central da Fajã dos Padres, no sector 2. Estas constituem uma evolução da casa elementar de

21 - MESTRE, Victor – **Arquitectura Popular da Madeira**, Editora Argumentum – Edições Estudos e Realizações, 2001/2002. pág.131

22 RIBEIRO, João Adriano – **A Fajã dos Padres**, Sociedade Agrícola Fajã dos Padres, Grafimadeira Lda. pág. 81.

um piso, aproveitando o desnível do terreno e beneficiando com os muros de suporte construídos na sua continuidade. São exemplos, a casa do senhorio, a casa do Palheiro (actualmente), a casa do marinheiro, a antiga capela, que após a invasão dos corsários foi modificada para lagar/adega, passando a capela para o piso superior e, por último, a Central Hidroeléctrica, que já se encontra inserida numa das casas modernas, construída já no século XX e que se encontram um pouco por toda a ilha da Madeira.

As casas de dois pisos continham uma varanda, localmente chamada de balcão, a partir do qual existia acesso a cada quarto, neste caso, considerando a casa do senhorio. Relativamente ao piso inferior, acomodavam duas lojas, não comunicantes entre si, separadas por uma parede de tabique, muito utilizado na altura, que se caracteriza como sendo uma parede de reduzida espessura e integrando materiais vernaculares como a madeira, canas da Índia, argamassas pobres e estuque. Numa relação directa com a casa do senhorio, encontramos também, na lateral, uma antiga construção – um pequeno anexo, onde deveriam dormir os empregados.

No que diz respeito à cobertura, esta possui nos remates do cume dos beirados uma decoração que denunciava que a construção pertencia a pessoas abastadas.

Se observarmos as casas de dois pisos, na sua totalidade, verificamos que não apresentam, por regra, nenhuma ligação interior entre o piso inferior e o piso superior. Por norma, a conexão entre os dois pisos é feita pelo exterior. A excepção a esta regra verifica-se na casa do marinheiro, que detinha uma escada interior, à qual se acedia através de um alçapão. De acordo com as iniciativas de manutenção e reabilitação preconizadas por mim para a casa do senhorio, esta consta de uma ligação funcional entre pisos, como na casa do marinheiro, de modo a alcançar uma maior intercomunicação entre espaços.

Nesta habitação, a cozinha está anexada à casa principal, ligando-se aos compartimentos, ao contrário dos seus primórdios, onde a cozinha não possuía

34 - Murete / banco



35 - Murete / banco



36 - Murete / banco



acesso à casa principal, ou seja passava a fazer-se o acesso pela fachada principal. Na actualidade, a casa comunica toda ela entre si: a cozinha comunica com a sala, através de uma abertura na parede mestra, que por sua vez, possui um acesso ao piso superior onde se encontra um quarto, que outrora eram “dois quartos”. A cozinha era, e ainda hoje é, equipada com um forno, que constituía uma fonte de calor, durante o inverno.

A casa do palheiro, primeiramente, possuía um piso. No entanto, após a requalificação feita pelos senhorios, passou a ter dois pisos. Ela possui um acesso exterior ao piso superior, que alberga uma residência temporária para turistas. Este piso, espacialmente, é constituído por uma sala que comunica tanto visualmente, como fisicamente com a cozinha, sem nenhuma divisória. A instalação sanitária situa-se a meio, entre a sala e o quarto.

No piso inferior situa-se a recepção, bem posicionada em relação aos percursos, com ligação aos vários pontos de chegada à Fajã dos Padres.

Contudo, as diferentes casas possuem uma diferente adaptação ao terreno envolvente, e conforme mencionado em todas as casas de dois pisos, acede-se ao piso superior pelo exterior, mantendo-se a percepção de que estas só possuíam um piso, mas havendo a sensação de que aquando circulamos em retorno destas, que as mesmas possuem dois pisos. Existem dois tipos de distribuição dos vãos na fachada: o primeiro é de uma porta ao centro, com uma janela a cada lado, sobrepostas de duas janelas no piso superior; a outra, é de duas portas no piso térreo e de duas janelas no piso superior.

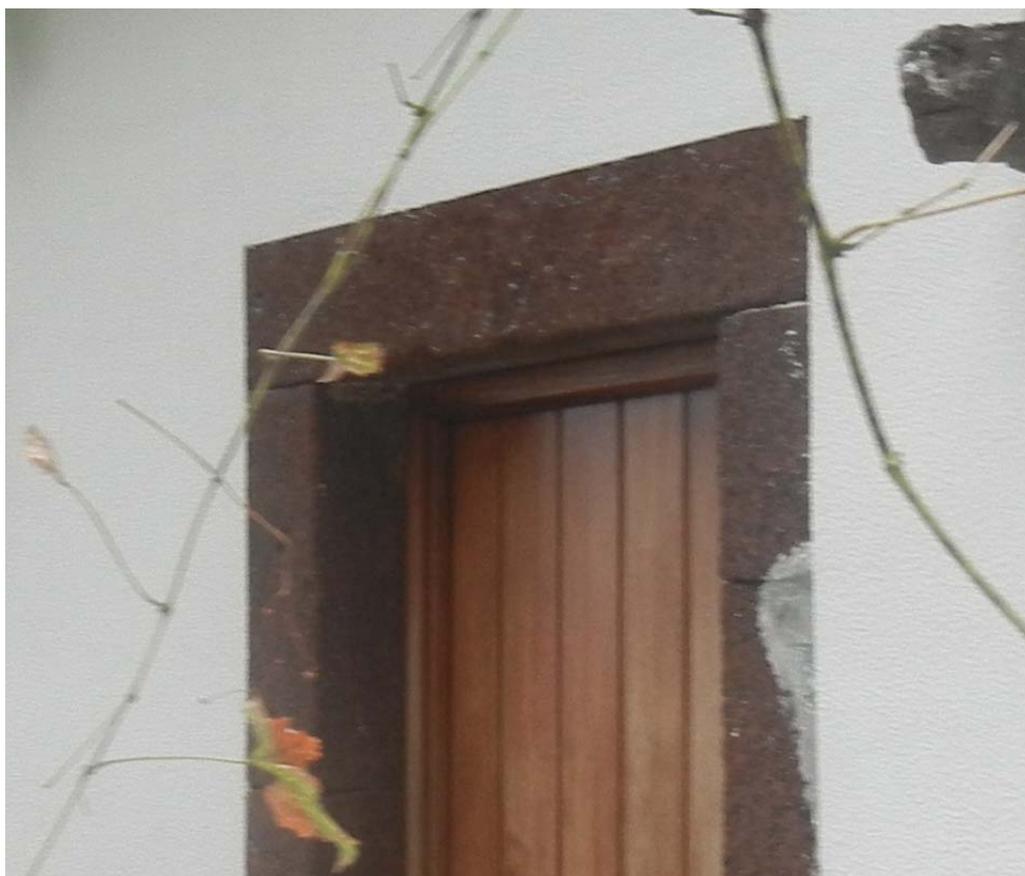
Todas as casas integram um murete, que adquire a expressão de um pequeno banco, que quase inevitavelmente, acompanha a totalidade da fachada Norte das casas. Este murete revelava uma grande multifuncionalidade. Servia como assento para bordar e possibilitava o auxílio no trabalho do dia-a-dia. No topo deste murete, eleva-se uma estrutura em madeira para sustentar a vinha, que se encastrava na parede da casa.

O pátio que antecede a casa, localmente denominado “terreiro”, definido

37 - Vão de pedra basáltica
cinzenta escura



38 - Vão de pedra basáltica
avermelhada



por um murete e calcetado com a pedra basáltica roladiça, é um espaço vocacionado para a execução de tarefas domésticas, na continuidade dos trabalhos agrícolas.

Materialização e construção

Esta arquitectura enquadra-se dentro da arquitectura popular madeirense, praticamente sem ornamentos.

Os “mestres” da construção aplicaram materiais associados à tradição e arreigados aos recursos naturais locais, como a pedra basáltica vulcânica, o calhau rolado, as areias e a madeira.

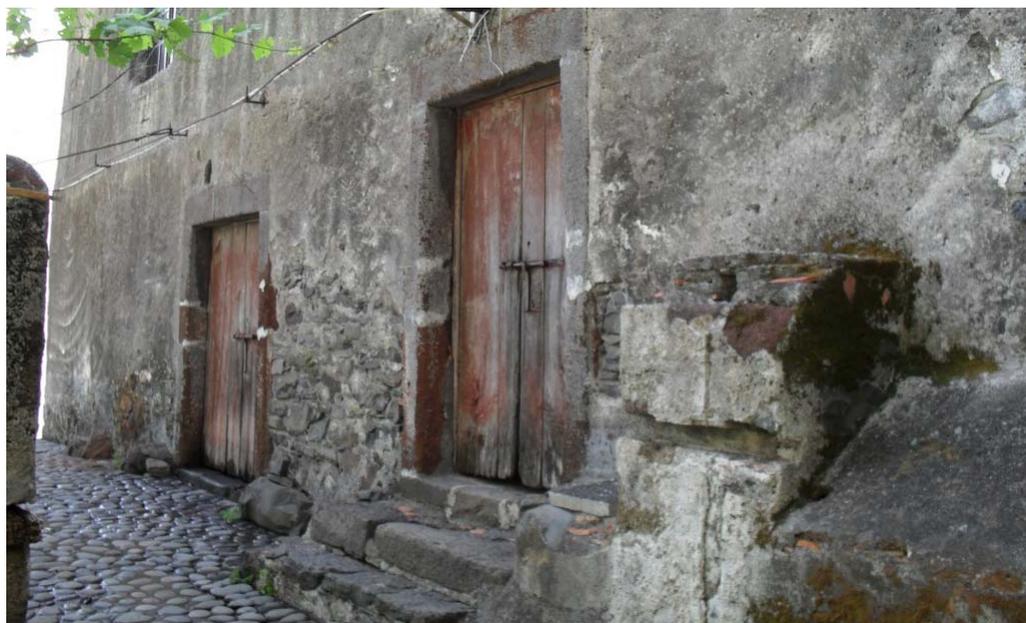
As pedreiras, as ombreiras e os peitoris, são muitas vezes revestidos com pedra basáltica, de cor cinzento-escuro, ou muitas vezes com uma pedra avermelhada, que no caso madeirense, lhe dá um especial destaque. Ainda dentro dos materiais de construção utilizados na Fajã dos Padres, observamos a utilização da telha de canudo ou seja da cerâmica vermelha empregada no revestimento da cobertura e no beiral de todas as casas. O revestimento dos muros/paredes era feito com uma “tinta” – o “caiar” das casas, que lhe dava uma textura esbranquiçada, caracterizada em toda a Ilha da Madeira.

“Alguns destes materiais, que surgem por força da necessidade, acabam por emprestar “involuntariamente” as suas qualidades plásticas à composição arquitectónica”²³.

As casas da Fajã dos Padres caracterizam-se como sendo casas com um pendor rústico. Contudo estas possuíam um balcão, normalmente no segundo piso, no exterior, coberto com uma estrutura feita de madeira, que serve

23 MESTRE, Victor – **Arquitectura Popular da Madeira**, Editora Argumentum – Edições Estudos e Realizações, 2001/2002. pág.181

39 - Uso da madeira em portas



40 - Uso da madeira nas portadas das janelas



41 - Janelas e portas rehabilitadas



de parreira disposta sobre um local de lazer e de convívio.

Relativamente aos vãos, nomeadamente as janelas e portas, os caixilhos em madeira, vieram substituir as antigas portadas com molduras, que se seguiram à “meia janela” envidraçada fixa. As aberturas dos vãos eram assim maiores, garantindo-lhes maior iluminação, como também uma renovação do ar.

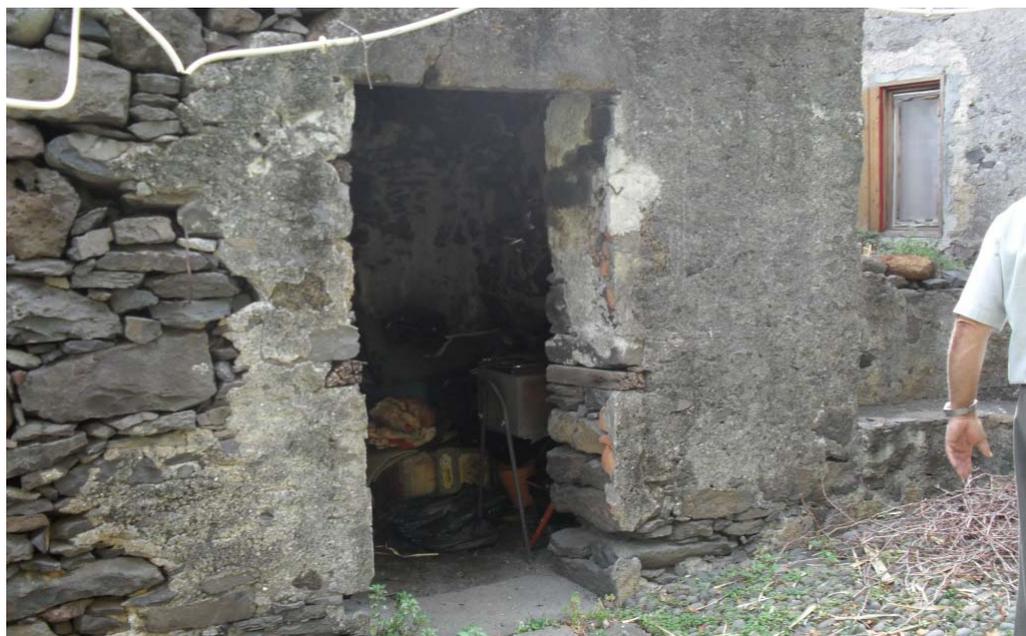
A utilização intensiva da madeira permitiu o conhecimento das qualidades específicas, das espessuras existentes e o aprimorar das várias técnicas construtivas. Como foi mencionado anteriormente, existem vários tipos de madeiras, “o vinhático, o til, mas também o cedro (*juniperus oxicedrus*) (...)”²⁴, muito utilizados no soalho e nas estruturas das coberturas, garantindo uma maior leveza e durabilidade. O castanheiro e o pinheiro eram utilizados para a estrutura, as portas, janelas e portadas, o castanheiro e o pinheiro, com uma maior frequência, pois eram os tipos de árvore predominante, espalhadas um pouco por toda a ilha; o barbusano servia de estrutura de suporte para um elemento verde que reveste, neste caso a vinha, e também era utilizado nos palheiros para o revestimento exterior.

As portas, estas terão passado por uma fase de evolução: primeiramente as portas de pranchas, que normalmente se apresentavam com uma forma tosca, devido aos poucos recursos que haviam, apresentando-se de madeira de castanheiro ou de pinheiro, muito abundante na Ilha da Madeira.

O uso da madeira tem uma longa tradição a nível da construção, pois havia “uma grande quantidade e variedade de madeira que provinha de

²⁴ MESTRE, Victor – **Arquitetura Popular da Madeira**, Editora Argumentum – Edições Estudos e Realizações, 2001/2002. pág.200

42 - Casa em ruínas



43 - Casa do senhorio



44 - Lagar / adega



uma densa floresta que se espalhava até às cotas mais baixas”²⁵.

Comparativamente às portas, as janelas também terão evoluído, com os aperfeiçoamentos e as descobertas de novos materiais, exemplificando com o vidro.

As janelas primitivas não possuíam vidro, mas sim portadas, com um pequeno orifício, permitindo que esta receba luz natural, como também actue a renovação do ar.

Relativamente às chaminés, podemos caracterizá-las como toscas e robustas, de grandes dimensões, podendo ser apontada a chaminé da casa do marinheiro.

Construtivamente, estas são erguidas em pedra, e podem possuir uma forma prismática, com base quadrangular, bem como uma forma cilíndrica, caso em que por vezes, a zona por onde se extrai o fumo, no cume da chaminé, detém uma forma quadrangular.

É notória a eficácia das soluções utilizadas na Fajã dos Padres, nas quais a escolha dos materiais se prende predominantemente com as próprias características geológicas dos solos onde se erguem as estruturas, o que permite reconhecer uma inteligente economia de meios²⁶.

As casas da Fajã dos Padres eram muito humildes e rústicas, comparativamente às casas do funchal. Detinham paredes feitas com pedras, aparelhadas ou não, dependendo se eram ou não rebocadas. As casas rebocadas, principalmente as mais modestas, eram erguidas em pedras irregulares recolhidas no local, assim como todos os tipos de materiais fornecidos para as ligar.

A pedra mais conhecida por tufo, era comum em todas as construções. Considera-se que a sua grande utilização, se deve à sua abundância e à facilidade da sua extração, factos aos quais podemos associar a sua leveza e

25 MESTRE, Victor – **Arquitetura Popular da Madeira**, Editora Argumentum – Edições Estudos e Realizações, 2001/2002. pág.200

26 SIMÕES, José Manuel,- Património Estudos, Nº 11, Nº7 / 2011 IGESPAR: Departamento de Inventário, Estudos e Divulgação. pág. 45- 78

45 - Palheiro



46 - Casa do barco



47 - Casa em ruínas



irregularidade peculiar.

No contexto local, a extração do tufo, e todo o processo pelo qual este passa, afigura-se simples, comparativamente às restantes pedras, na medida em que é uma rocha que caracteriza geologicamente a vertente que delimita a Norte, a Fajã dos Padres. Nela encontramos o tufo de tom avermelhado, que é muito frequentemente situado nos fornos caseiros e nas ombreiras na Fajã dos Padres. Descobrimos que esta pedra só se encontra nas grandes falésias, em barrancos, quase inacessíveis ao homem.

Relativamente à pedra basáltica, esta caracteriza-se como sendo compacta, rígida, pesada e muito difícil de moldar. O tom desta pedra é normalmente, cinzento, variando entre o cinzento-escuro e o cinzento-claro, denunciando a localidade de onde esta veio. Possuímos a pedra basáltica para a elaboração das paredes estruturais, as pedras de pequena dimensão, mais conhecido como areão, que por sua vez também é um dos materiais de construção, e a pedra basáltica tornada em pequenas partículas, mais conhecida por grão fino.

A pedra basáltica provém “das cotas baixas”, dependendo da sua densidade altimétrica.

A composição das rochas é muito variável, sendo resultado das sucessivas alterações que esta sofreu até à sua formação, enquanto matéria, pronta a ser extraída das pedreiras.

Relativamente à execução das casas na Fajã dos Padres, estas indicam uma necessidade económica, denunciando o carácter sócio- económico dos seus proprietários. Devido a este factor, as casas eram construídas com base nisso, em pedra basáltica, com um ligante de pedra triturada, de tom avermelhado, terra argilosa, cal, areias das ribeiras, areias do monte, areia argilosa e só nos casos de maior carência, terra argilosa, recebendo por último a caiação. Em analogia às paredes estruturais, relativamente aos ângulos ou às esquinas das paredes, estas necessitavam de uma consistência, e duma durabilidade

das pedras muito superior às das restantes paredes.

O material utilizado nas argamassas ou ligantes, é proveniente das ribeiras, através do desgaste das pedras, acumulando-se as areias, no fundo das ribeiras, possuindo estas um tom negro e escuro; as areias dos montes, que são utilizadas para rebocarem as paredes interiores; e relativamente aos calcários, “provenientes da fossilização de espécies marinhas” . Actualmente é unicamente proveniente da Ilha do Porto Santo, mas primitivamente, estas surgiam-nos em São Vicente, na Ilha da Madeira.

A pedra, a madeira e todos os materiais mencionados anteriormente, são materiais locais, provenientes da região, pois estes sítios muito humildes, possuem uma fraca económica, como também possui uma acessibilidade um pouco agreste.

das pedras muito superior às das restantes paredes.

O material utilizado nas argamassas ou ligantes, é proveniente das ribeiras, através do desgaste das pedras, acumulando-se as areias, no fundo das ribeiras, possuindo estas um tom negro e escuro; as areias dos montes, que são utilizadas para rebocarem as paredes interiores; e relativamente aos calcários, “provenientes da fossilização de espécies marinhas” . Actualmente é unicamente proveniente da Ilha do Porto Santo, mas primitivamente, estas surgiam-nos em São Vicente, na Ilha da Madeira.

A pedra, a madeira e todos os materiais mencionados anteriormente, são materiais locais, provenientes da região, pois estes sítios muito humildes, possuem uma fraca económica, como também possui uma acessibilidade um pouco agreste.



CAPÍTULO III

Fajã, uma nova visão

Património, território e turismo rural

“ Em Portugal, cerca de um terço dos turistas estrangeiros que nos visitam têm igualmente uma forte motivação cultural, e o número de portugueses que se deixa seduzir pelo interesse do nosso património ...é cada vez mais expressivo”²⁷

O turismo abrange um conjunto vasto de pessoas, subdivide-se, dependendo da área de interesse do nosso património, em touring, em excursionismo, em turismo urbano e em turismo rural.

De um modo geral, o turista que deambula nestes espaços rurais, tem aptência por actividades, como o artesanato, a produção agro-alimentar, a arquitectura..., conhecendo assim o nosso património.

Contudo, é nestas áreas de baixa densidade populacional, quase inacessíveis, que estas actividades adquirem uma particular importância, devido às especificidades da implementação de uma agricultura de carácter intensivo, com a finalidade de comercialização, e também devido a implantação das sucessivas casas. Esta particularidade acentua ainda mais a vulnerabilidade destes territórios e é neles que o turismo vai desempenhar um papel excepcionalmente importante, na requalificação do nosso património.

O papel do turista em relação ao território, tem uma forte influência. Os turistas têm sido o eixo principal para o desenvolvimento dum pequeno espaço rural como a Fajã dos Padres. Toda a Ilha da Madeira, beneficia com a actividade turística, pois esta contribui economicamente para as várias áreas rurais e urbanas .

O turismo no espaço rural pode e deve ser um factor de desenvolvimento da economia regional, um instrumento de reanimação para a gastronomia tradicional para o autentico artesanato e folclore, para a difusão dos bons vinhos, queijos e doçarias regionais, activante do convívio local e criador de novos e interessantes postos de trabalho.

²⁷ SIMÕES, José Manuel, - Património Estudos, Nº 11, Nº7 / 2011 IGESPAR: Departamento de Inventário, Estudos e Divulgação, pág. 128

Os diferentes espaços rurais e particularmente a Fajã dos Padres, beneficiam do turismo, que desenvolve e dinamiza estas áreas, apropriando-se das instalações e equipamentos abandonados, garantindo-lhes uma nova utilização para fins turísticos.

A região da Fajã dos Padres funcionou outrora, como uma pequena aldeia que sobrevivia da própria agricultura. Após a sua desertificação e devido ao seu difícil acesso, preservou o seu património arquitectónico, bem como o seu artesanato, que remete para séculos passados. As casas foram passando por “transformações sucessivas que foram ocorrendo ao longo do tempo, quer no campo estrutural (através das alterações, demolições, substituições totais ou parciais de materiais e sistemas construtivos), quer no campo funcional (motivando alterando funções e de formas de uso), quer ainda no campo da significação que lhe é atribuída.”²⁸

Deve reconhecer-se e destacar-se que o património desempenha um papel importante na identificação de residentes (os senhorios de Fajã dos Padres), e dos visitantes com o local.

Em primeiro lugar, o património tem tido uma crescente consciencialização na sociedade. Fazem-se hoje inúmeros esforços para a sua recuperação, e também para a verificação histórica. Por outro lado, e no caso do património rural, é necessário valorizar e repensar alguns espaços e objectos, em função dos novos usos, atribuindo-lhes outras finalidades e integrando-os nas dinâmicas do local. É necessário valorizarmos a história, e entender-la como um percurso entre o passado e presente, enquanto memória e valor, actualizando-o, acompanhando-o e orientando-o em formas contemporâneas, constituindo assim, uma visão histórica de tudo.

28 SIMÕES, José Manuel,- Património Estudos, Nº 11, Nº7 / 2011 IGESPAR: Departamento de Inventário, Estudos e Divulgação, pág. 5

A recuperação de edifícios antigos, bem como da paisagem rural envolvente exige, da nossa parte, uma reflexão, reconhecendo e observando as suas necessidades. A sua actualização exige, uma atenção ao meio envolvente em que está inserido e uma revisão sobre de que forma se irá alterar qualitativamente, no caso da Fajã dos Padres, este pequeno espaço rural. Ainda dentro da recuperação, a proposta deverá acarretar uma certa sobriedade e rigor garantindo uma integração homogénea com o sítio, podendo assim salvaguardar o ambiente rural e os recursos naturais, na perspectiva de um crescimento económico, sadio, contínuo e sustentável, e que seja capaz de satisfazer equitativamente as necessidades e as aspirações das gerações presentes e futuras.

“Assim, para garantir uma continuidade coerente com o passado e com os seus valores, é necessária toda a gama de métodos que vai desde a conservação à modificação e à substituição. Métodos que são igualmente baseados no profundo conhecimento dos valores e tradições construtivas do passado, bem como contextualizadas e apoiados nas novas necessidades e circunstâncias do homem, ser contemporâneo, ético e profissional”²⁹

Contudo, estas pequenas aldeias, como é o exemplo da Fajã dos Padres, por estarem integradas numa sociedade agrícola, atraem muitos turistas em busca de acessos menos conhecidos da ilha da Madeira, ficando a conhecer melhor, deste modo, o património, os costumes e as tradições.

“ O turismo rural transformou-se numa actividade turística cada vez mais preferida por uma sociedade com uma consciência cada vez mais ecológica, procurando uma crescente qualidade de vida”³⁰

29 CORREIA, Luís Miguel Maldonado de Vasconcelos- Património e Intervenção Arquitectónica. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologias, 1994. Prova Final de Licenciatura em arquitectura, pág. 18

30 RODRIGUES, José Augusto Ferreira- Turismo e espaço rural: convivências, conflitos e harmonia. Coimbra: Instituto de estudos Geográficos Dissertação de Mestrado. pág. 94

Para a possibilidade deste tipo de turismo tomar consciência e interiorizar um pouco os costumes destas populações, é necessário sensibilizarmos as pessoas, recorrendo a estratégias para o entendimento desta cultura, através da participação nas diversas actividades que decorrerão nesta área. Locais como a Fajã dos Padres, que sofreram processos de desertificação, bem como outros espaços rurais, necessitam na sua generalidade, dum certo dinamismo e vivacidade que o turismo procura. Daí que se procure integrar zonas para alojamento, restauração, exposição de artesanato e história local, conseguindo-se assim, preservar melhor o património.

“Desde então, e como vários autores mencionaram, assistiu-se ao alargamento da definição de património e a sua vinculação crescente ao território e aos cidadãos. A consagração internacional da noção de património construído está patente nos textos, das inúmeras cartas e convenções, sendo de destacar, a redefinição da noção de “sítio” e a introdução da noção de “conjunto edificado”, a divulgação das noções de Salvaguarda e valorização”, “reabilitação”, “revitalização”, “conservação integrada”. “O património tornou-se, nos nossos dias, um dos vectores mais recorrentes e poderosos da moderna governança urbana”³¹

O crescente empenho por parte dos atuais proprietários da Fajã dos Padres, na divulgação turística desta aldeia de outrora, é importante de modo a que adquira um maior interesse na educação ambiental, bem como na promoção da sustentabilidade da área em questão, apostando em equipamentos que promovam um certo desenvolvimento, contribuindo assim para a sua recuperação, e para a divulgação do património. É preciso considerarmos que, para os espaços complementares assumirem a função turística, o meio físico não mercantilizado precisa de ser conservado. Caso contrário, se a função turística ou as demais actividades desenvolvidas no entorno provocarem uma degradação ambiental, os espaços complementares poderão perder a sua fun-

31 SIMÕES, José Manuel, - *Património Estudos*, Nº 11, Nº7 / 2011 IGESPAR: Departamento de Inventário, Estudos e Divulgação, ISSN:2182-2212, pág. 124

ção produtiva – a função turística – uma vez que o meio natural deixará de ser atraente como local de visita e de turismo.

Contudo, a Fajã dos Padres poderá sofrer com a construção em demasia, bem como com a presença de infra-estruturas, designadamente estradas e elevadores, cujo benefício tem como resultado, o acesso de mais indivíduos a locais remotos como a área em questão. O acesso deveria ser normalmente limitado para privilegiar a protecção da natureza, emitindo desequilíbrios com o aumento da população sazonal, com a abertura abusiva de acessos, trilhos e com a prática indiscriminada de alguns desportos, sendo estes apenas alguns exemplos que poderão aumentar a poluição do ar e sonora, favorecendo o desgaste das encostas e perturbando a fauna e a flora deste local.

Ainda dentro dos agentes que podem causar dano ao nosso património, existem também outros factores que podem debilitar uma área rural.

Em primeiro lugar, poderá haver uma má comunicação entre as diferentes entidades que operam nos territórios, bem como um número débil de atractivos patrimoniais ou ambientais, nos quais está incluído o artesanato, que, num mercado cada vez mais competitivo, poderá levar à falência do investimento. Para que tal não ocorra, deverá haver uma actuação conjunta, conduzindo positivamente a Fajã dos Padres a atractivo turístico da Ilha da Madeira.

No entanto, é fundamental reflectirmos e gerarmos condições para o devido acondicionamento do turismo em questão, principalmente das infra-estruturas básicas, como a água, electricidade e saneamento, atendendo às características particulares onde se localizam as habitações da Fajã dos Padres. É igualmente necessário educar o turismo para a preservação daquele local enquanto identidade, e que esta seja valorizada enquanto área que se está a adaptar às novas transformações, mas permanecendo com o próprio património “intocado”.

Metodologia da intervenção

Para uma abordagem positiva da temática, há que estabelecer uma teoria, um conceito, ideias e técnicas, avaliando a sua capacidade de sucesso.

Como tal, um estudo do contexto histórico, geográfico, cultural e arquitectónico da aldeia, a partir da recolha de todo o material bibliográfico disponível, seria essencial para a compreensão do trabalho.

Contudo, a análise do tecido urbano actual da aldeia será também fundamental para caracterizá-lo e reflectir sobre as suas valências, carências e qualidades, podendo assim, abordarem-se questões essenciais para a requalificação da Fajã dos Padres.

Procedeu-se assim, ao estudo e levantamento da aldeia da Fajã dos Padres, beneficiando com o contacto directo com o local, no qual se utilizou a planta de implantação, que foi facultada pelos actuais proprietários, a família de Mário Eugénio Jardim Fernandes, para o seu melhor entendimento. A planta em questão, necessitava da actualização de alguns dados, mas auxiliou e serviu de base de apoio para os levantamentos, bem como para o projecto base de reabilitação da Fajã dos Padres.

Este trabalho de estudo e levantamento inclui plantas de análise e de diagnóstico, que caracterizam o estado actual da aldeia. Este instrumento de planeamento urbano é fundamental ao desenvolvimento de um projecto de recuperação e reabilitação, facilitando o trabalho de investigação sobre o local.

Este trabalho inclui vários elementos gráficos, plantas, perfis as quais nos dão a conhecer, com mais detalhe, as características mais importantes do local, como a planta de implantação actualizada, com a identificação dos percursos, em que se indica a utilização do calhau rolado, de diferentes dimensões, bem como o cimento em contacto com as superfícies em relva e terra; outras plantas peças gráficas incluem a planta de identificação dos usos, a planta onde está assinalada o número de pisos que cada edifício possui, (oscila entre um a dois pisos), a planta onde é indicado o estado de conservação, (desde o bom estado, ao estado de ruína) onde é apontado o diagnóstico em que se

encontra o imóvel em questão, se se encontra recuperado ou não.

Uma análise geográfica e morfológica do núcleo urbano, onde se encontra o terreno de intervenção, é essencial para a sua compreensão.

Morfologicamente, existe um limite físico, a falésia, que delimita este pequeno meio rural, isolando-o de toda a ilha. O núcleo principal localiza-se no pequeno monte da Fajã. Vários arruamentos estabelecem a interligação dos distintos espaços, casas, campos e espaços públicos.

Os arruamentos caracterizam este meio urbano, pois conduzindo os indivíduos a diferentes espaços, e ajudam a regular a disposição das diferentes casas.

Todos eles são sistemas pedonais, uma vez que não se consegue aceder a esta zona por automóvel, devido às diferenças colossais de cotas entre a Fajã e o topo da falésia.

As praças e restantes espaços públicos são zonas que possuem uma escala maior, sendo normalmente, o resultado casual de intervenções que têm como fim o aumento da sua escala, atraindo assim, um maior número pessoas resultando muitas vezes numa junção de traçados, que ajudam a definir um desenho urbano.

Os espaços verdes ajudam a caracterizar um lugar, auxiliando na definição dum meio urbano, e são encarados como elementos que fazem parte desse mesmo meio. No caso da Fajã dos Padres, os espaços verdes encontram-se, sobretudo a norte, e em grande parte, são fruto da intervenção humana.

Devido à topografia circundante, a Fajã dos Padres é uma zona de difícil acesso, sobretudo automóvel, factor que contribuiu para a sua preservação e organização espacial.

Seguidamente, procedemos aos levantamentos das casas, que têm como objectivo, complementar a planta de implantação que foi facultada pelos

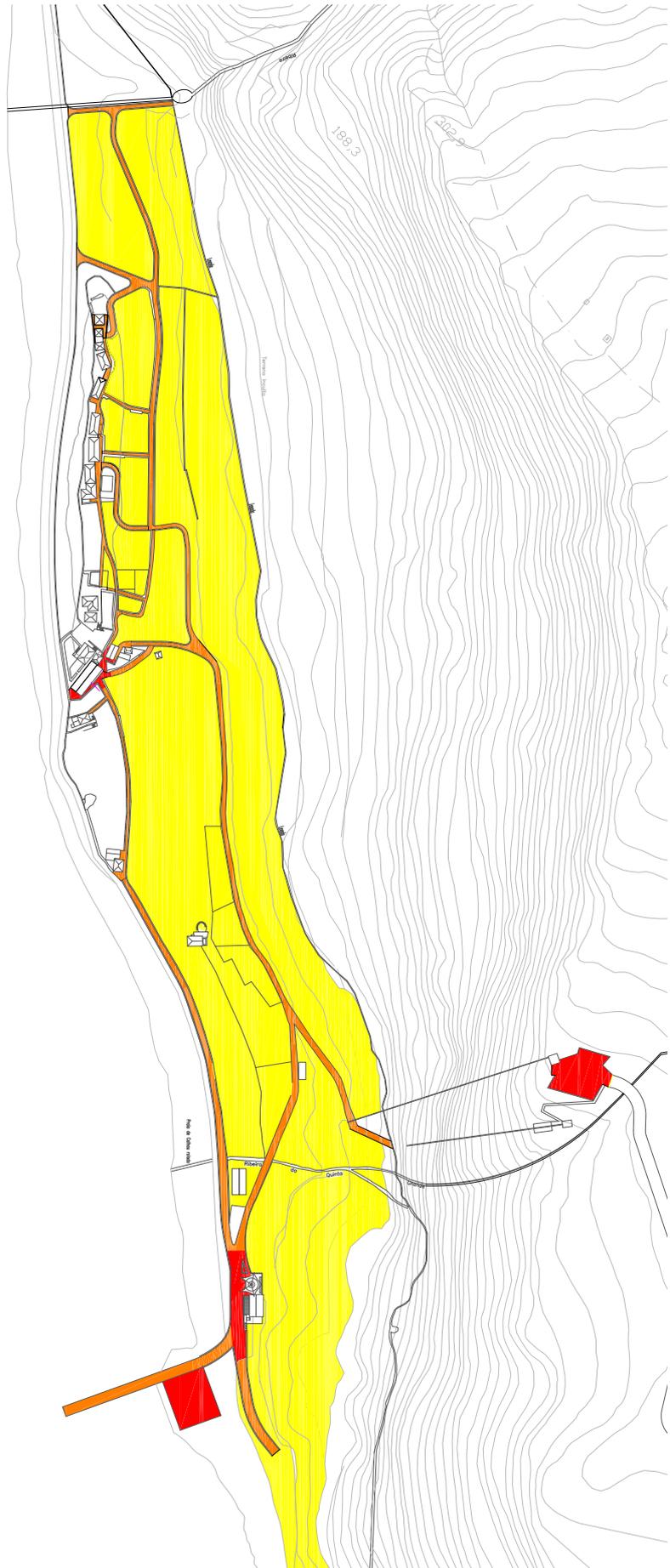
 -Os espaços públicos lineares- ruas

 -Os espaços públicos não lineares -Praças

 -Os espaços verdes

Escala: 1/5000

 N



proprietários. Assim, o contacto com o local, e o contínuo diálogo com os seus proprietários permitiram que os levantamentos fossem efectuados, incluindo as altimetrias. Paralelamente, observamos e analisamos se a sua implantação constava da planta e se a mesma estava actualizada, podendo assim reter todos os elementos necessários, para um melhor conhecimento, de como as casas funcionavam e se interligavam; no presente, as casas que foram alteradas operam com a integração do turismo rural.

Os levantamentos que foram efectuados, incluem o desenho das fachadas, das respectivas portas, janelas, ombreiras, assim como as dimensões e os materiais alusivos às estruturas; paredes exteriores e interiores, coberturas, chaminés e pés direitos.

Para finalizar a fase da análise e dos levantamentos da Fajã dos Padres, achou-se pertinente a opinião dos proprietários, para auxiliar o projecto de intervenção.

Com efeito será sempre necessário o parecer dos proprietários, procurando-se conciliar assim, os objectivos dos proprietários aos objectivos pretendidos para este projecto.

O presente projecto-base teve como suporte, um estudo detalhado do edificado, dos arruamentos e das infra-estruturas presentes na área de intervenção. Contudo, é do nosso conhecimento que o processo de reabilitação e revitalização, como o que é apresentado, requer a nossa atenção, de modo a constituir uma ideia consistente, reconhecendo as exigências de integração das diversas medidas adoptadas.

O que sustenta qualquer aglomerado são os equipamentos colectivos, que constituem o principal ponto de intervenção desta proposta. Relativamente às casas, as propostas procuram responder às novas exigências de conforto, atendendo aos requisitos necessários para a utilização destas casas para uso do turismo

Pretende-se solucionar os problemas observados nesta pequena aldeia,

partindo dos elementos existentes, culturais, históricos e da imagem de toda esta área, demonstrando as suas potencialidades, construindo assim uma nova referência de paisagem rural.

Relativamente aos acessos à Fajã, a grande dificuldade está na sua chegada à cota baixa a partir do topo da falésia. Contudo, dentro das problemáticas que mencionámos anteriormente, existem no local dois elevadores e um porto de cabotagem, importantes para o planeamento estratégico, que trouxeram mobilidade e desenvolvimento a esta localidade, impedindo o isolamento da aldeia, garantindo uma ligação vertical e uma ligação marítima, o que atraiu e atrai muito mais pessoas à localidade. Estes equipamentos deverão ser acessíveis a todas as pessoas, incluindo defecientes e idosos podendo, assim, todos usufruir deste “paraíso” rural.

A dinâmica trazida por estes novos meios de transporte, obriga à revisão do antigo sistema de elevadores, bem como do pequeno porto de cabotagem, e dos espaços e outras infra-estruturas que por eles afectados.

Elevadores

Pretende-se substituir, aperfeiçoar e melhorar os elevadores existentes, como igualmente proponho um outro elevador público, tendo em conta as cotas colossais que percorre.

Além da preocupação, do desenho dos elevadores, do seu conforto, da sua construção (principalmente o elevador de serviços) e da sua mobilidade, em relação ao ponto de chegada e partida, também reflectimos, acerca da protecção dos utentes, sendo este um ponto fulcral. Quando se menciona segurança, falamos da protecção às sucessivas rochas que caem da falésia, simultaneamente pretende-se melhorar o conforto e a segurança dos utentes. A protecção actual consiste numa simples rede. O elevador público, que transporta o maior número de pessoas, têm sofrido inúmeras amolgaduras, no qual observamos na escada de emergência, anexada à mesma, por estar adoçada

à falésia.

Os novos elevadores irão partir à cota alta, do mesmo ponto que os elevadores antigos, possuindo uma cabine maior e mais segura, igualando o seu ponto de chegada à cota baixa.

A diferença está no processo como estas nos transportam para um determinado espaço, ou seja, o elevador de serviço, que partirá da cota 320, à mesma cota que a rua Padre António Rodrigues Dinis Henriques, exclusivamente destinado a deficientes, idosos e para o transporte de mercadorias, desloca-se na diagonal, suportado por cabos de aço. Os elevadores públicos são afastados da rocha vulcânica, protegendo os utentes, através de uma plataforma que nos conduz aos elevadores. Estes desenvolver-se-ão na vertical, suportados através de uma grande caixa de betão que acompanha a falésia. A utilização dos dois elevadores públicos, principalmente no verão, é justificável tendo em conta a altimetria que estes irão percorrer.

Deste modo, perfaz-se um total de três elevadores, nos quais dirigem-se para uma única praça, de onde se pode contemplar a Fajã dos Padres.

O desenho dos elevadores, possuem características similares, com uma única diferença, que o elevador de serviços possui uma maior dimensão, para facilitar o transporte de idosos, defecientes, assim como mercadorias e equipamentos. Esta praça de acesso à Fajã dos Padres será encarada como um elemento gerador de concentração dos utentes, o que reforça a preocupação em reorganizar a infra-estrutura dos novos elevadores, bem como os pensamento de novos equipamentos, a estação /paragem dos caminhos dedicados exclusivamente para o uso turístico.

A praça de onde chegam os elevadores, tendo em conta que já nos encontramos na Fajã, localiza-se à cota 32, e possui uma área de 300 m².

Porto de cabotagem

O pequeno porto de cabotagem existente foi construído recentemente, mas devido à sua má execução e pobre aplicação do betão, este encontra-se com fissuras, quebrado e com vários fragmentos à seu redor. Contudo ainda atracam barcos de pequeno porte.

A introdução de um novo porto de cabotagem conduzirá mais pessoas à Fajã dos Padres, que gostam de usufruir da paisagem ao longo da costa sul da ilha da Madeira.

Programas e propostas

O projecto de requalificação da Fajã dos Padres, foi assinalado para fins turísticos, com o objectivo de expandir a cultura e dinamismo dos pequenos espaços rurais, para dar a conhecer ao mundo, o nosso património. Contudo, este projecto procura conferir uma maior unidade a toda esta zona, permitindo assim uma requalificação das casas existentes, com o objectivo de alojamento turístico e possuindo uma zona de restauração, uma zona de lazer, dirigidas especificamente ao turismo rural, impedindo assim o isolamento da aldeia, garantindo uma maior permanência dos turistas.

O plano de intervenção comporta igualmente o redesenho dos acessos às referidas casas.

A problemática que encontramos nesta aldeia e noutras em toda a Ilha da Madeira sucede quando há utilização de novos materiais e estes tendem a sobrepor-se aos de outrora, perdendo-se, assim, a unicidade e a identidade do local.

Como foi mencionado anteriormente, no primeiro capítulo, os arruamentos possuem diferentes materiais, sobressaindo o uso do pavimento de cimento. Deste modo, pretendo alterar estes acessos, de uma forma coerente, adoptando materiais regionais, seguindo a lógica de outrora, revestindo-os com o calhau rolado. A uniformização da lógica construtiva dos pavimentos, segundo os materiais de outrora, ainda com uma pormenorização contem-

porânea, auxiliar-nos-á na preservação da sua identidade enquanto aldeia, na qual o objectivo principal é a preservação da sua história e cultura.

Relativamente ao edificado, conforme se observou no capítulo anterior, este foi dividido em sectores, por diversos motivos, pelas zonas mais activas e calmas, pelas zonas exclusivamente habitacionais, e zonas com comércio.

Contudo, é no sector 2, no qual se irá implementar o projecto-base, pois é neste sector que se encontram os imóveis com possibilidade de recuperação, uma vez que o senhorio se concentrou no sector 3, uma das zonas mais calmas, recuperando as casas para o alojamento do turismo rural, pois os turistas procuram zonas calmas em contacto com a natureza.

Esta ideia assenta na compreensão que, ao unificar os três sectores, o efeito de revitalização que se pretende será produzido um pouco por toda a área de intervenção.

Porém, este sector 2, é um dos mais activos e dinâmicos da Fajã, no qual se inclui a recepção, prova de vinho, etc, importante pólo dinamizador da Fajã dos Padres. Acredito que, ao melhorar a qualidade dos serviços, e aumentando o espaço de lazer, criando um espaço de restauração, um espaço expositivo, mas sem nunca perder a identidade deste local, será criado um ponto de partida para garantir a revitalização desta zona.

Assim a localização das novas funções concentra-se no sector 2, situando-se a nova recepção e restaurante num ponto estratégico central, para os quais se pode aceder através dos elevadores ou de barco, facilmente uma área de lazer, que interliga o parque ao pequeno bar ali existente com o restaurante/recepção proposto; uma área expositiva, igualmente localizada na zona centro, em frente à recepção, a zona onde decorre a prova do vinho malvasia. As residências temporárias dos turistas, apesar de estarem localizadas no sector 2, concentram-se na zona oeste, junto à zona calma (sector 3), onde se locali-

zam as casas para o uso do turismo.

Este projecto base de reabilitação da Fajã dos Padres tem como objectivo ampliar o número de turistas que visitam este local, minimizando ao mesmo tempo o impacto e o possível incómodo devido às intervenções. Existe igualmente a consciência de que as estratégias adoptadas são de realização a médio e longo prazo, tendo em vista alguma complexidade das soluções encontradas, que requerem algum tempo e recursos para a sua execução.

Proposta: recepção/ restaurante

Com base nos levantamentos recolhidos na Fajã dos Padres, existe um pequeno bar, que nos dias de chuva mais agrestes, não possuía um espaço para abrigar os turistas. Deste modo, havia a necessidade da introdução dum restaurante, um novo edifício a construir 30 metros a poente do bar. Este edifício foi reflectido e pensado atendendo a que se trata de um equipamento novo, com uma zona de implantação nova. Igualmente se reflectiu acerca das suas proporções pois este terá de ter uma área adequada para o abrigo de todos os turistas que visitem este local, seja por um dia, ou mais, pois este terá que integrar-se de uma forma homogénea na envolvente.

Este edifício albergará a nova recepção e a zona de restauração, e estará situado numa das zonas mais dinâmicas deste núcleo urbano. Esta é um edifício que proponho, com uma área total de 240 m², e desenvolver-se-á em dois pisos: no piso de entrada (piso superior) onde se localizar-á a recepção, de onde se pode observar toda a zona de restauração, que estará situada no piso inferior de pé direito, devido ao pé direito que este possui.

A recepção possui uma área de 60 m², e encontra-se no piso superior, o qual inclui uma pequena área de administração, conjuntamente com uma área de estar e instalações sanitárias.

Relativamente ao piso inferior, encontrar-se-á a sala de grande dimensões destinada a área de refeições para o público com cozinha (zona suja, limpa e lixos que deverá ter acesso directo ao exterior), instalações sanitárias.

Ainda neste piso, existirá na zona exterior, uma esplanada que irá fazer a ligação a uma área de lazer – um parque – a qual pretendo descrever adiante.

Este edifício, encontra-se situado na intersecção de dois arruamentos, um que dá acesso ao pequeno porto de cabotagem, e outro que conduz à praça onde se localizam os acessos aos elevadores.

Esta intersecção antecede uma praça, em frente à recepção, e irá abranger uma estação /paragem de carrinhos que conduzirá os turistas às sucessivas casas, onde irão residir durante um curto período de tempo, ou então leva-los-á aos acessos da Fajã.

A nível construtivo, como foi mencionado anteriormente, pretendo que esta proposta se integre com o restante casario, integrando uma linguagem contemporânea, utilizando a pedra e a madeira.

Proposta do parque: área de lazer

Com a presente proposta da criação de um parque rural, que fará a interligação da área de restauração com o bar, pretendo que este espaço público de estar e de lazer, possa ser usufruído por todos os turistas e residentes da Ilha da Madeira, mas principalmente para aqueles que não só usufruem da praia, da tranquilidade que um espaço destes acarreta.

Este espaço contempla uma zona verde que incluirá uma unidade de desporto e de apoio ao turismo; uma área de estar; uma casa da cisterna onde se poderá observar a maquinaria que era utilizada na altura; será igualmente criada uma ligação pedonal que interliga todas estas áreas.

Estando a intervir num espaço rural, pretende-se que este parque também o auxilie a caracterizar como tal.

O parque possui nas suas extremidades o restaurante e o bar, é apresentado de uma forma esquemática, na componente gráfica, que poderá servir como linha orientadora.

Área expositiva e comercial

A casa seleccionada para fins expositivos e comerciais, será a casa do palheiro, na qual opera actualmente a recepção e uma área de alojamento para o turismo.

A sua área de intervenção foi seleccionada devido à sua localização, não só tendo em vista os dois acessos à Fajã dos Padres, o de barco e de elevador, mas também por se situar mesmo em frente à actual recepção e por estar inserido no núcleo central, onde a dinâmica e a diversidade de turistas se concentram.

Esta área foi restaurada pelos proprietários. Actualmente, possui dois pisos, ambos com a sua ligação autónoma pelo exterior. As paredes exteriores eram anteriormente de pedra, mas na actualidade, foram rebocadas, com a excepção da parede sul, que permanece em pedra à vista.

Tendo em conta a diferença morfológica do terreno, era pertinente fazer um acesso por dentro, tendo em vista o percurso em torno da casa com sensivelmente 40 m² de área, em cada um dos pisos.

Considera-se viável a criação dum espaço expositivo da Fajã dos Padres, que narre a sua história e cultura. Este espaço não possui um acesso interior, mas possui um acesso visual do segundo piso para o primeiro, ou seja, a dada altura, o pé direito passa a ser o dobro, podendo-se intercomunicar visualmente, através de uma varanda interior, mezanine, entre a área de comércio e a área expositiva.

Relativamente à área do comércio, que é de 25 m², esta é um serviço que visa promover a agricultura biológica, oriunda da Fajã dos Padres, incluindo productos como maracujá, ananas, pitanga, uvas, banana, mangos, pêra abacate, papaia, etc.

Lagar e Adega

Este edifício que outrora funcionava como capela, actualmente funciona como lagar, adega e prova do vinho malvasia, sendo adjacente à nova recepção, no núcleo central da aldeia e é uma das casas que possui maior área.

Trata-se de uma das casas não restauradas. Detém vãos, que ainda são de madeira, e possui janelas sem vidro, mas com portadas.

Esta casa possui dois pisos, pelo que a sua área de implantação corresponde a 240 m² na sua totalidade. O senhorio, achou por bem, reforçá-la, a nível estrutural: vigas, laje do segundo piso, construção de uma nova parede, de tijolo. Neste local, o segundo piso é uma zona de estar e tem de área cerca de 80 m².

Propõe-se a reabilitação desta área, num espaço mais arejado, iluminado, com um pequeno toque da modernidade, tendo em conta o seu meio envolvente. Contudo a presente proposta tem como intuito atrair e diversificar o número de pessoas que chegam à Fajã dos Padres, para conhecer o vinho malvasia, assim como o seu método de produção. O enoturismo, turismo do vinho, irá diversificar a actividade turística onde a sua motivação está na análise do sabor e aroma do vinho malvasia, assim como nas suas tradições e culturas atendendo às localidades que produzem a bebida (Fajã dos Padres). Para os que desejassem levar uma recordação existirá uma área de comercialização, localizada no piso superior, conjuntamente com uma área de estar.

Proponho que no segundo piso, volte a existir um acesso visual através de uma parede de vidro, com o intuito de se observar a produção do vinho, a sua fermentação, etc. Este balcão possui um acesso interior, ao piso inferior.

Habitação temporária / turismo

As casas que proponho reabilitar para a habitação temporária de turismo, são seis e localizam-se na parte poente do pequeno monte. Estas são de habitação unifamiliar, quatro das quais delas são de um piso e a restantes de dois pisos.

As quatro casas de um piso, duas são destinadas a dormitórios e duas para cozinhas. Estas encontram-se em mau estado de conservação, permanecendo três delas (dois dormitórios e uma cozinha), só com as paredes e as coberturas e a outra casa (cozinha) encontra-se só com a estrutura do telhado, tendo ruído uma das paredes. A área de cada casa é de 42 m² e 60 m² destinados para dormitórios e 24 m² e 35 m² para cozinha.

Na primeira casa, a cozinha funciona como lavandaria na actualidade. Proponho reabilitá-las, com as suas cozinhas perfazendo duas casas completas para o uso turístico.

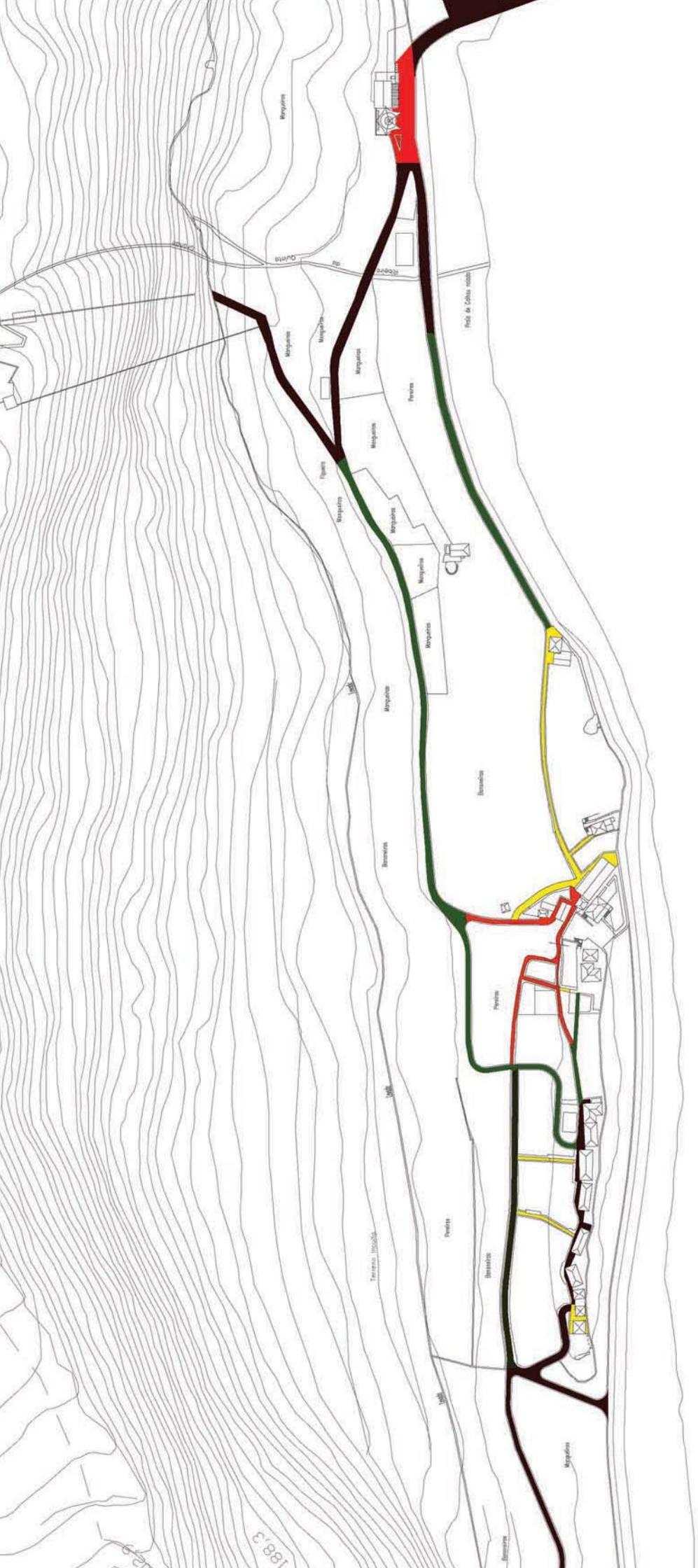
Relativamente às casas de dois pisos (fig. 33), a casa do senhorio encontra-se também em mau estado; esta adquirirá uma sala ampla com uma instalação sanitária, possuindo um acesso tanto interior, como exterior ao piso superior, onde permanecerão os respectivos dormitórios; e casa do marinheiro encontra-se em óptimo estado devido à recuperação feita pelo senhorio. Propôs alterações a nível do revestimento, dos materiais utilizados, bem como a alteração a nível da organização interior.

Relativamente às casas existentes, ainda não recuperados, passariam de um T1 e T2 sem instalação sanitária para T1 e T2 com instalação sanitárias.

Em todas as casas que proponho recuperar, de um modo geral, as paredes são de pladur pelo interior e pelo exterior pretendo demonstrar e tirar partido do material construtivo. Estas eram erguidas à base de alvenaria de pedra basáltica aparelhada e é este material que pretendo que constitua a fachada. Estas paredes, devido ao seu estado de conservação, serão recuperadas e às outras simplesmente será retirado o revestimento, dando prevalência à rocha basáltica.



COMPONENTE GRÁFICA

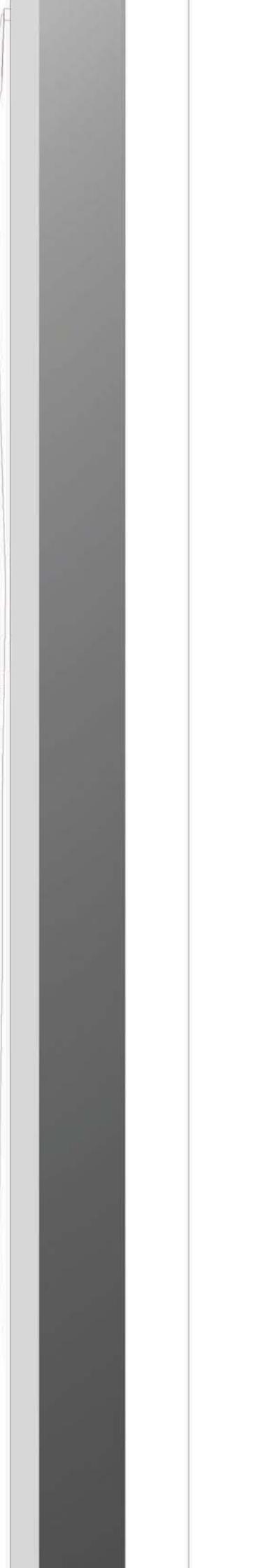


Percurso Recente
(terra com relva)

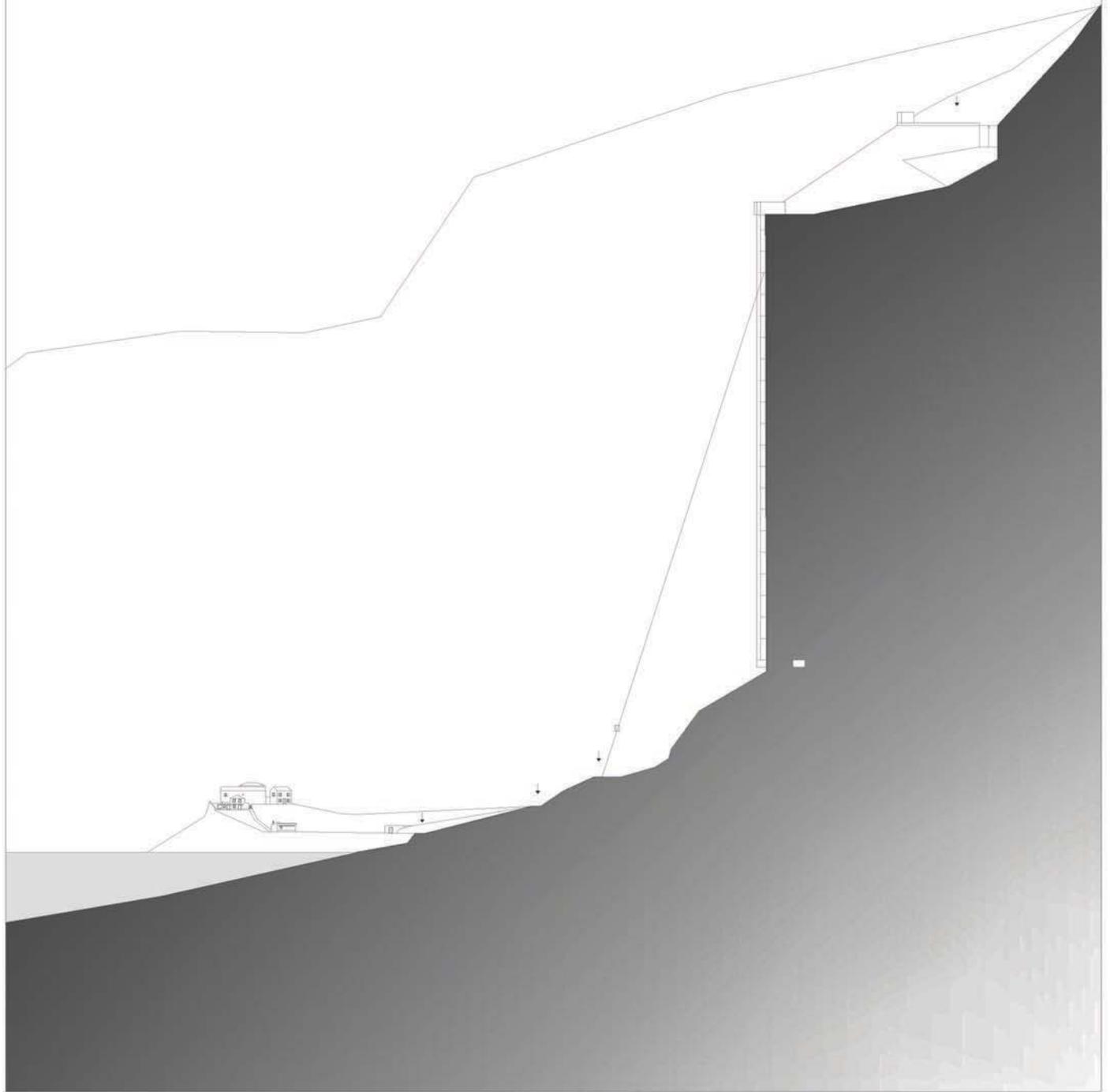
Percurso Antigo
(Calhau rolado - Pequeno-1 cm)







Estrada Padre António Rodrigues Dinis Henriques
Elevador de acesso à Fajã dos Padres

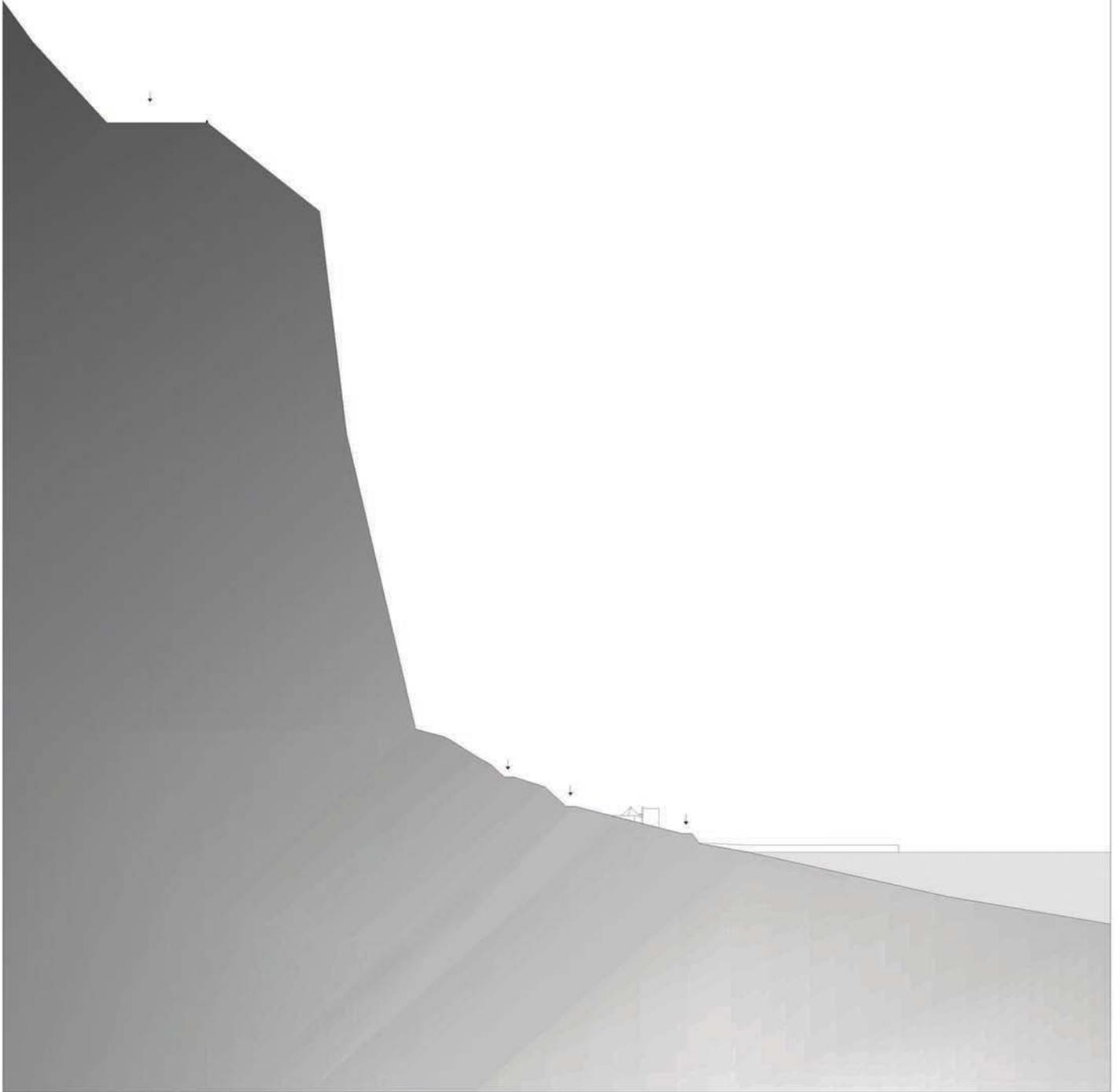


Corte AA

Nome:
Christina Josezita Aguiar Batista
Cortes
Escala:
1/2500



Estrada Padre António Rodrigues Dinis Henriques
Elevador de acesso à Fajã dos Padres

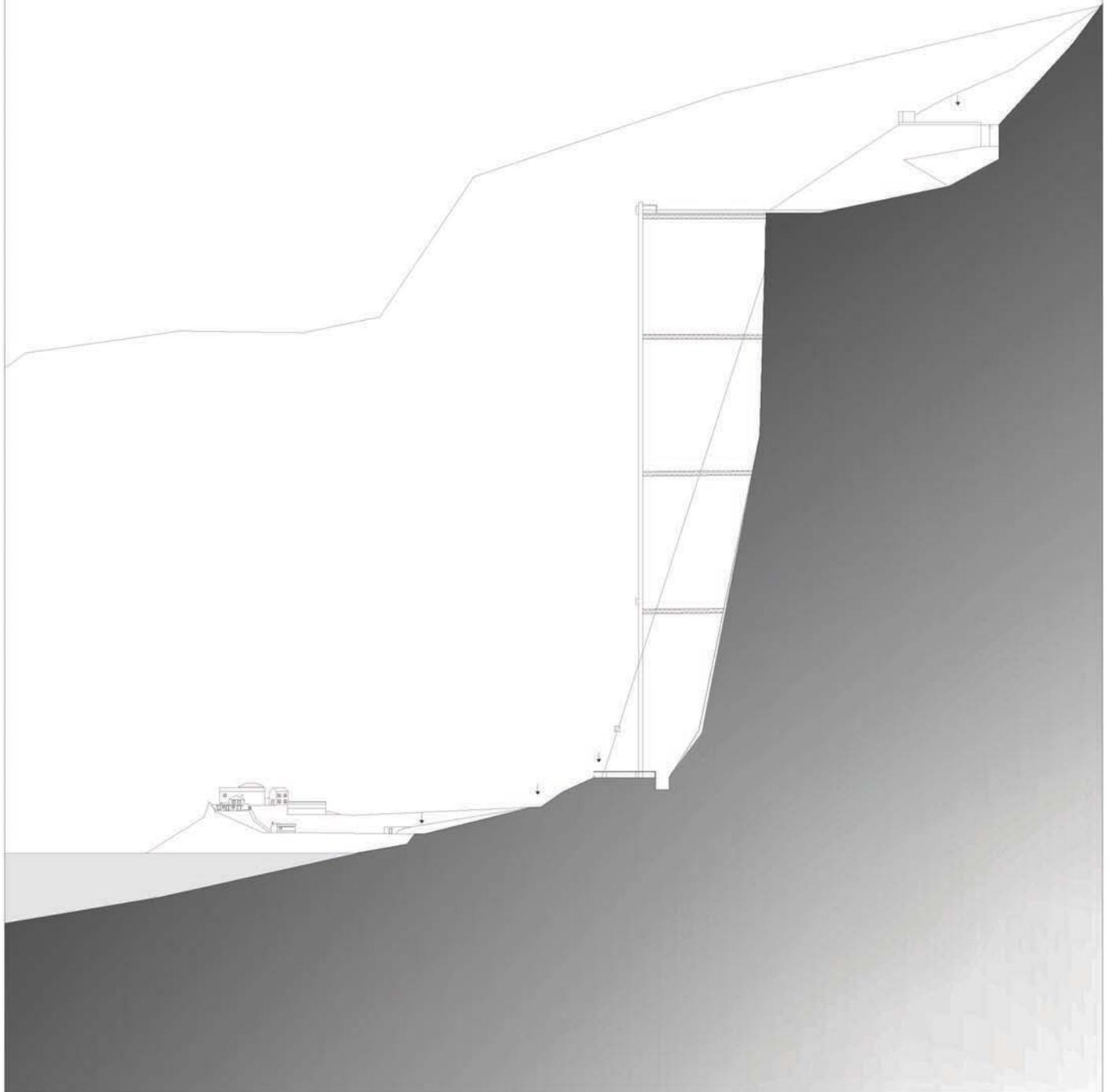


Corte BB

Nome:
Christina Josezita Aguiar Batista
Cortes
Escala:
1/2500



Estrada Padre António Rodrigues Dinis Henriques
Elevador de acesso à Fajã dos Padres

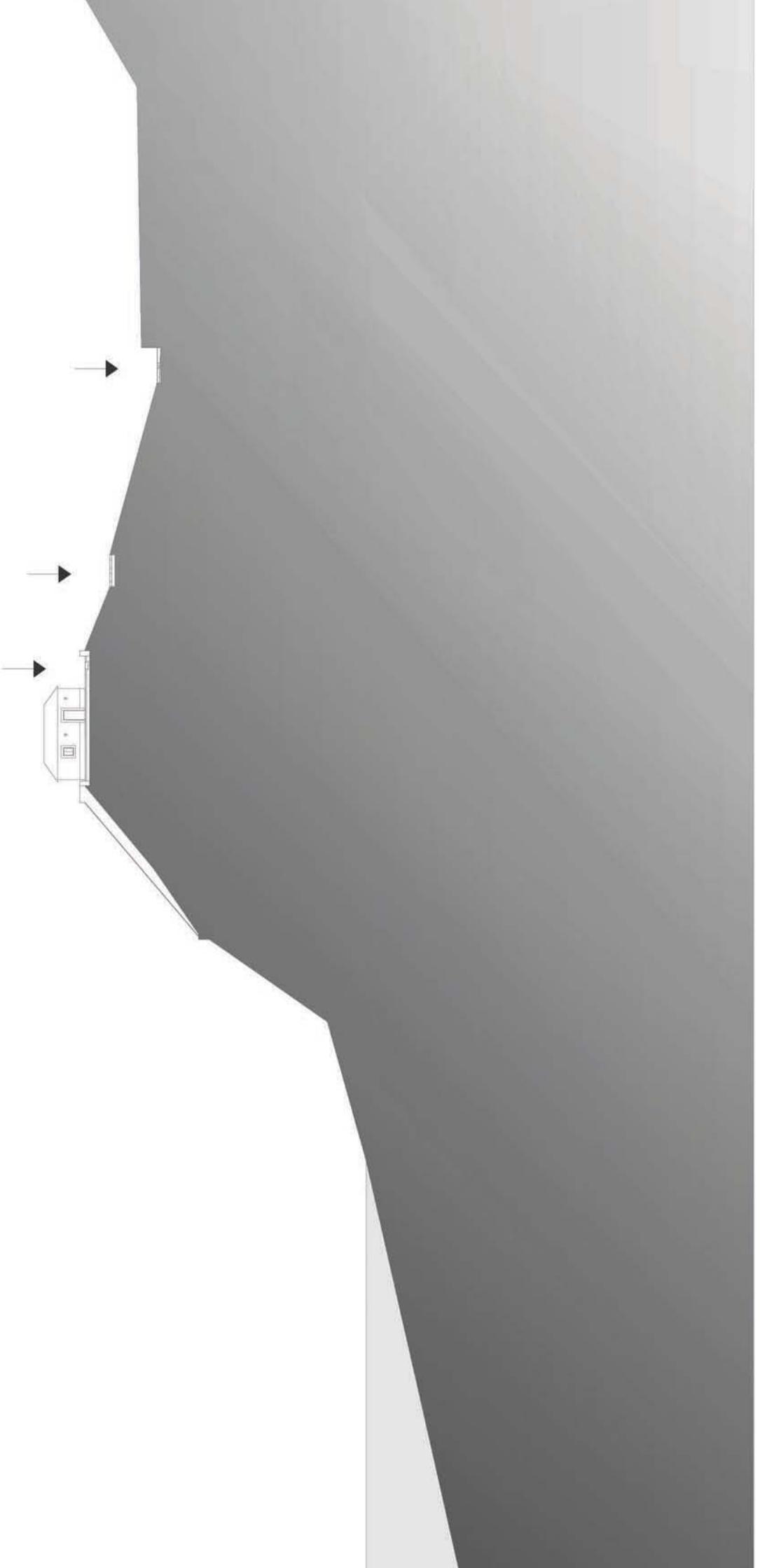


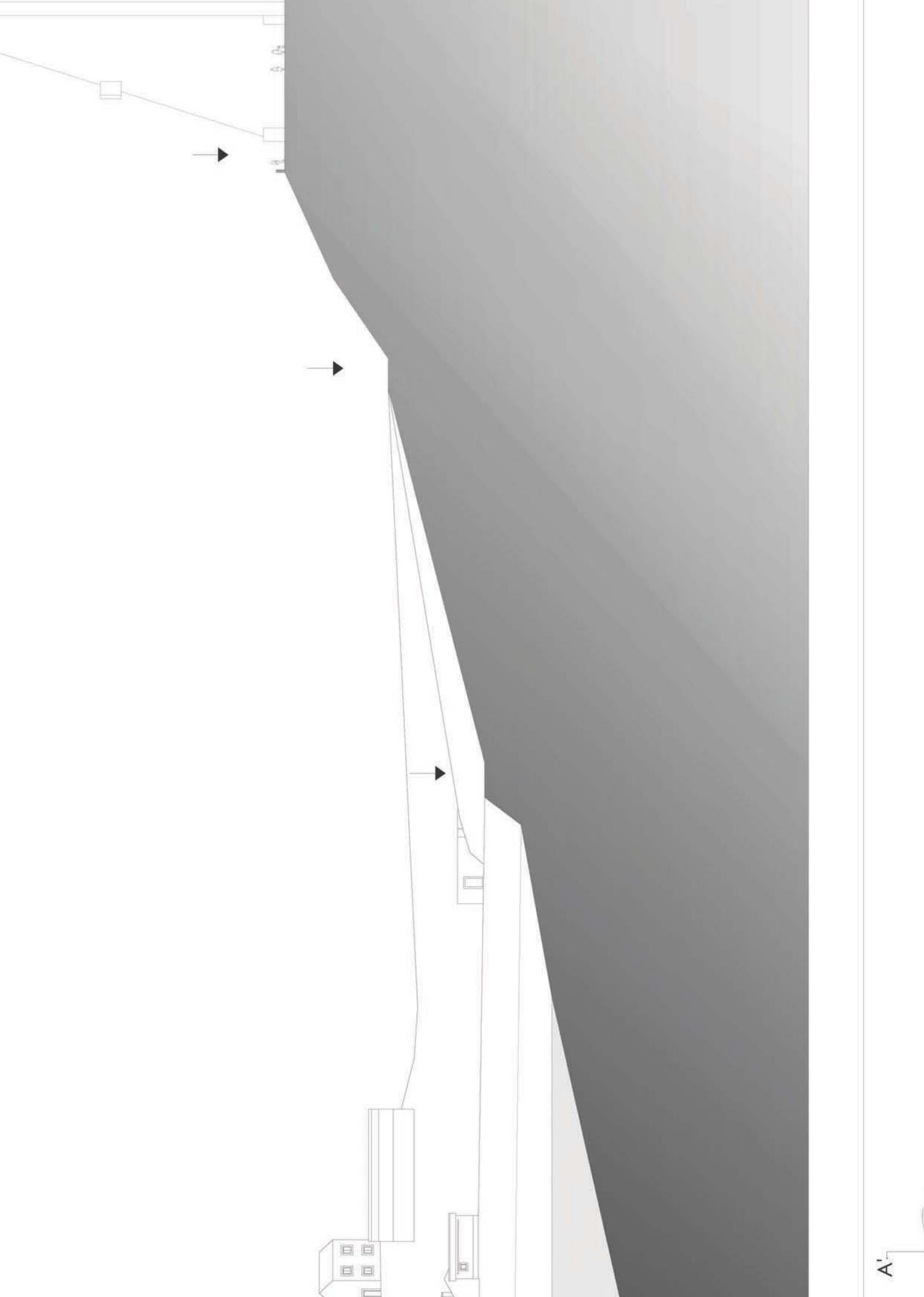
Corte AA

Nova Proposta

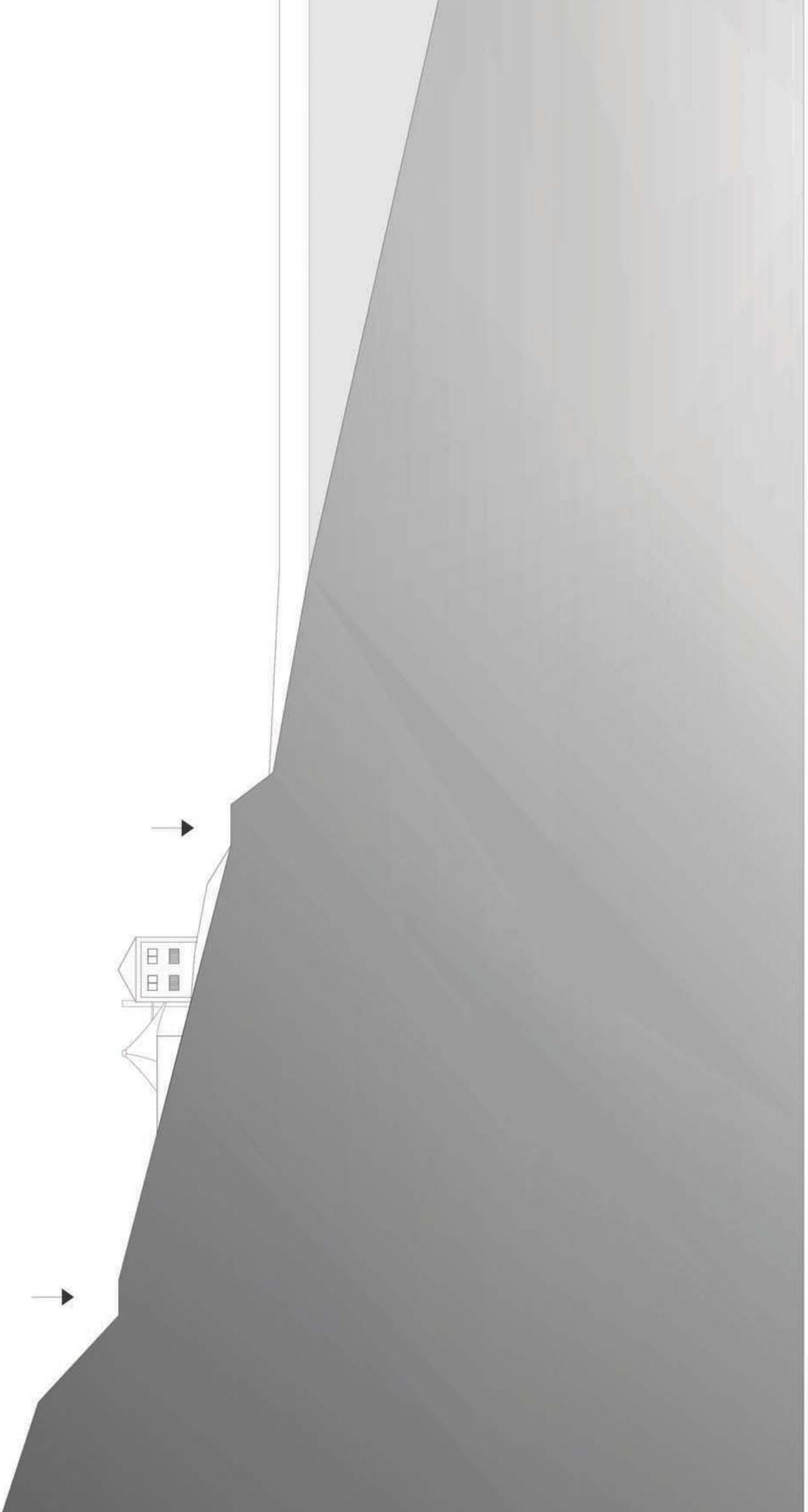
Nome:
Christina Josezita Aguiar Batista
Cortes
Escala:
1/2500



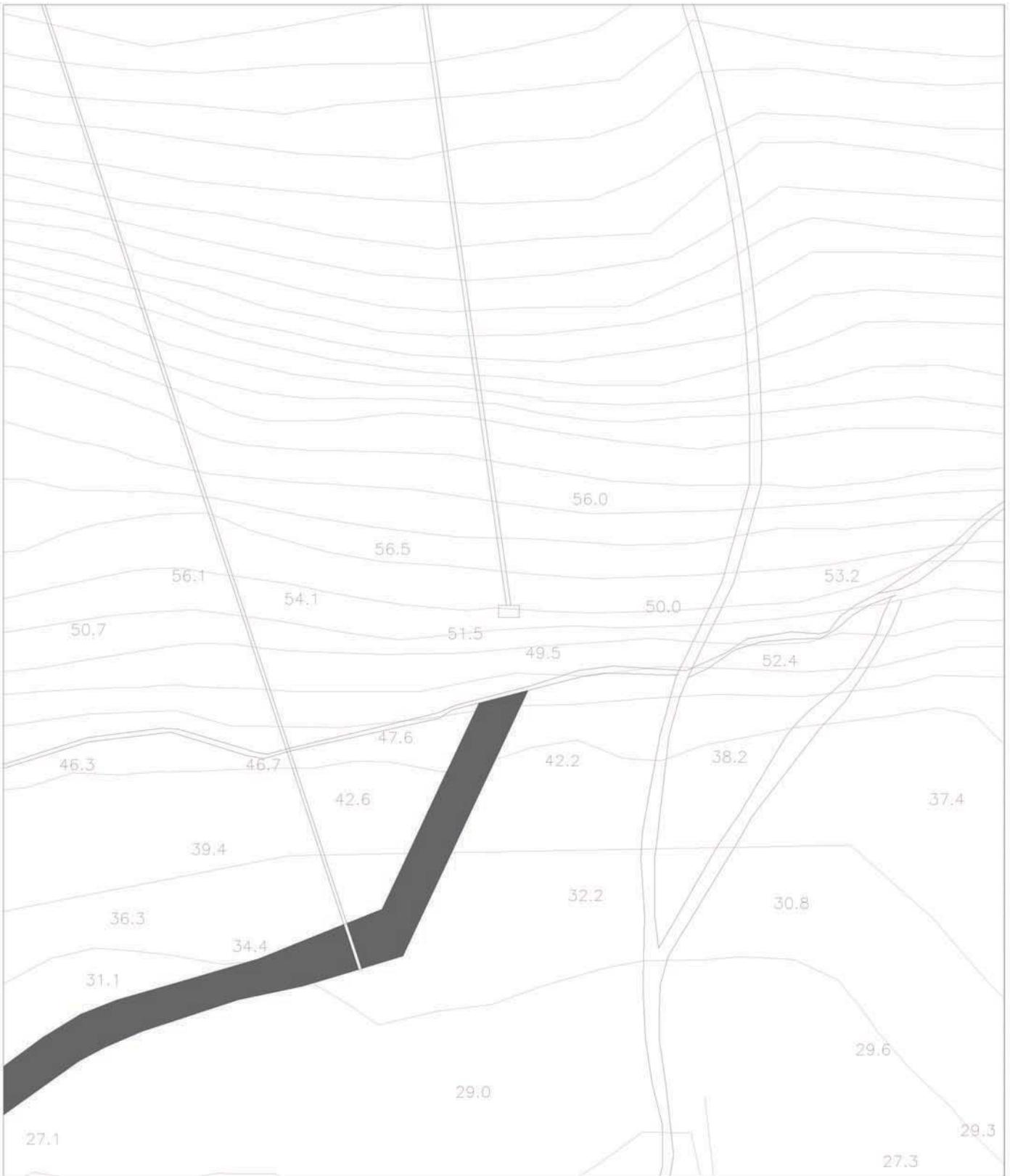




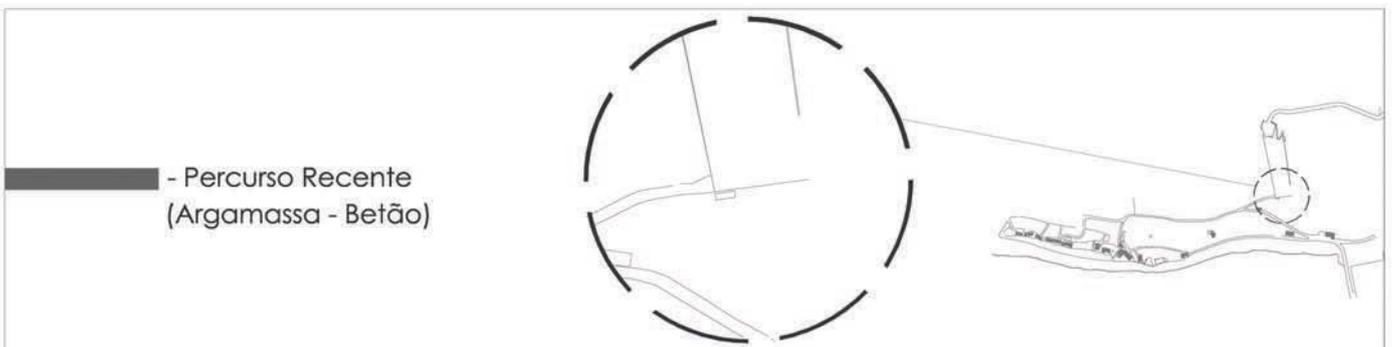
A'

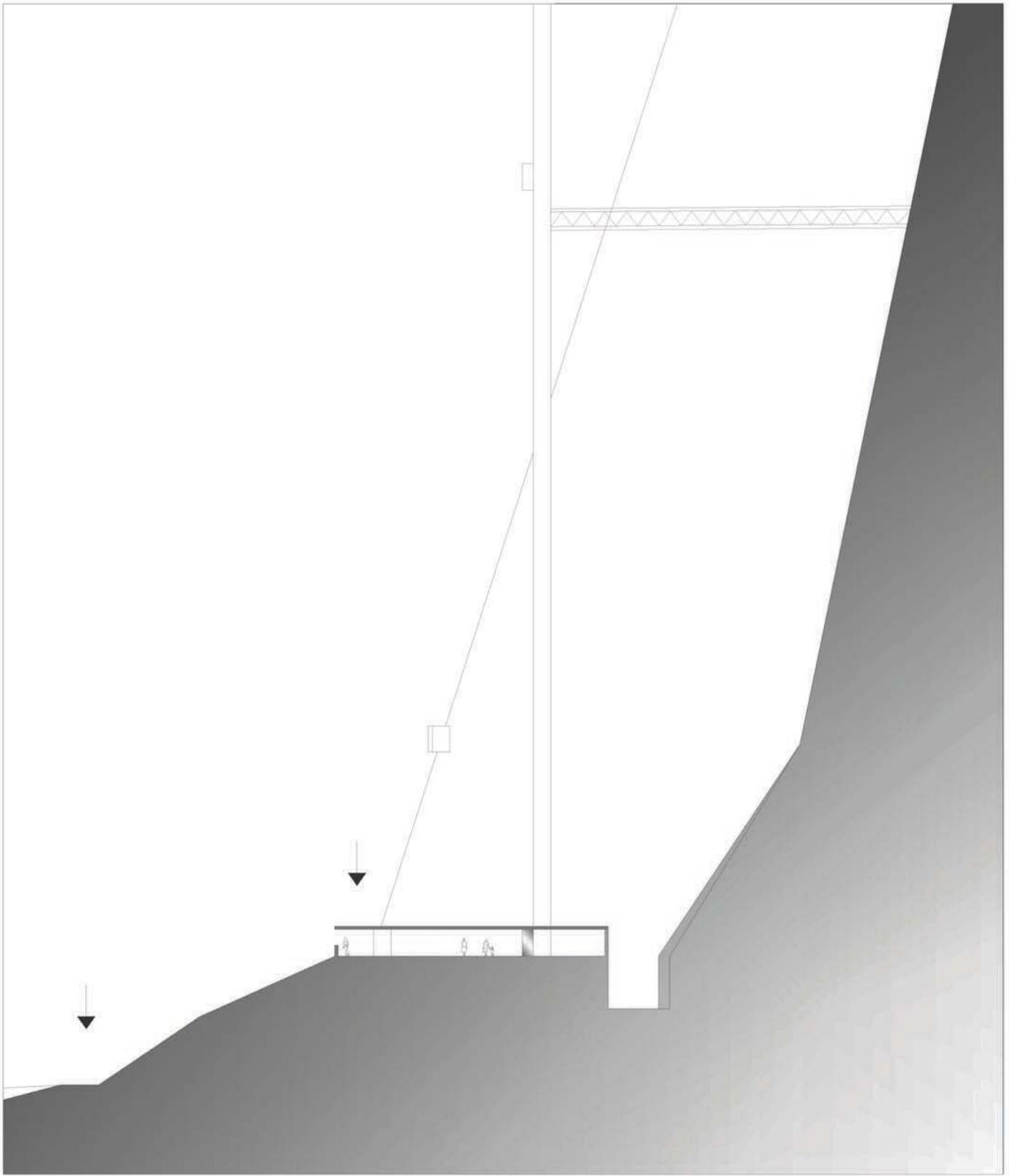


©

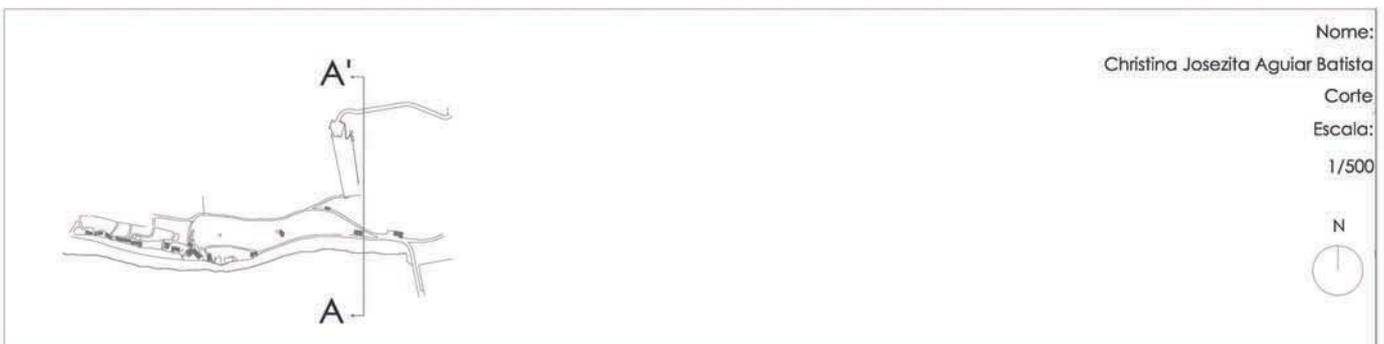


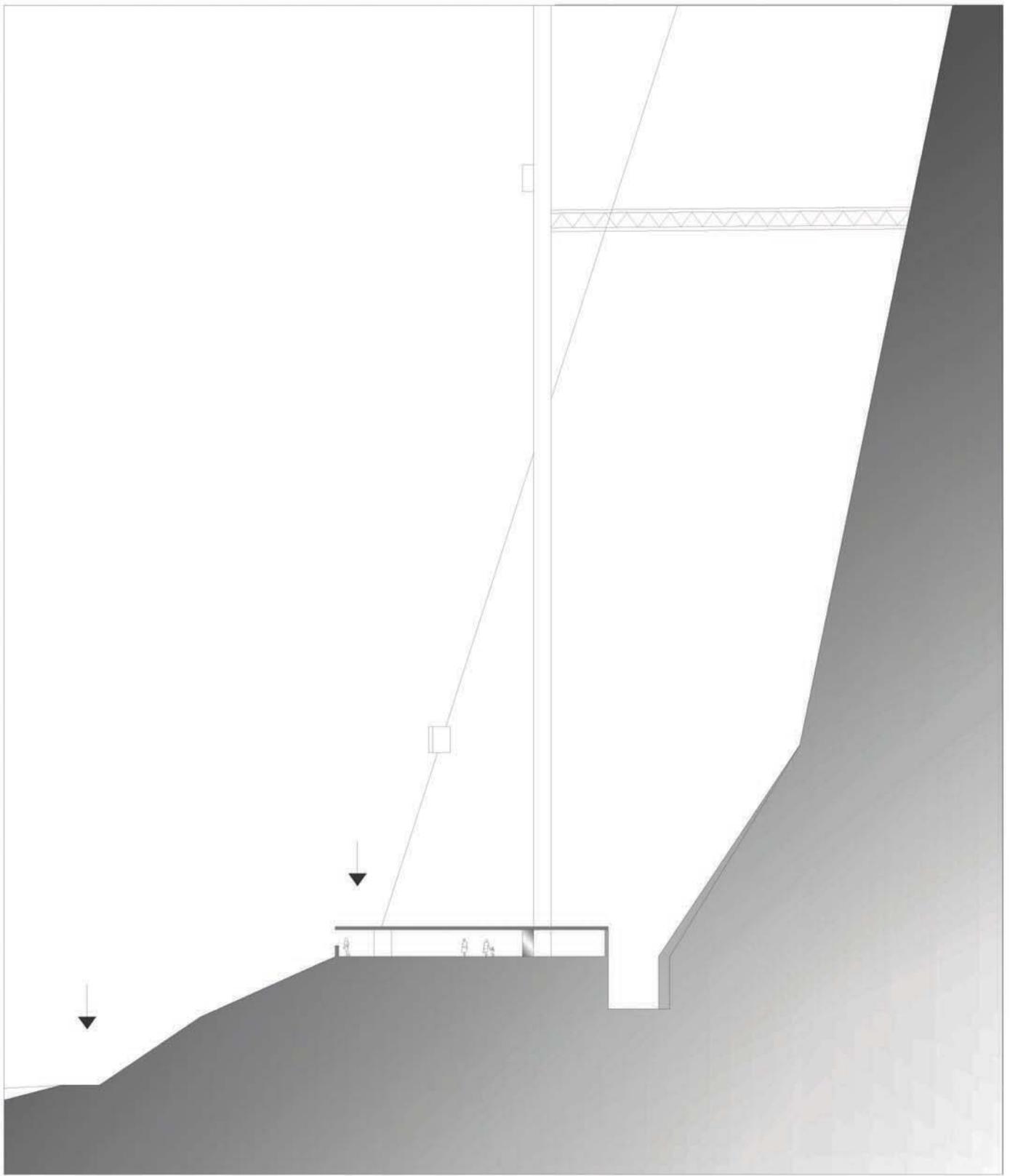
Planta de Análise dos elevadores/ 1/500



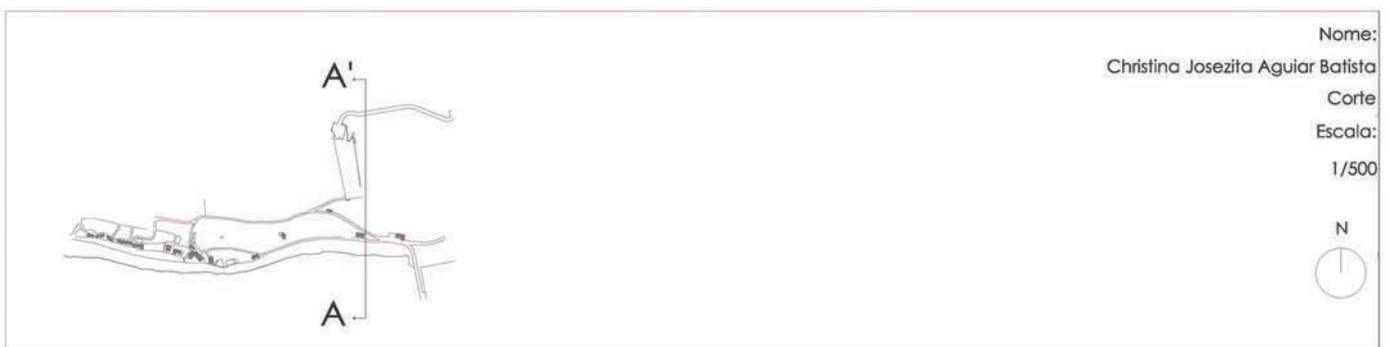


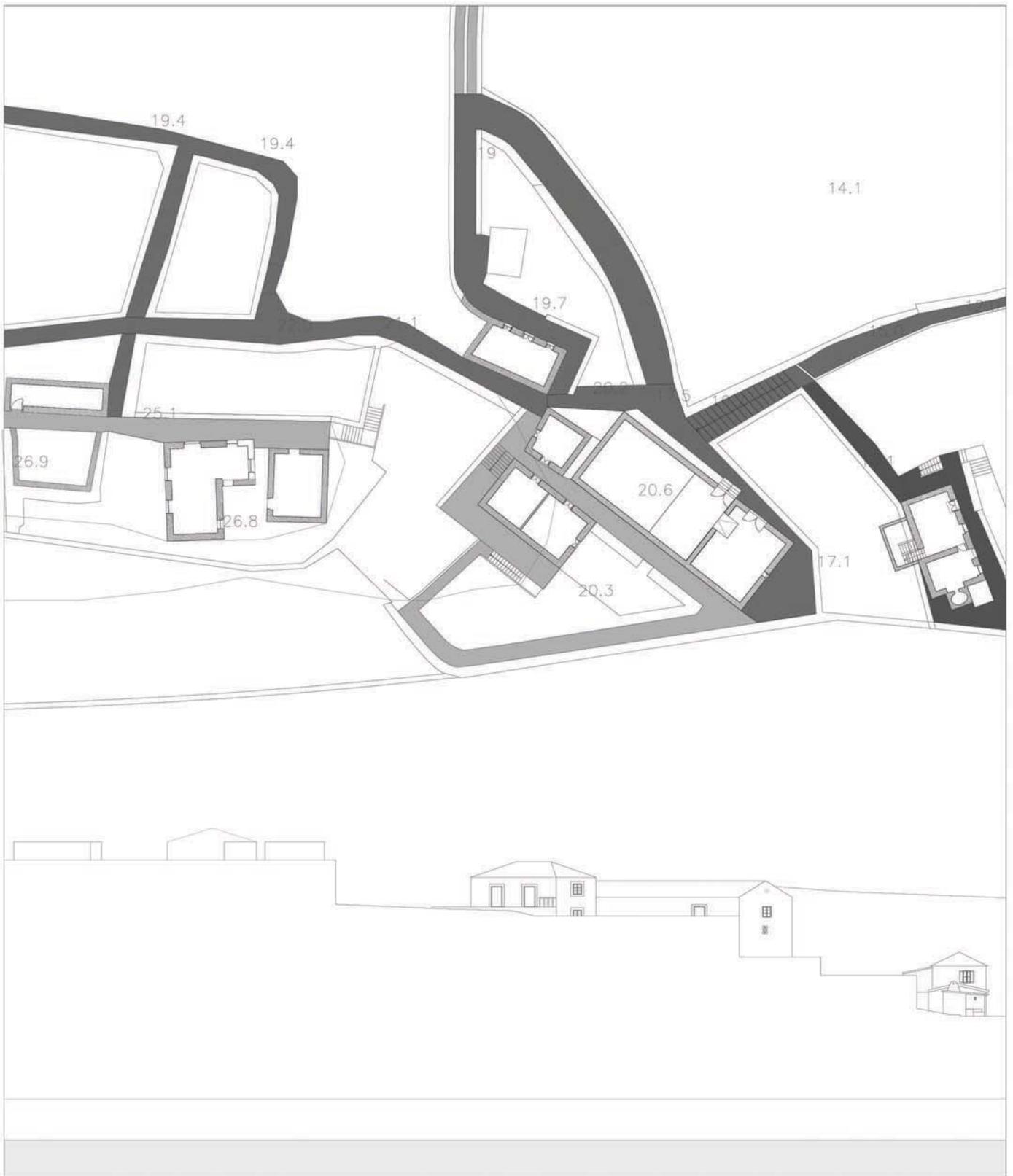
Planta de Análise/ Corte C / Escala : 1/500



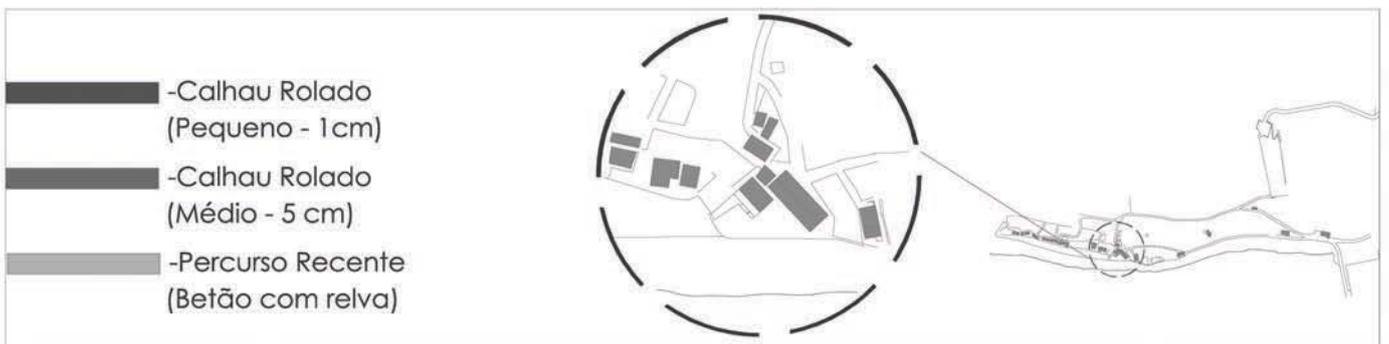


Planta de Análise/ Corte C / Escala : 1/500



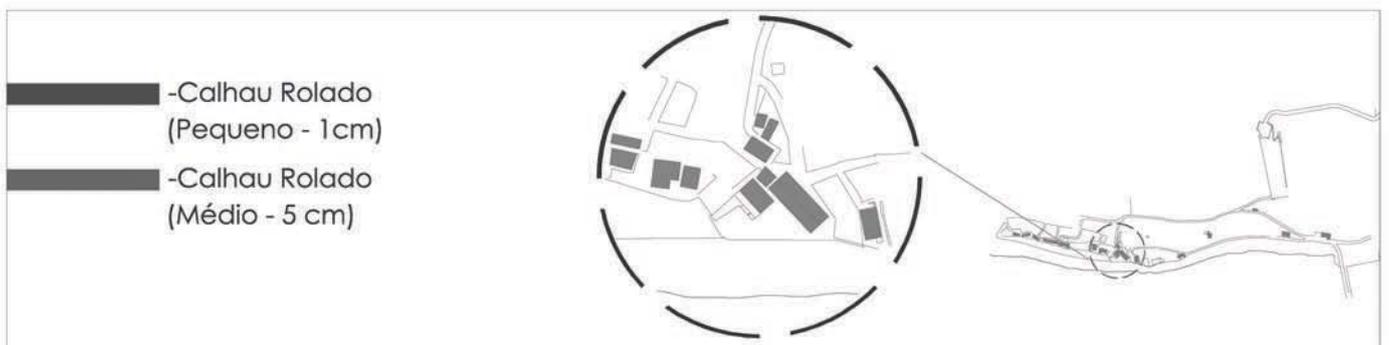


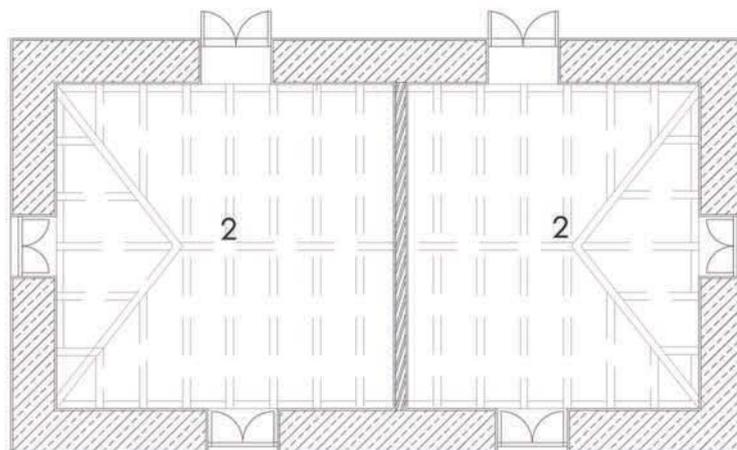
Planta de Análise/ Corte C / Escala : 1/500



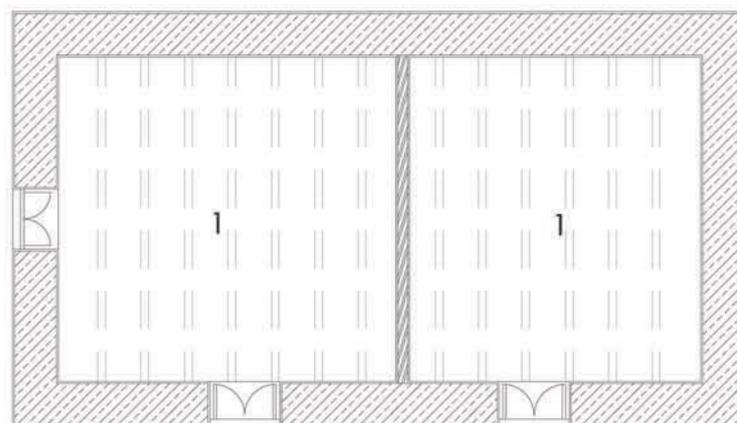


Planta nova proposta/ Corte C / Escala : 1/500





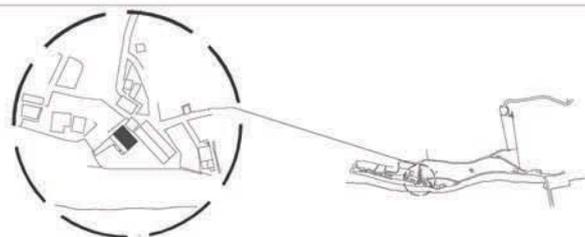
Piso 1

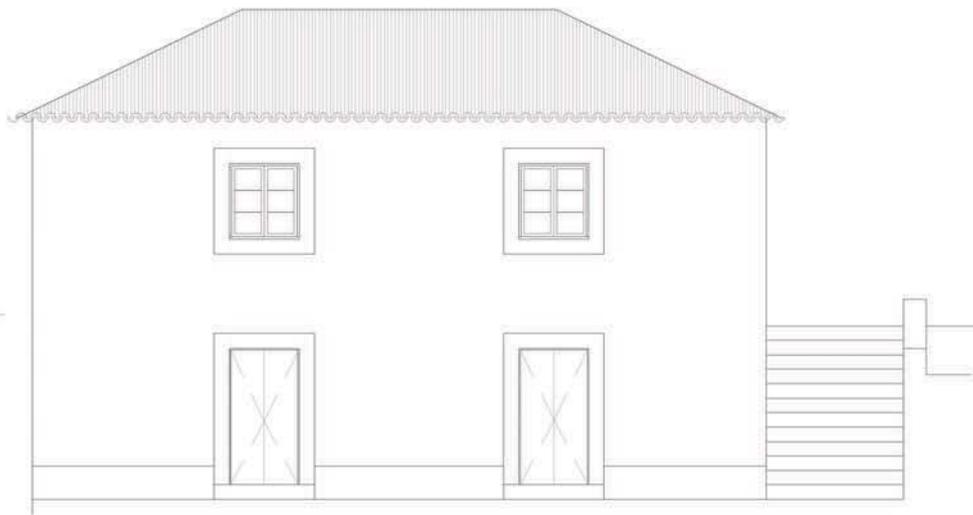


Piso 0

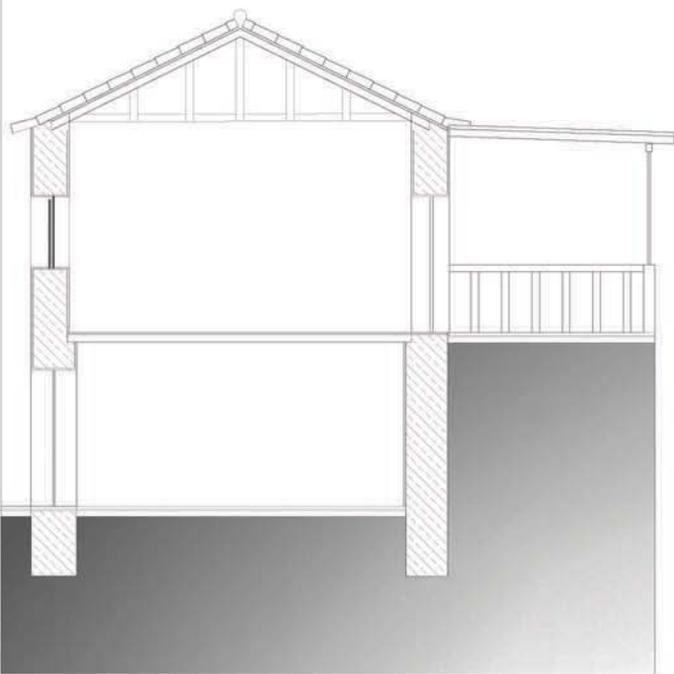
Pré-existências

- 1- Lojas
- 2- Quartos

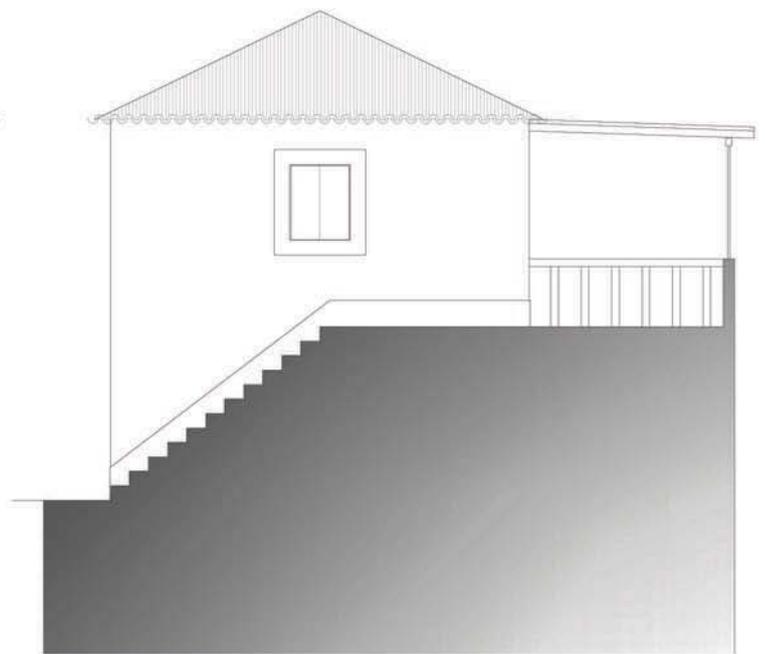




Alçado Nascente

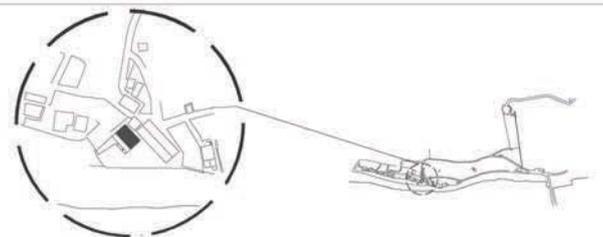


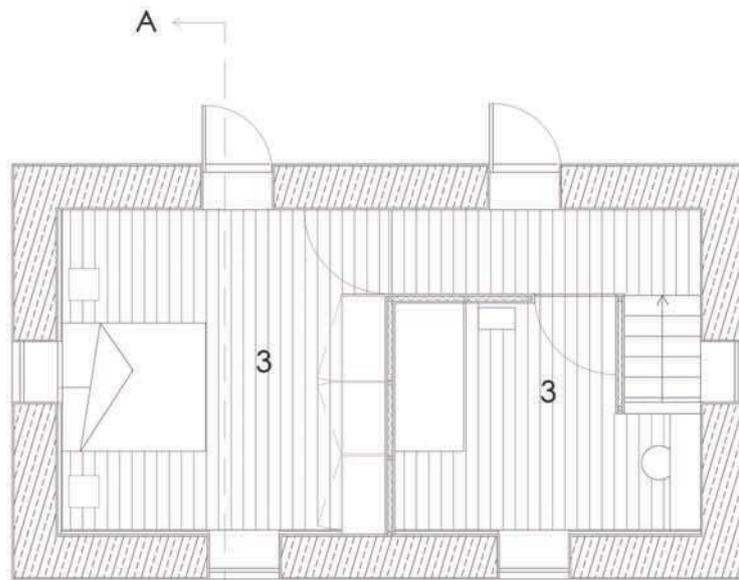
Corte AA



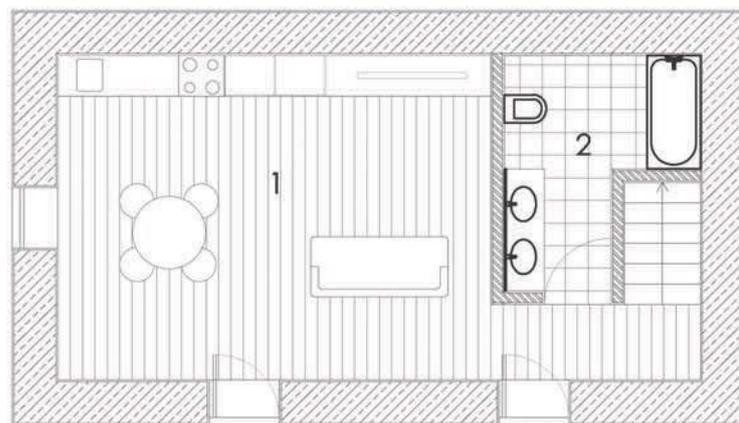
Alçado Norte

Pré-existências





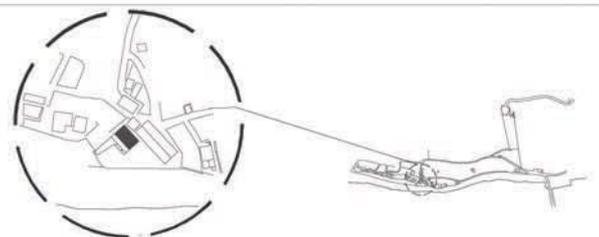
Piso 1

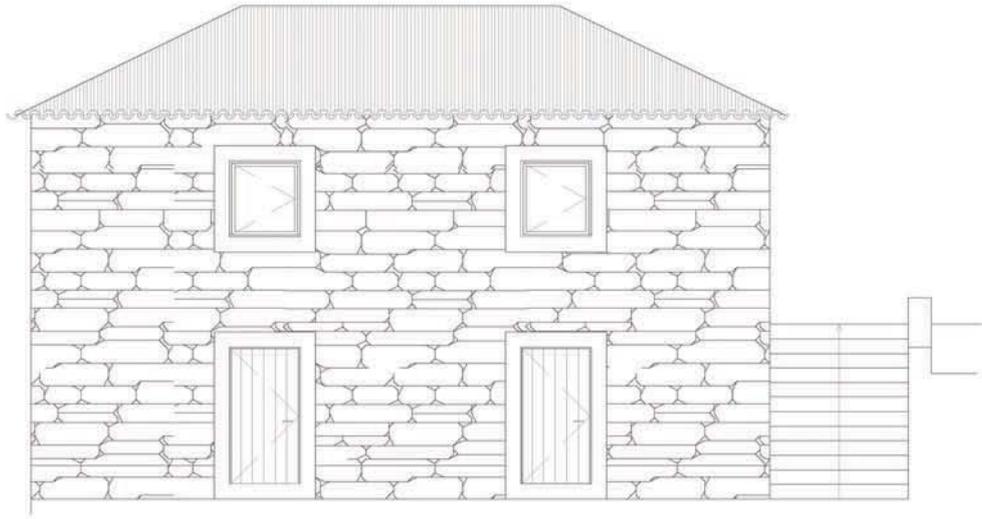


Piso 0

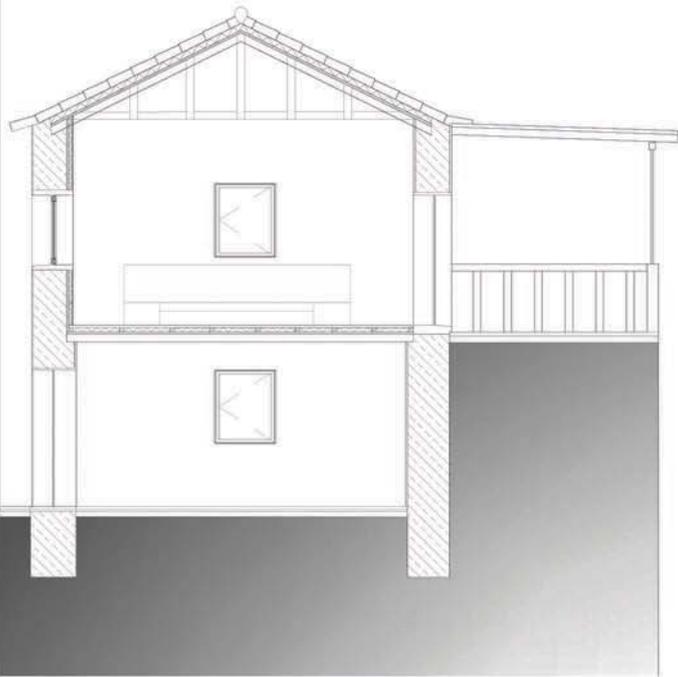
Nova Proposta

- 1- Sala / kitchenet
- 2- Instalações Sanitárias
- 3- Quartos

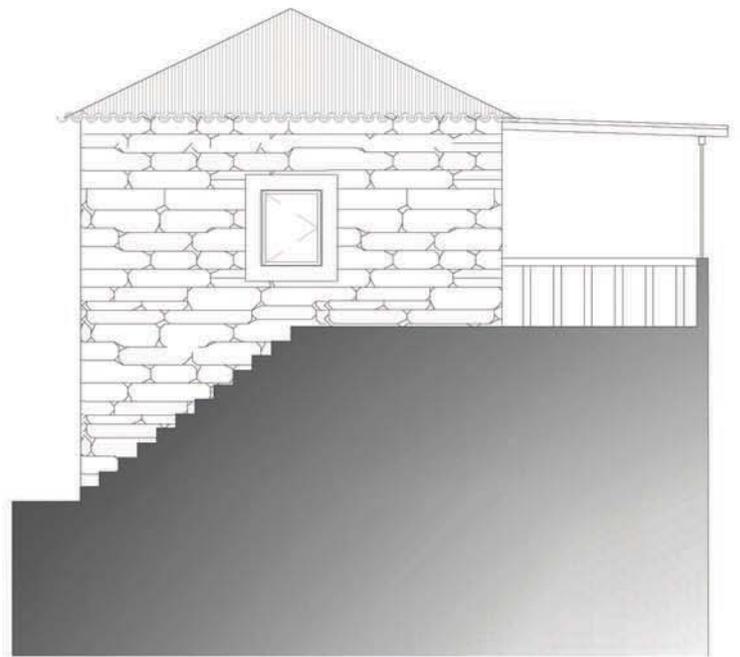




Alçado Nascente

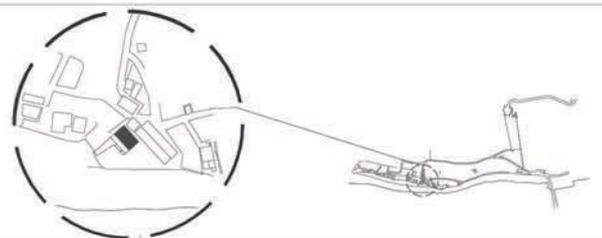


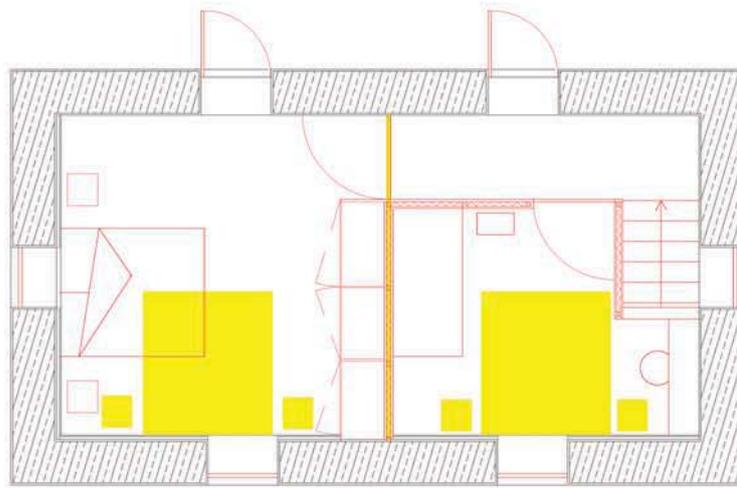
Corte AA



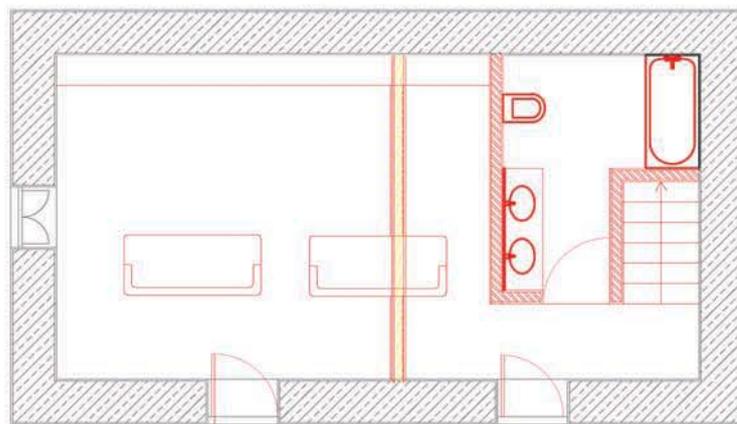
Alçado Norte

Nova Proposta



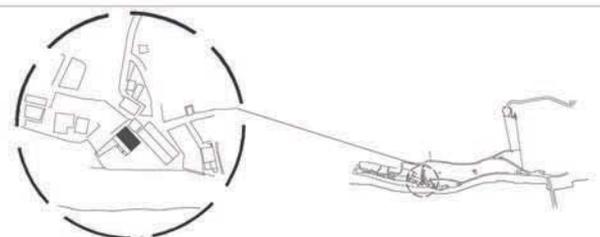


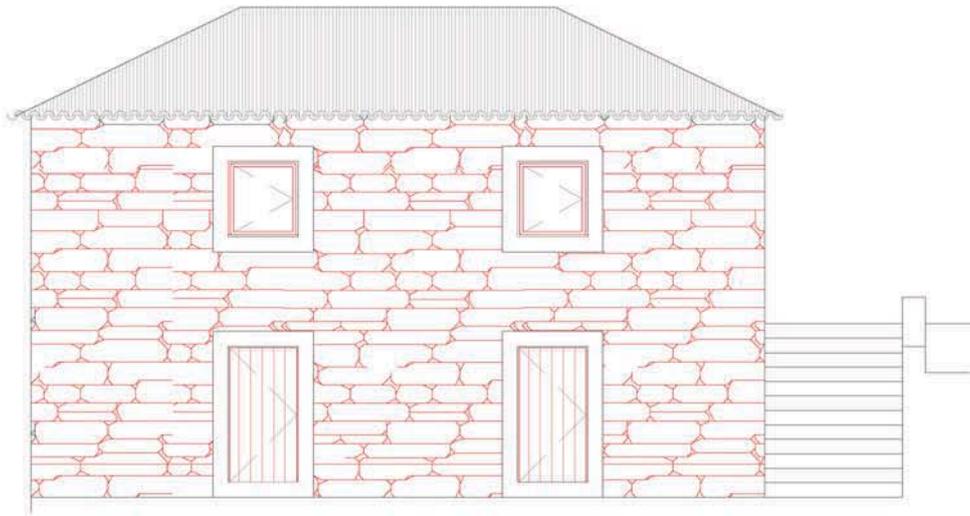
Piso 1



Piso 0

-  Elementos a demolir
-  Elementos a acrescentar

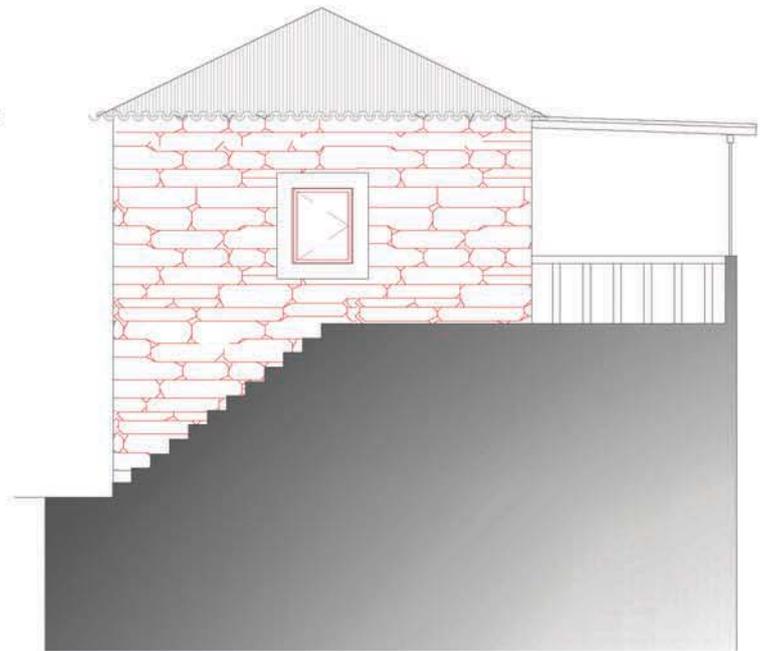




Alçado Nascente

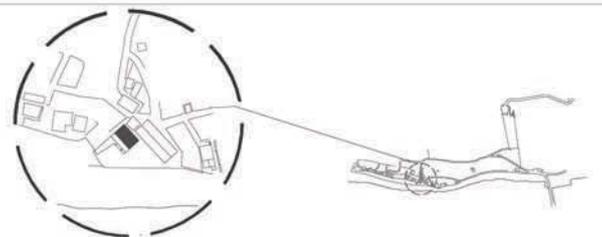


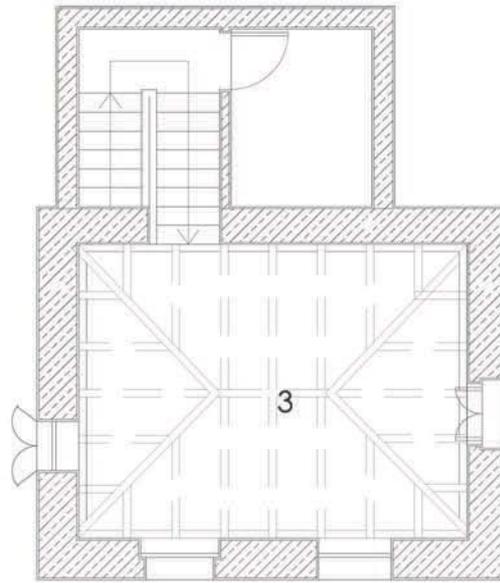
Corte AA



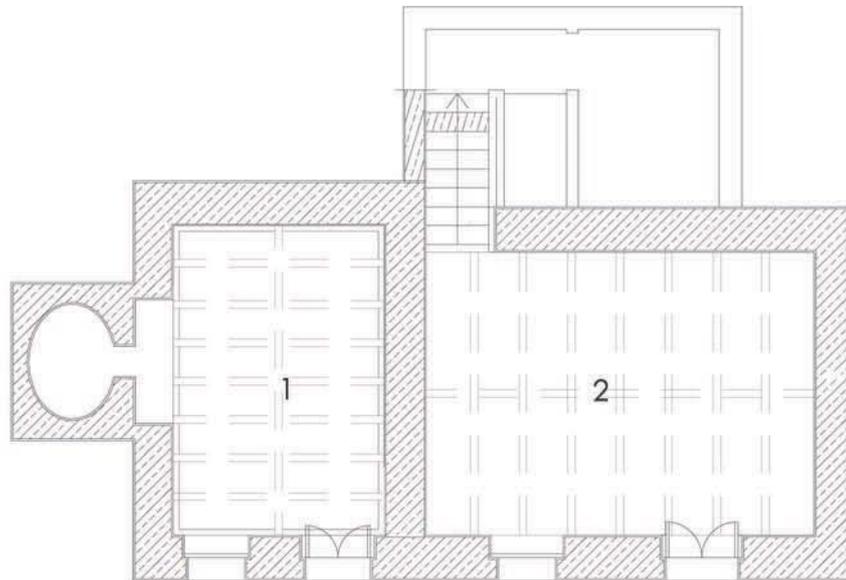
Alçado Norte

-  Elementos a demolir
-  Elementos a acrescentar





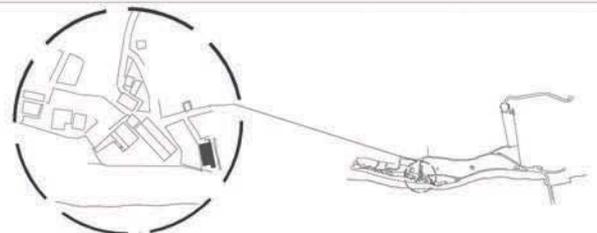
Piso 1



Piso 0

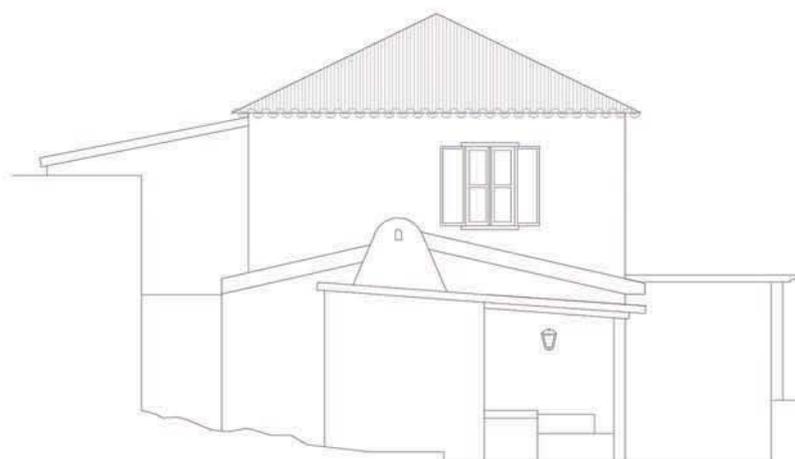
Pré-existências

- 1- Cozinha
- 2- Sala
- 3- Quartos



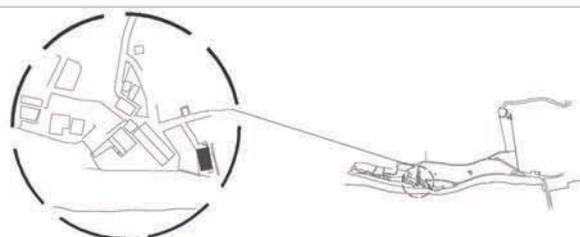


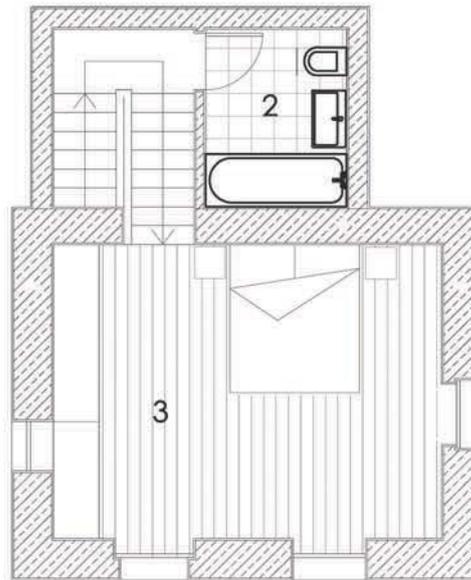
Alçado Nascente



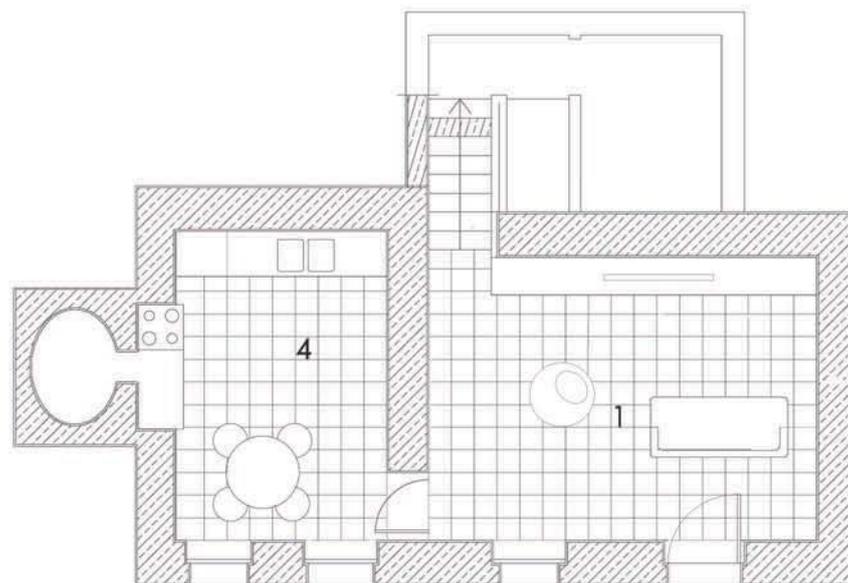
Alçado Sul

Pré-existências





Piso 1

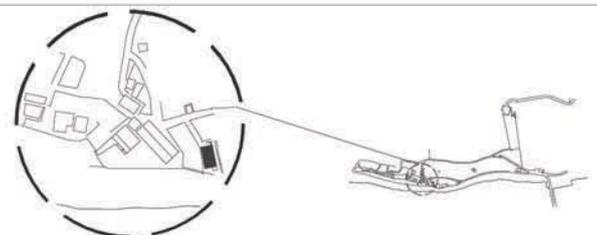


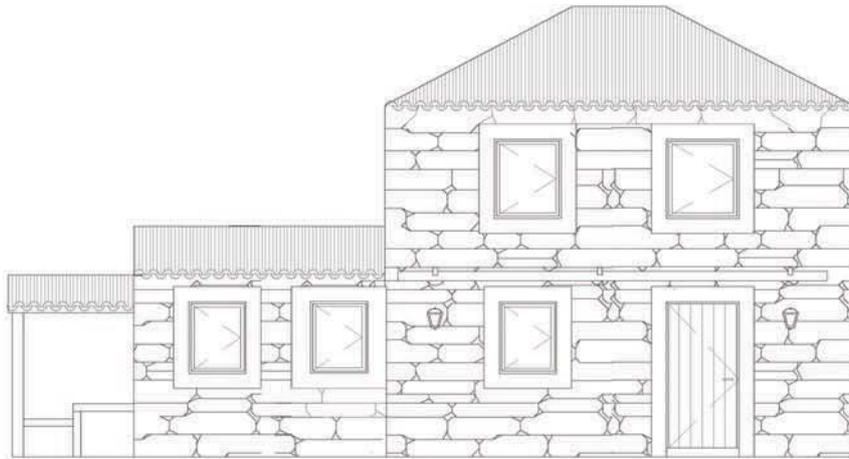
Piso 0

Nova Proposta

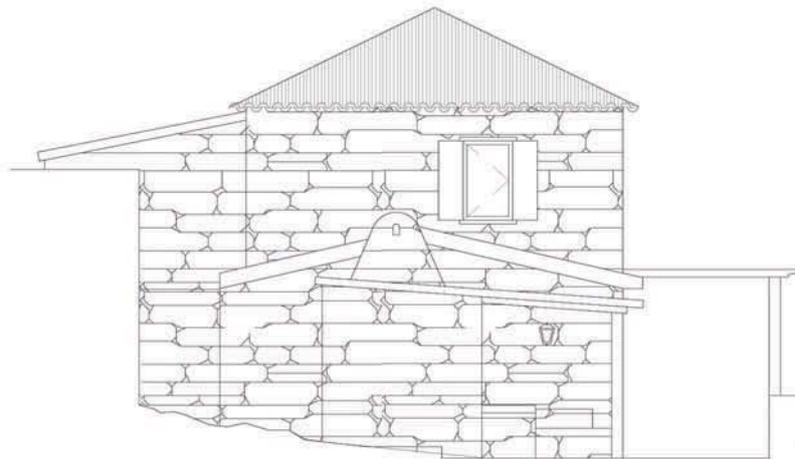
- 1- Sala
- 2- Instalações Sanitárias
- 3- Quartos

- 4- Cozinha



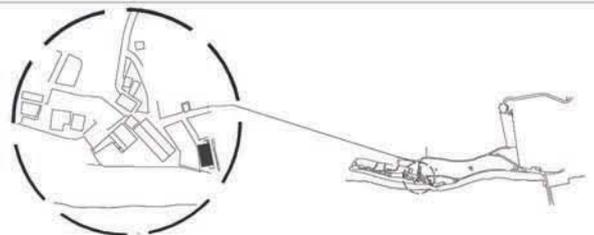


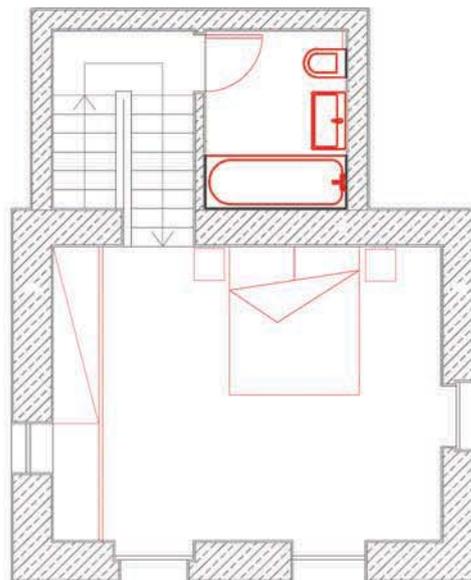
Alçado Nascente



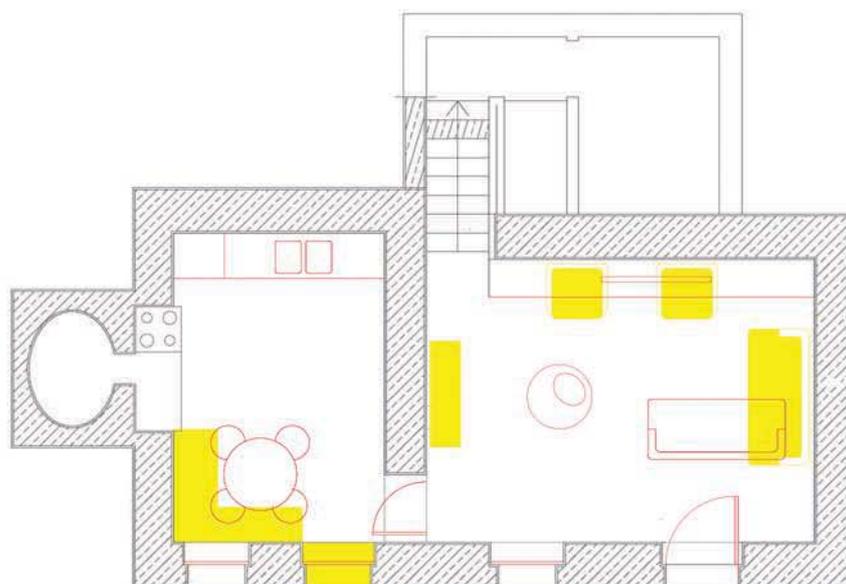
Alçado Sul

Nova Proposta



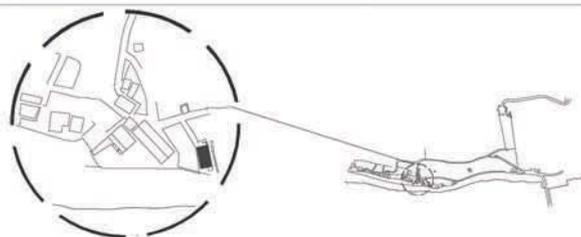


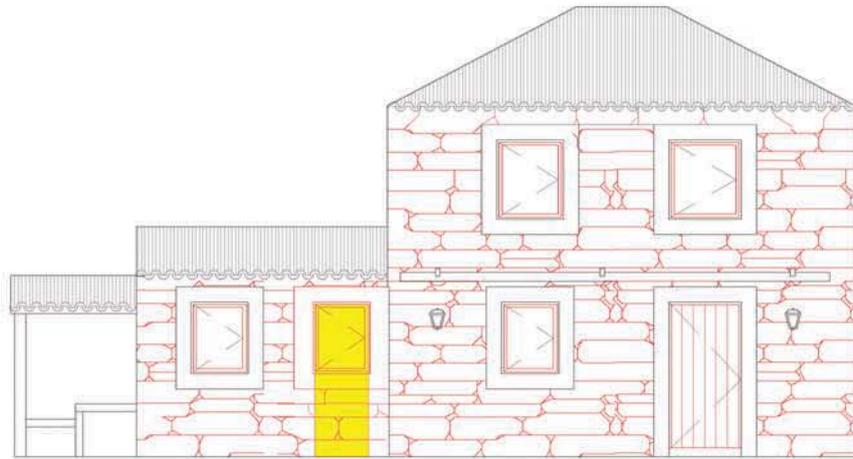
Piso 1



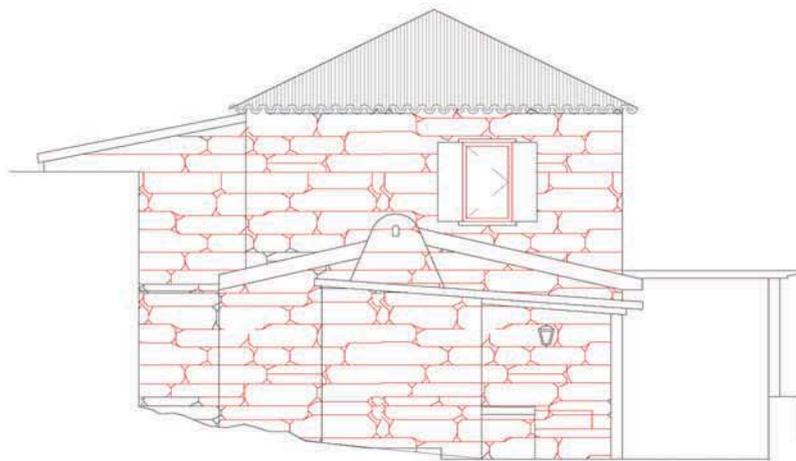
Piso 0

-  Elementos a demolir
-  Elementos a acrescentar



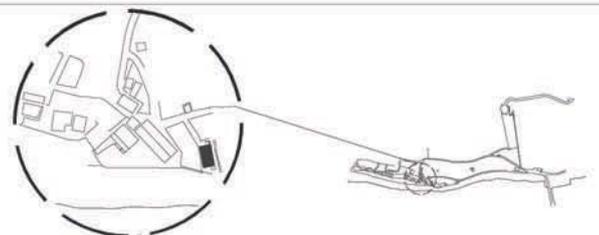


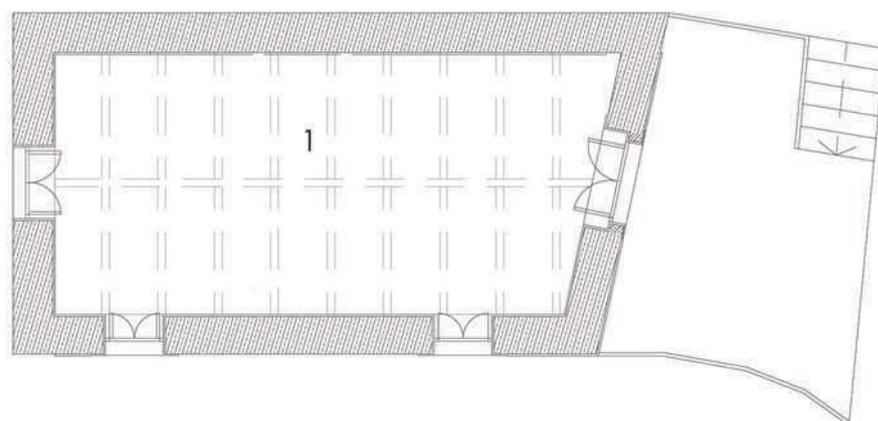
Alçado Nascente



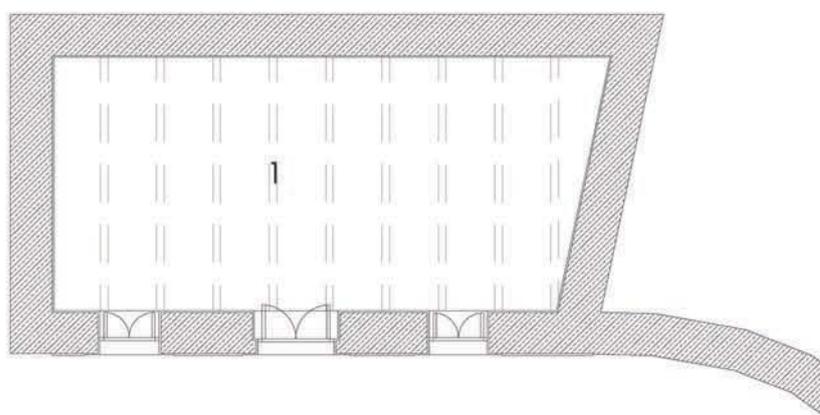
Alçado Sul

-  Elementos a demolir
-  Elementos a acrescentar





Piso 1

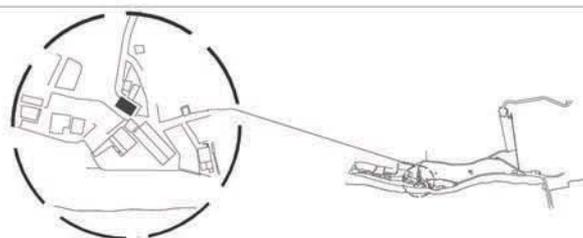


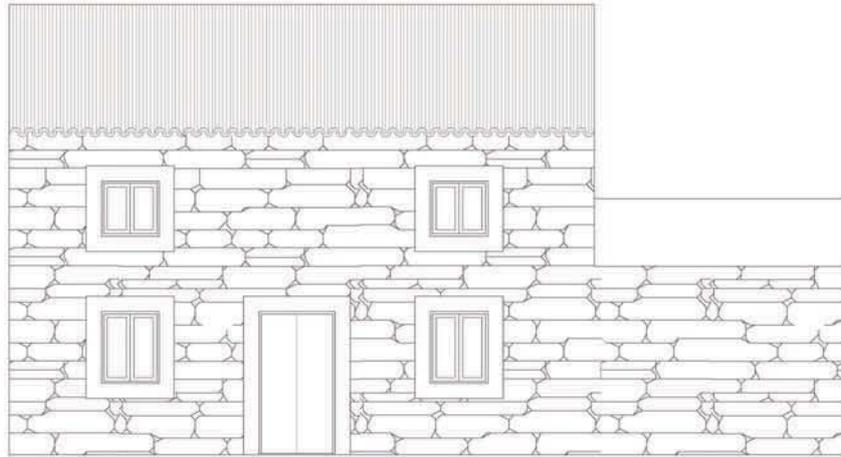
Piso 0

Pré-existências

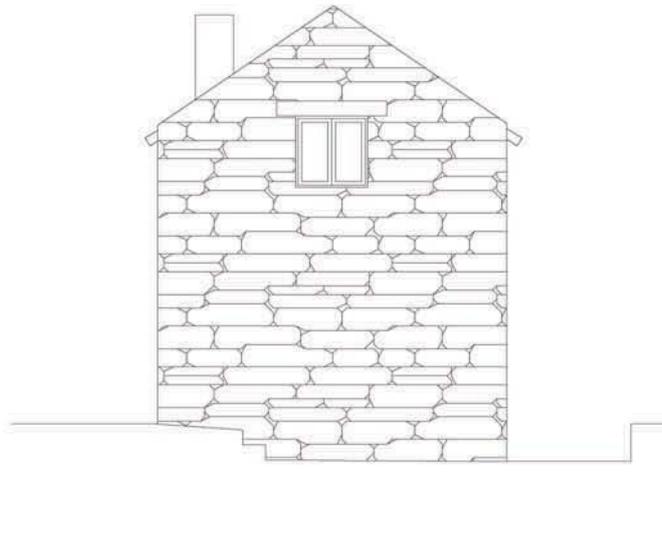
- 1- Recepção
- 2- Área d Estar
- 3- Instalações Sanitárias

4- Quarto



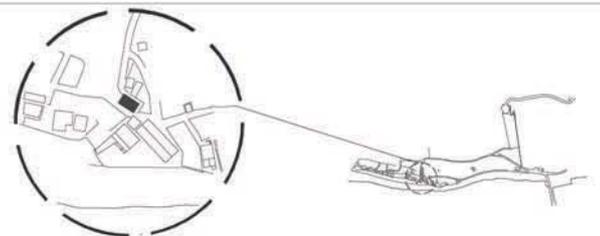


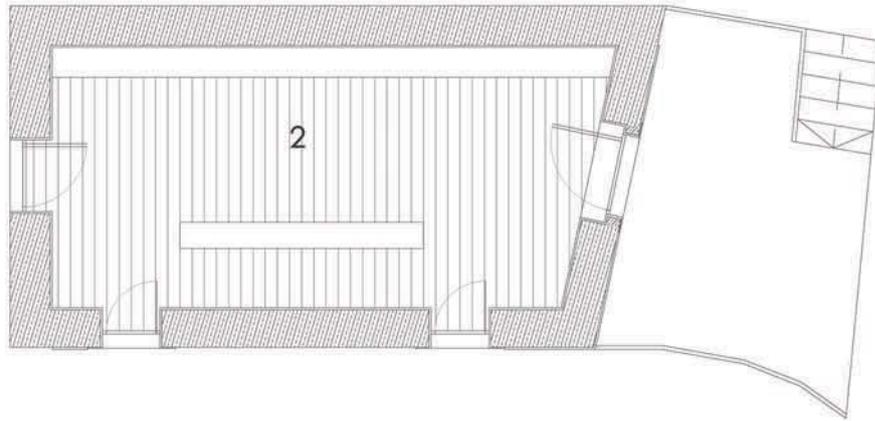
Alçado Nascente



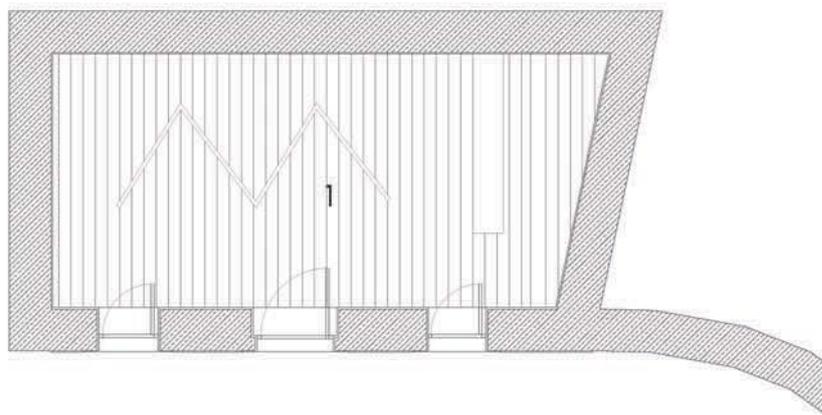
Alçado Sul

Pré-existências





Piso 1

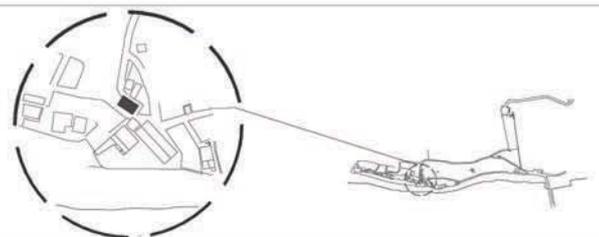


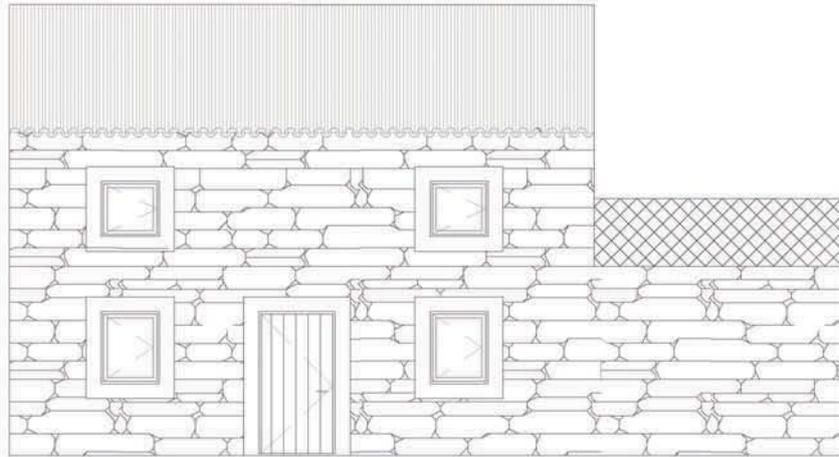
Piso 0

Nova Proposta

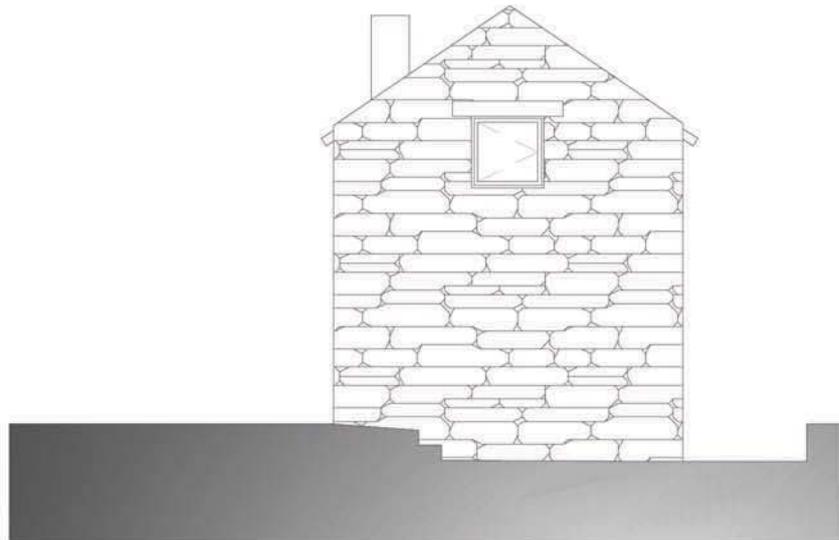
1- Área de Exposição

2- Área de venda de Productos Biológicos



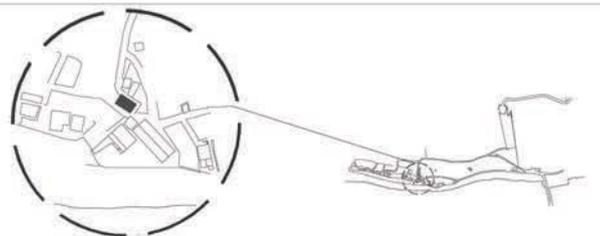


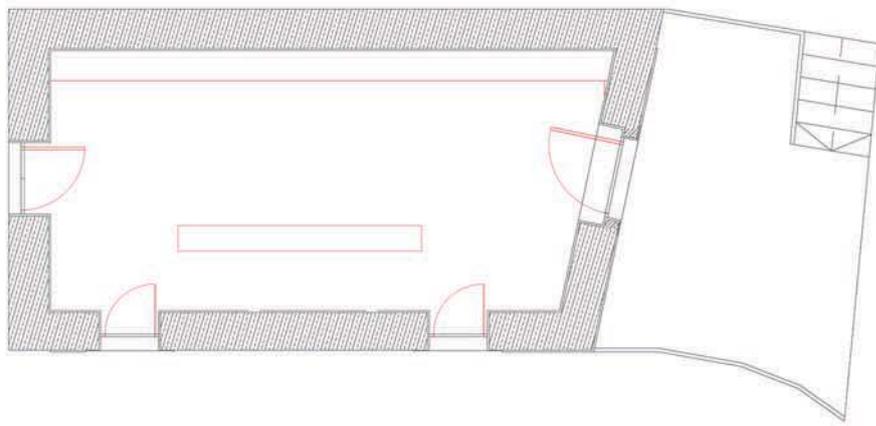
Alçado Nascente



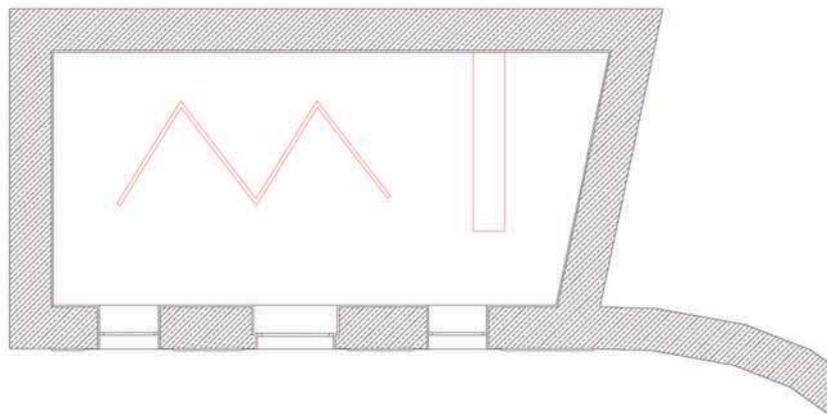
Alçado Sul

Nova Proposta



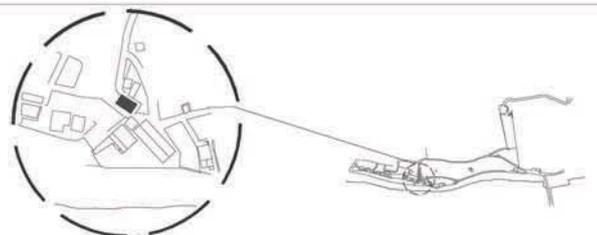


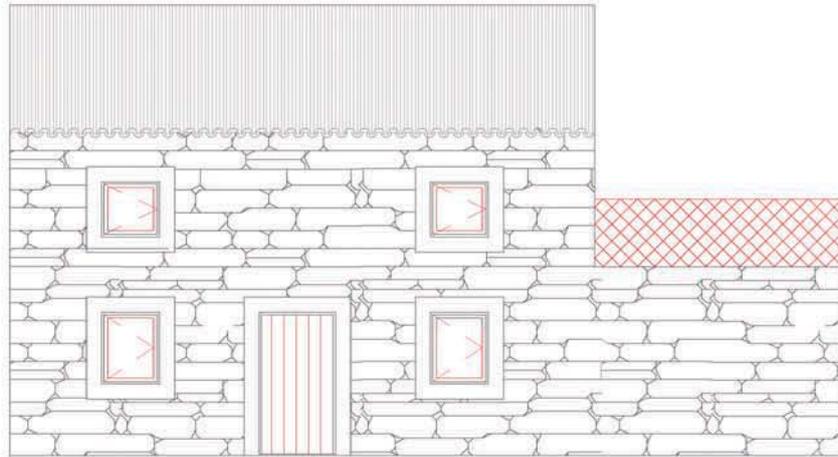
Piso 1



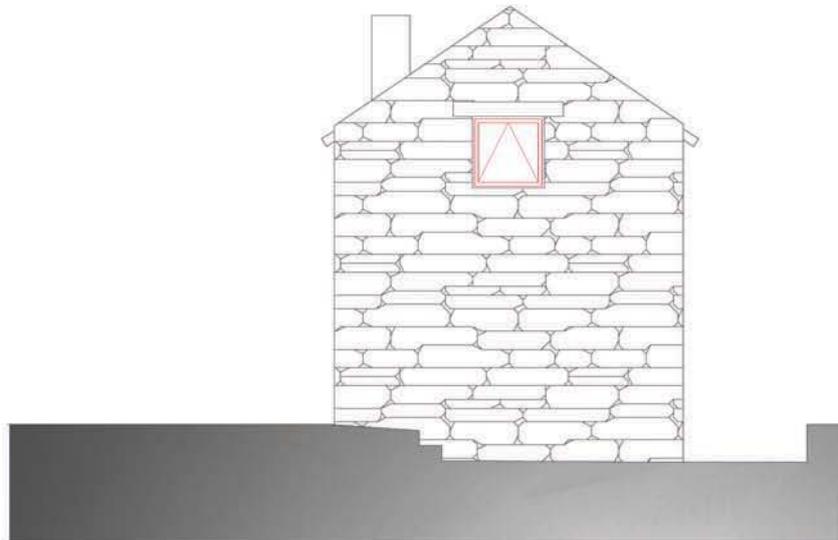
Piso 0

-  Elementos a demolir
-  Elementos a acrescentar



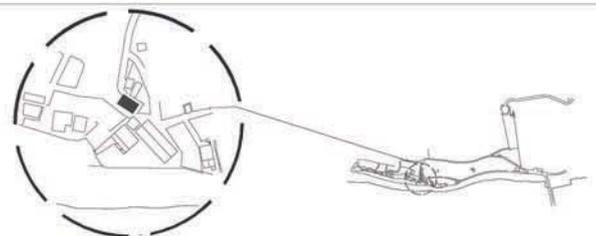


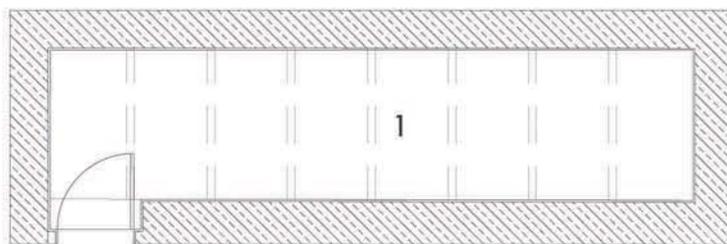
Alçado Nascente



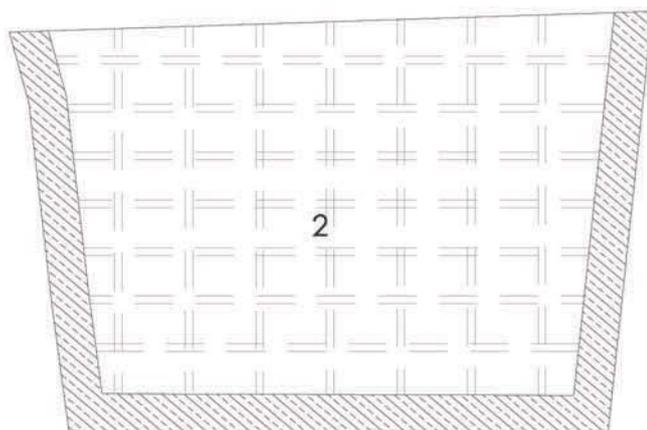
Alçado Sul

-  Elementos a demolir
-  Elementos a acrescentar





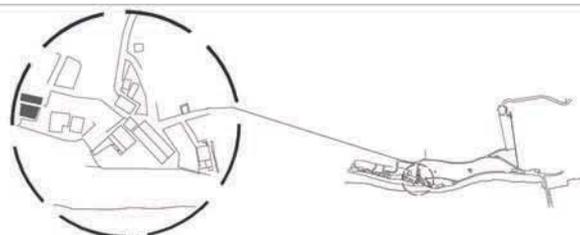
Piso 0

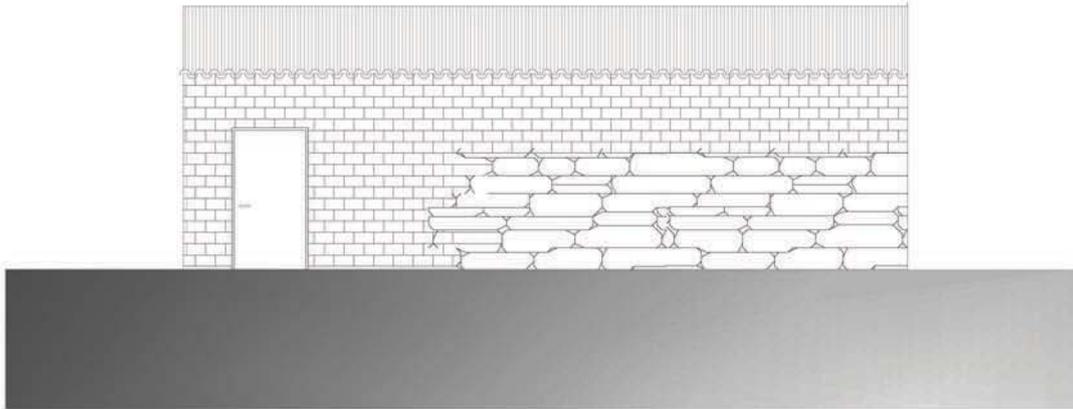


Piso 0

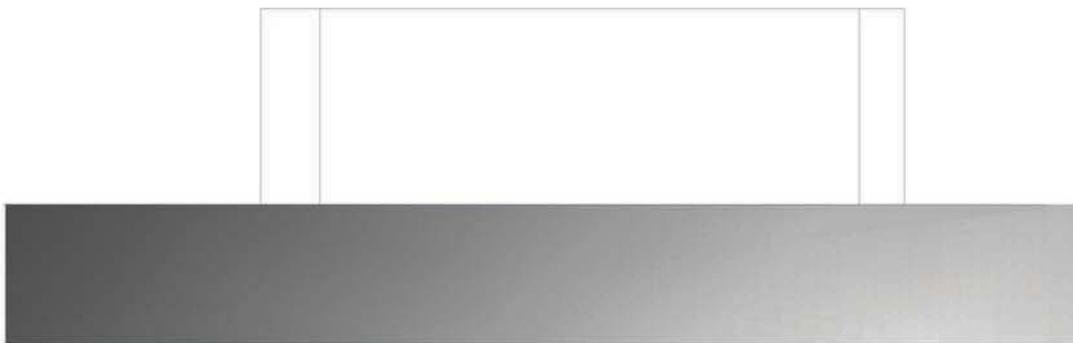
Pré-existências

- 1- Cozinha
- 2- Quartos



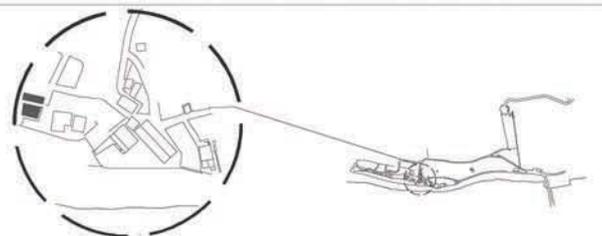


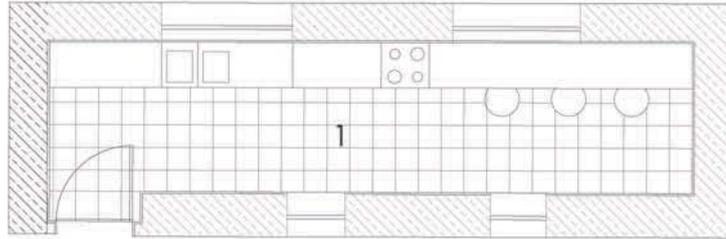
Alçado Sul



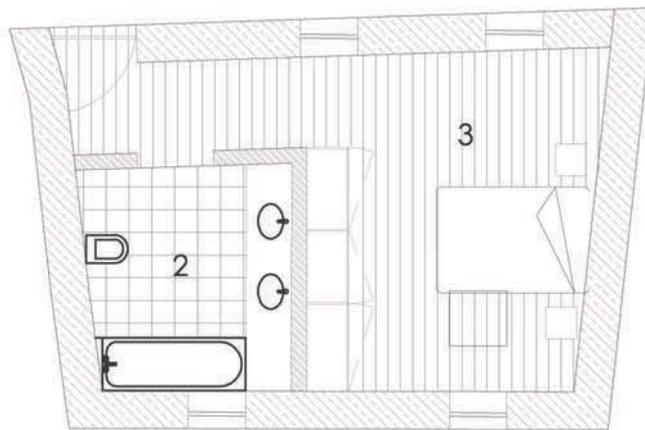
Alçado Sul

Pré-existências





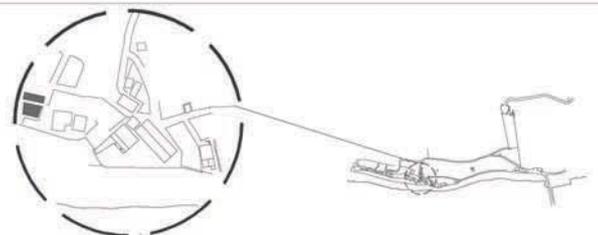
Piso 0

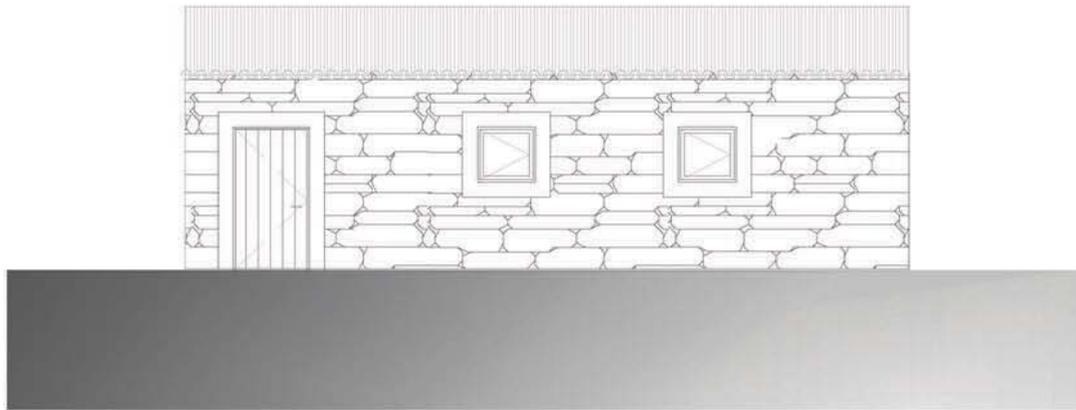


Piso 0

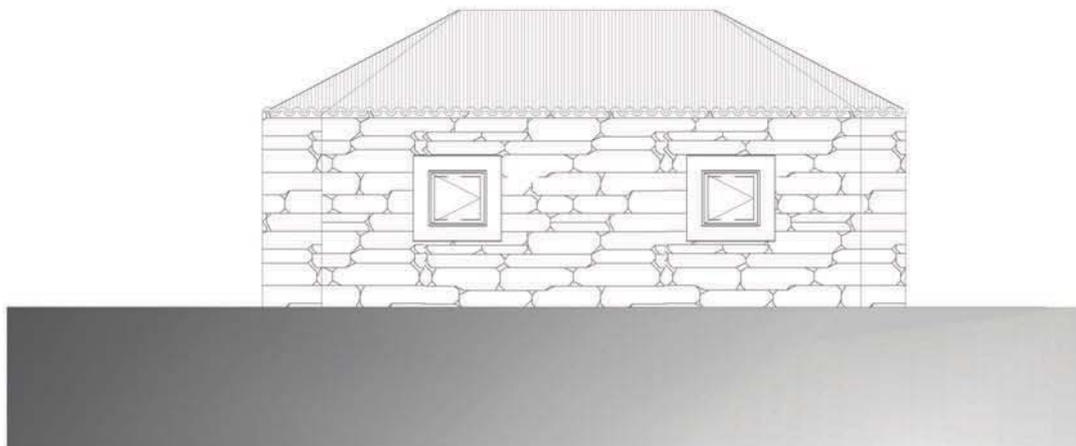
Nova Proposta

- 1- Cozinha
- 2- Instalações Sanitárias
- 3- Quartos



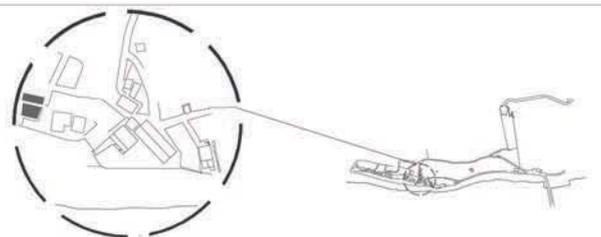


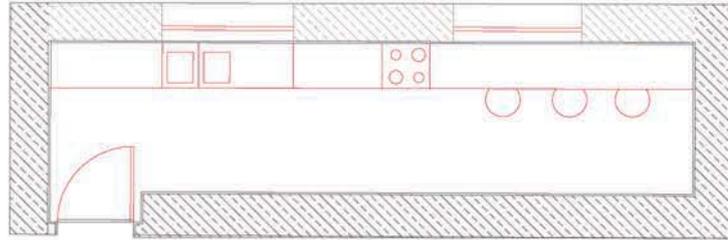
Alçado Sul



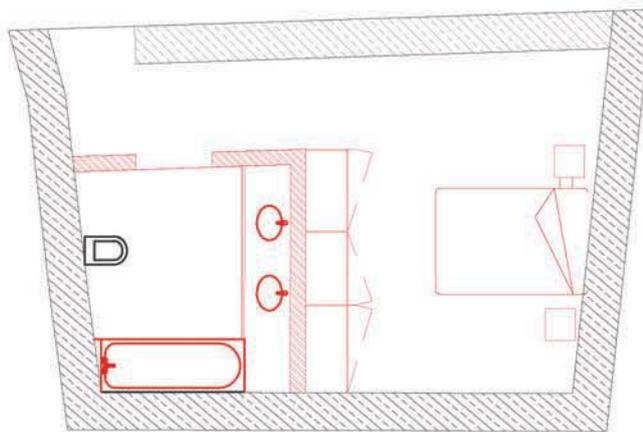
Alçado Sul

Nova Proposta



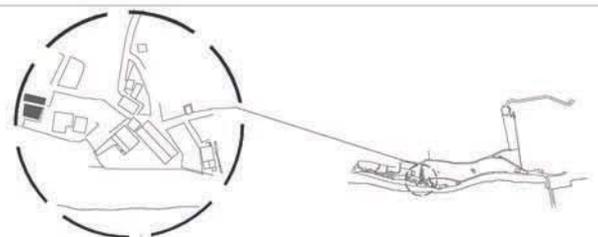


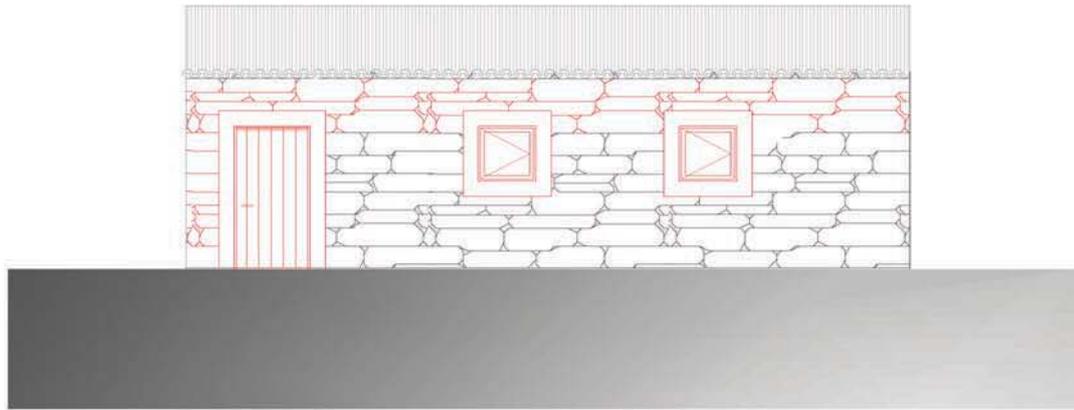
Piso 0



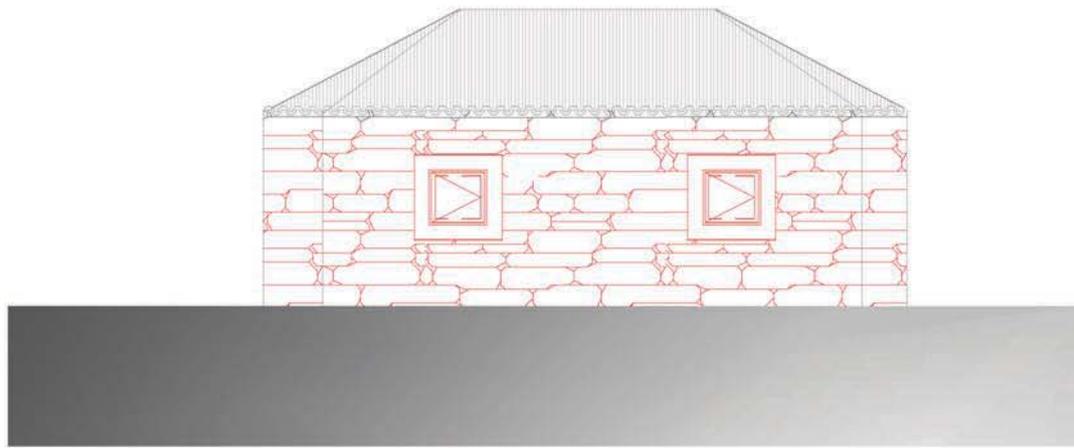
Piso 0

-  Elementos a demolir
-  Elementos a acrescentar



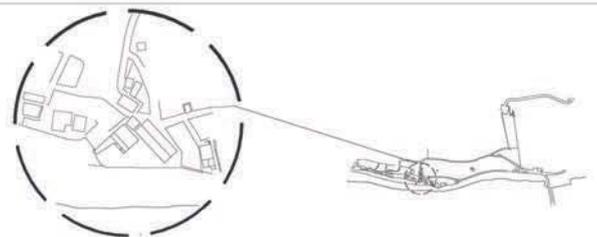


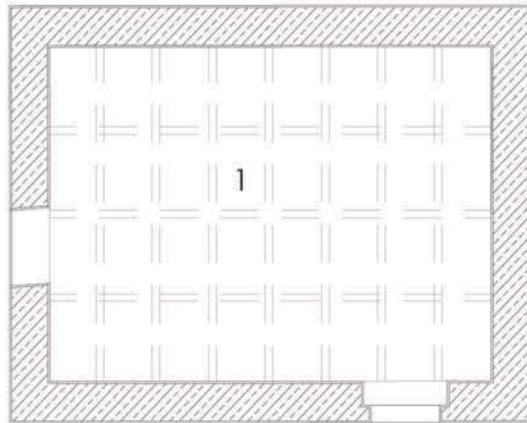
Alçado Sul



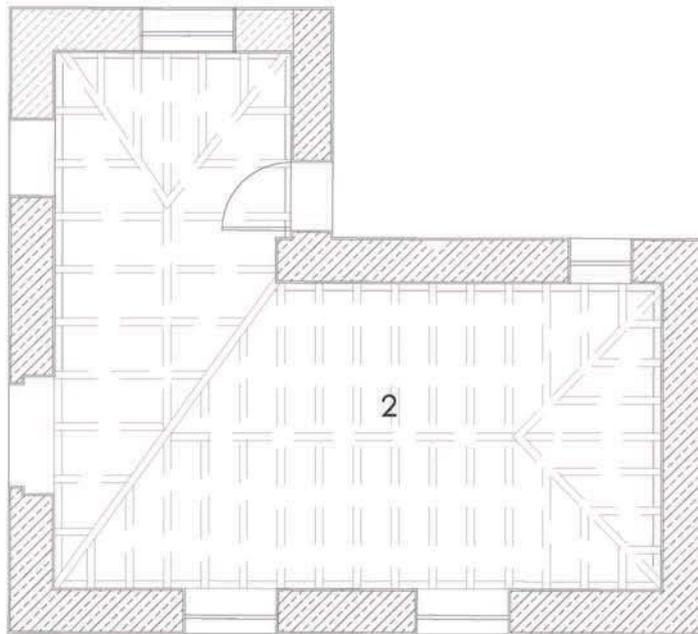
Alçado Sul

-  Elementos a demolir
-  Elementos a acrescentar





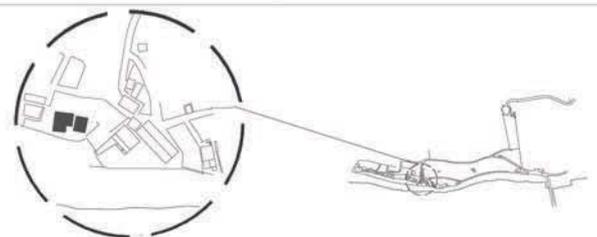
Piso 0

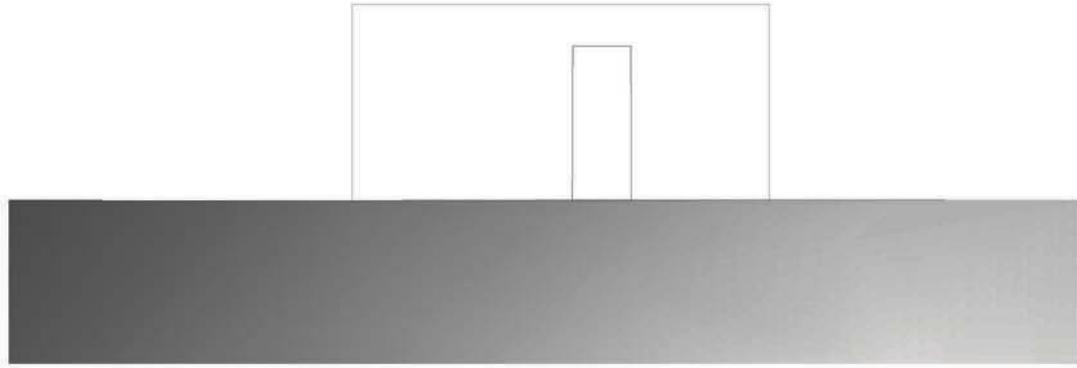


Piso 0

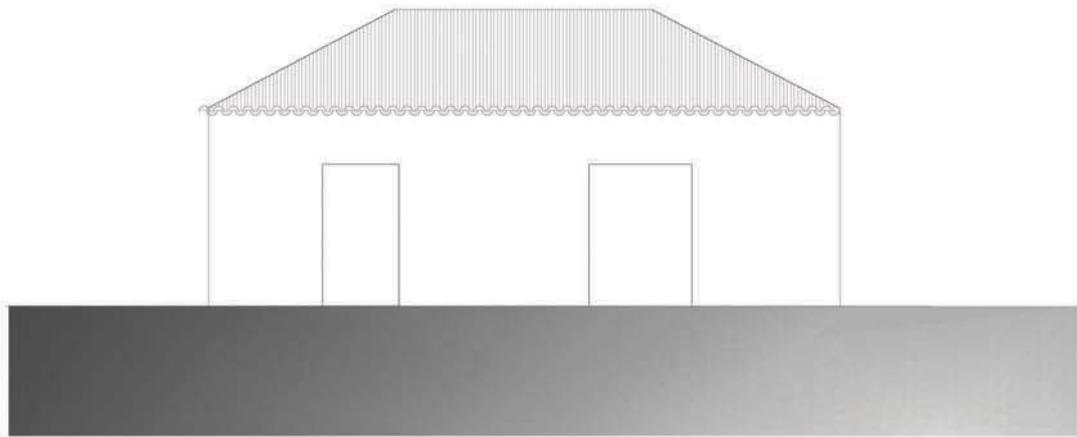
Pré-existências

- 1- Cozinha
- 2- Quartos



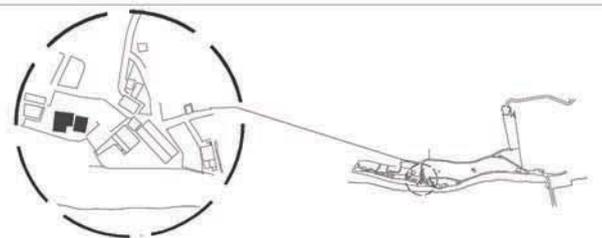


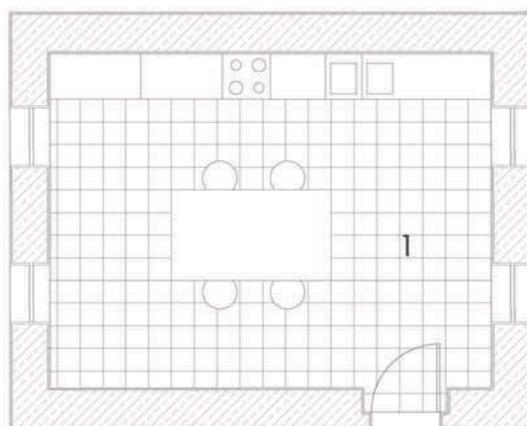
Alçado Norte



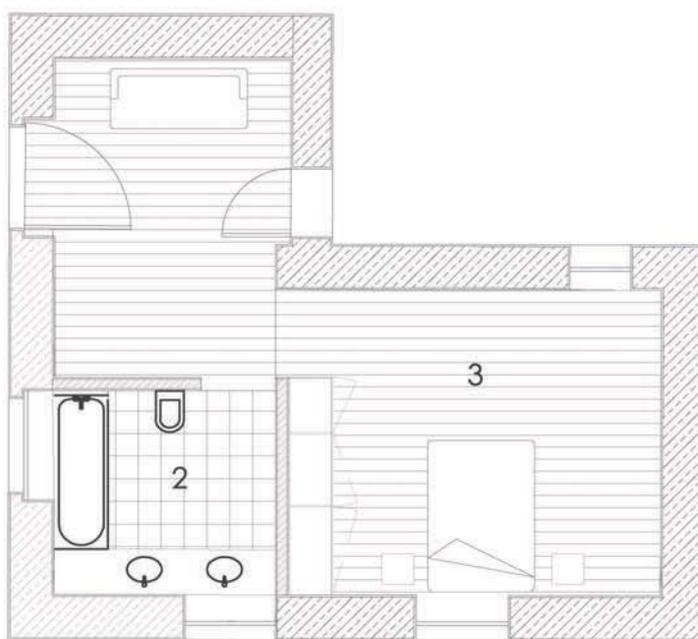
Alçado Norte

Pré-existências





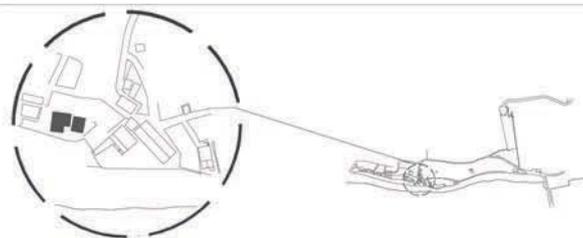
Piso 0

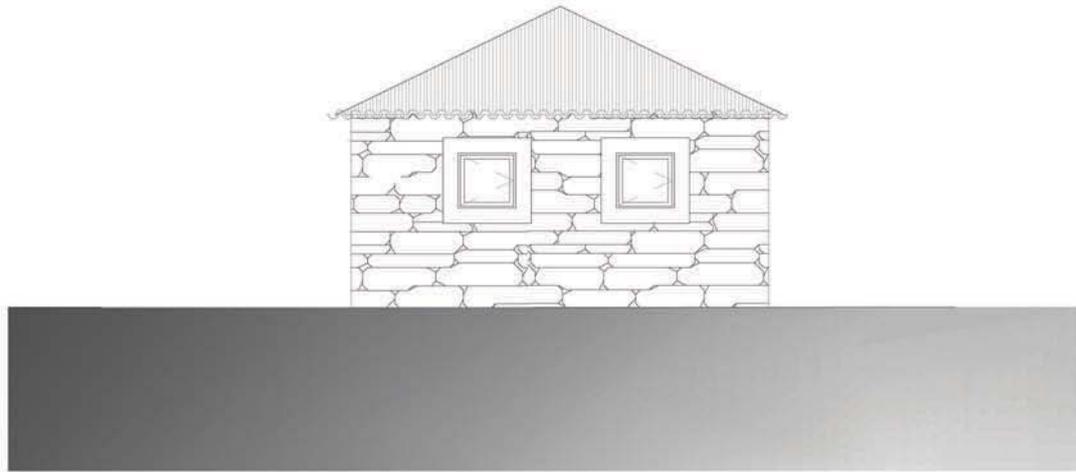


Piso 0

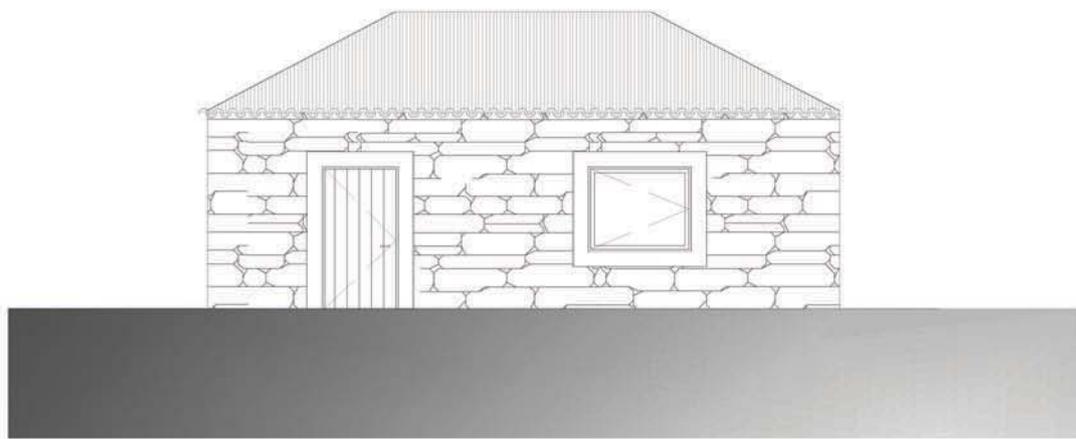
Nova Proposta

- 1- Cozinha
- 2- Instalações Sanitárias
- 3- Quartos



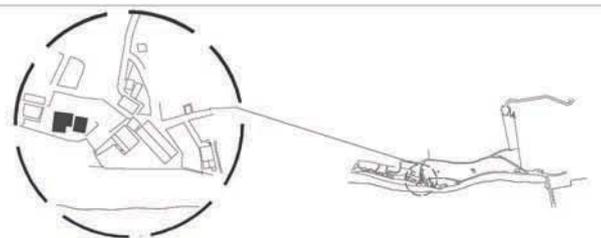


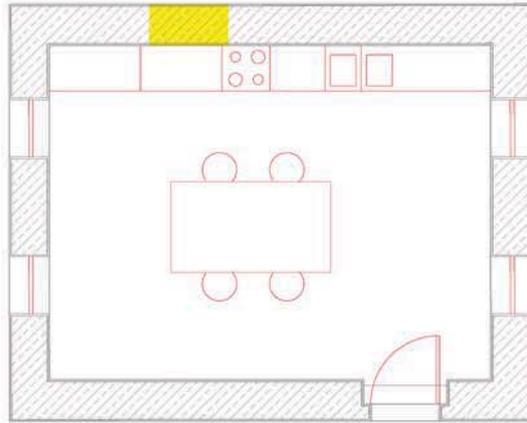
Alçado Norte



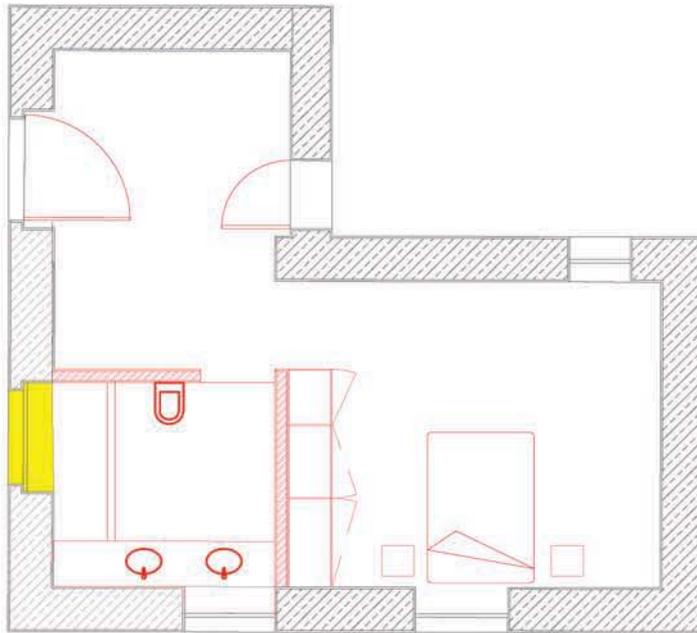
Alçado Norte

Nova Proposta



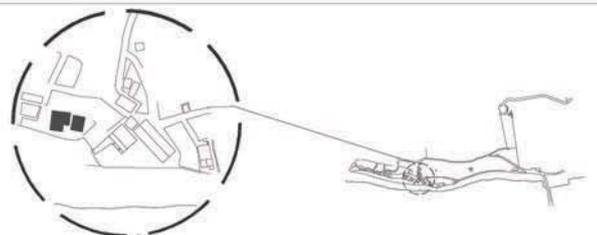


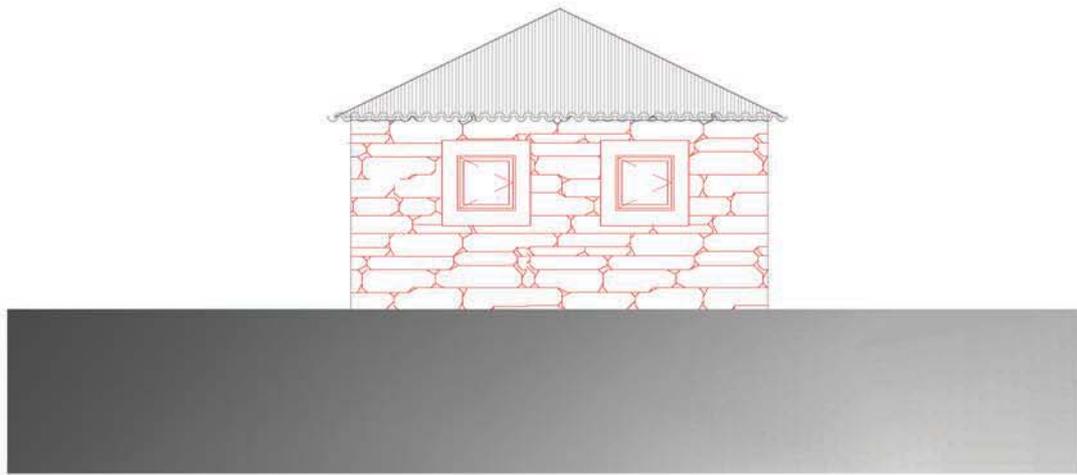
Piso 0



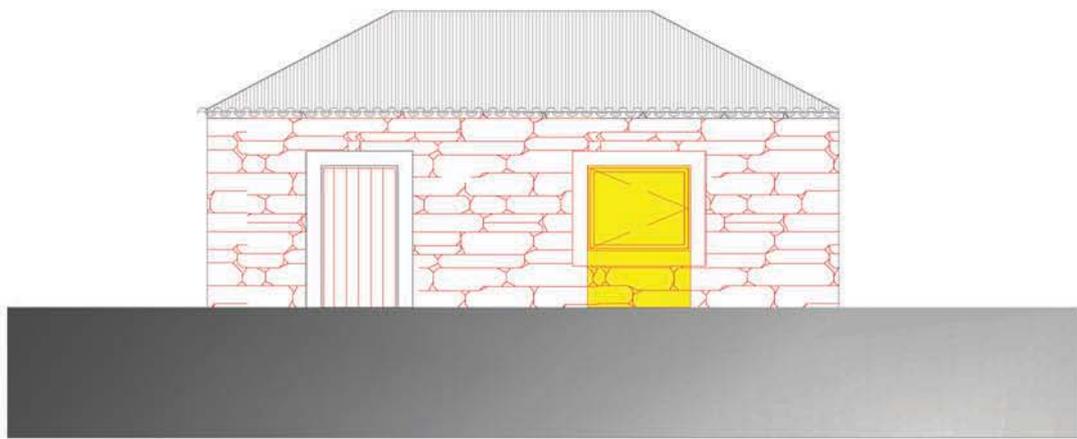
Piso 0

-  Elementos a demolir
-  Elementos a acrescentar



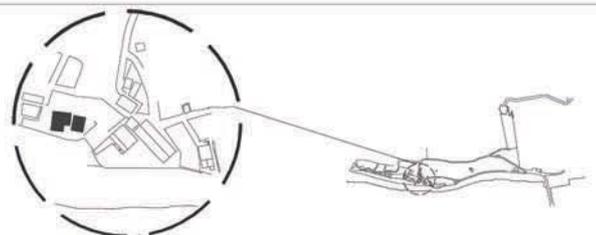


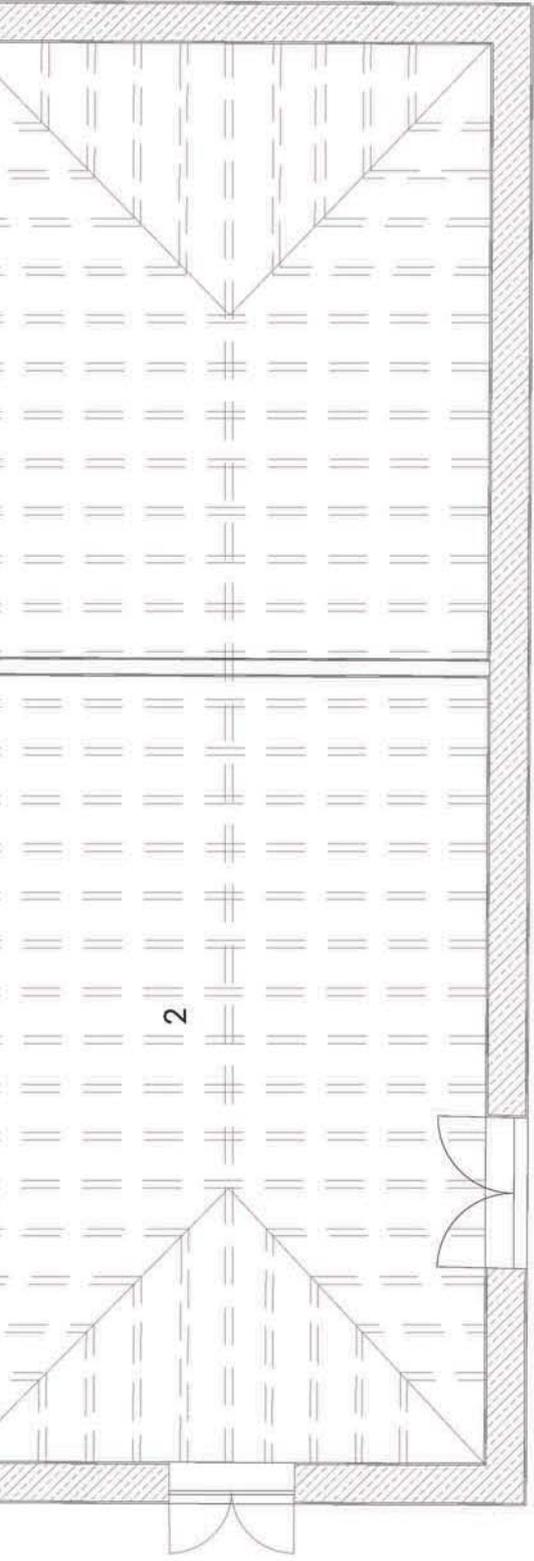
Alçado Norte



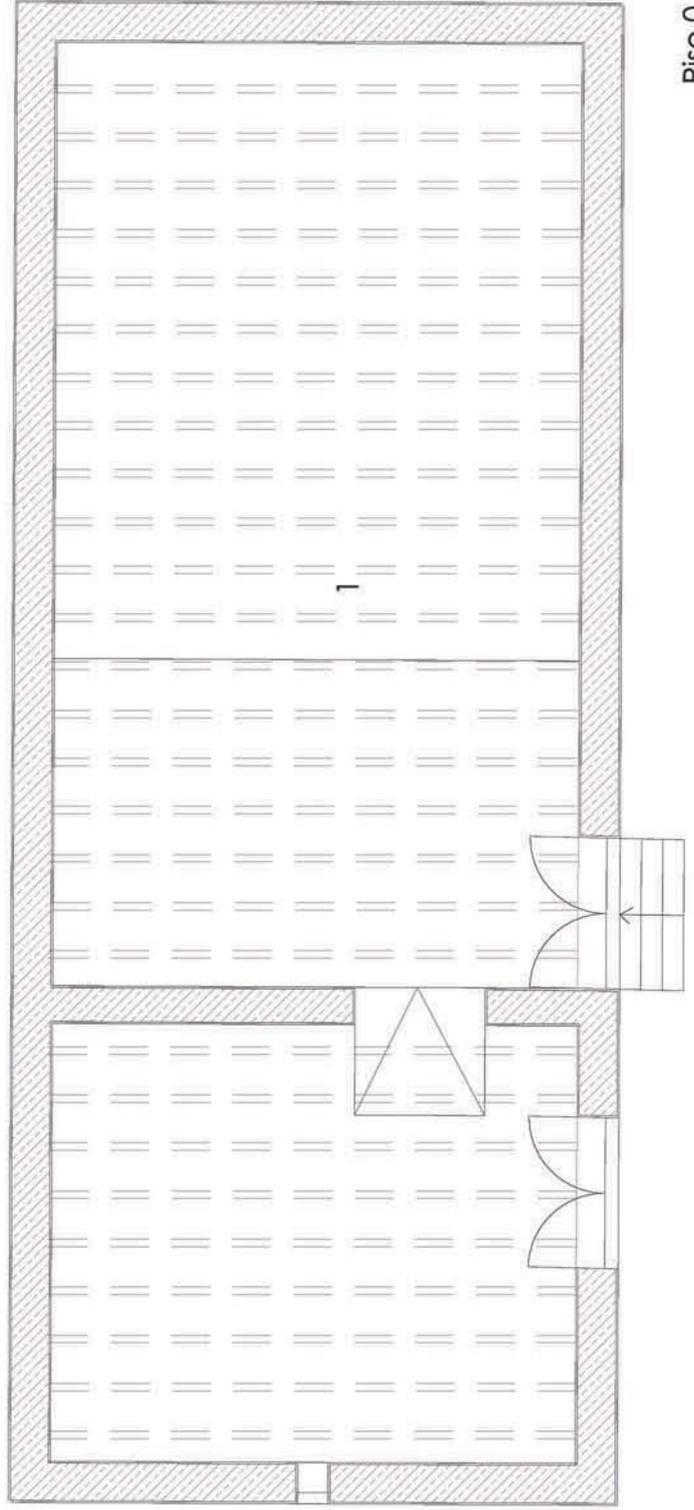
Alçado Norte

-  Elementos a demolir
-  Elementos a acrescentar

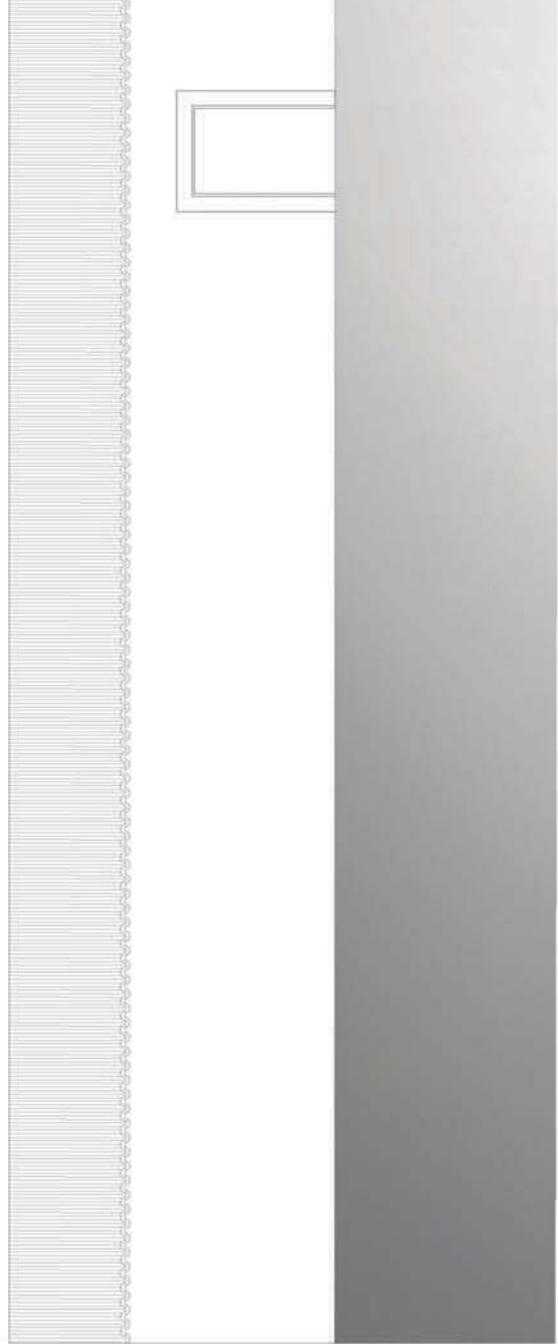




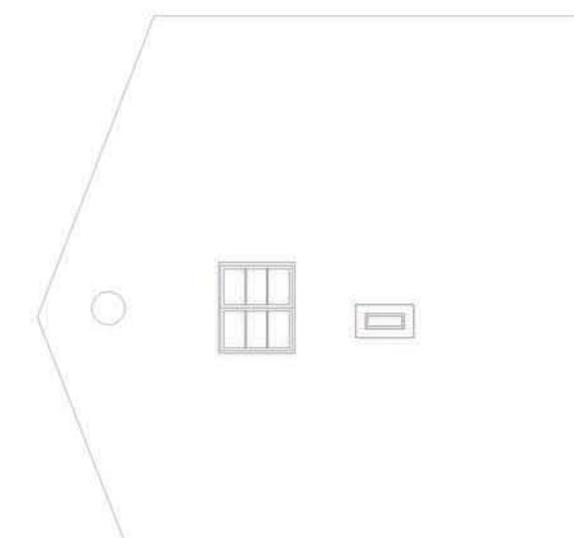
Piso 1



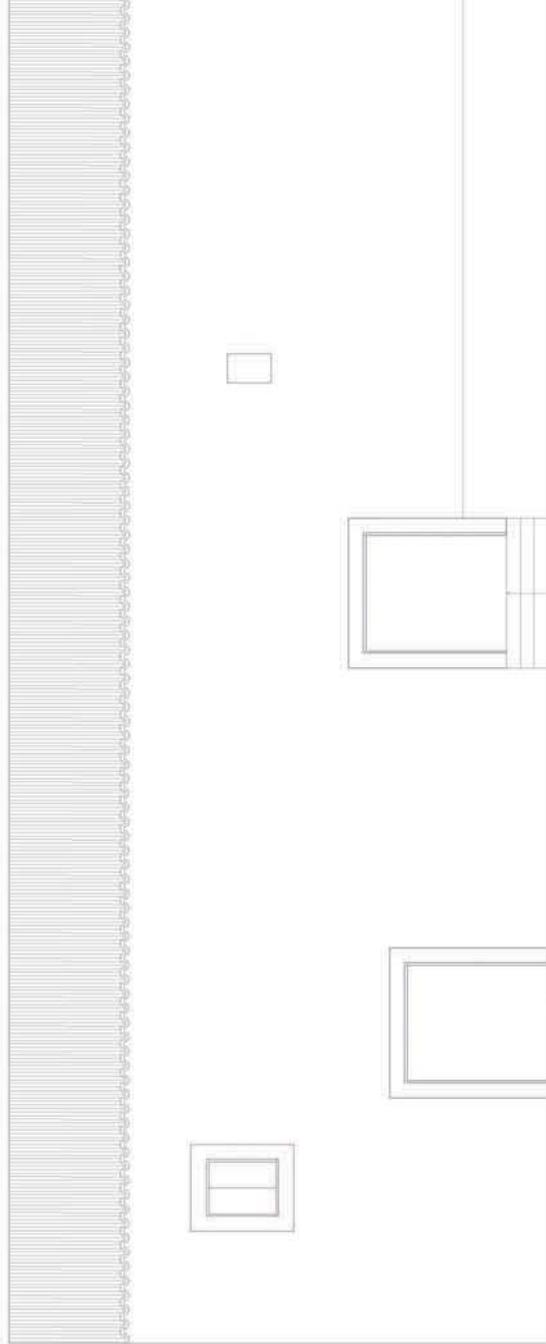
Piso 0



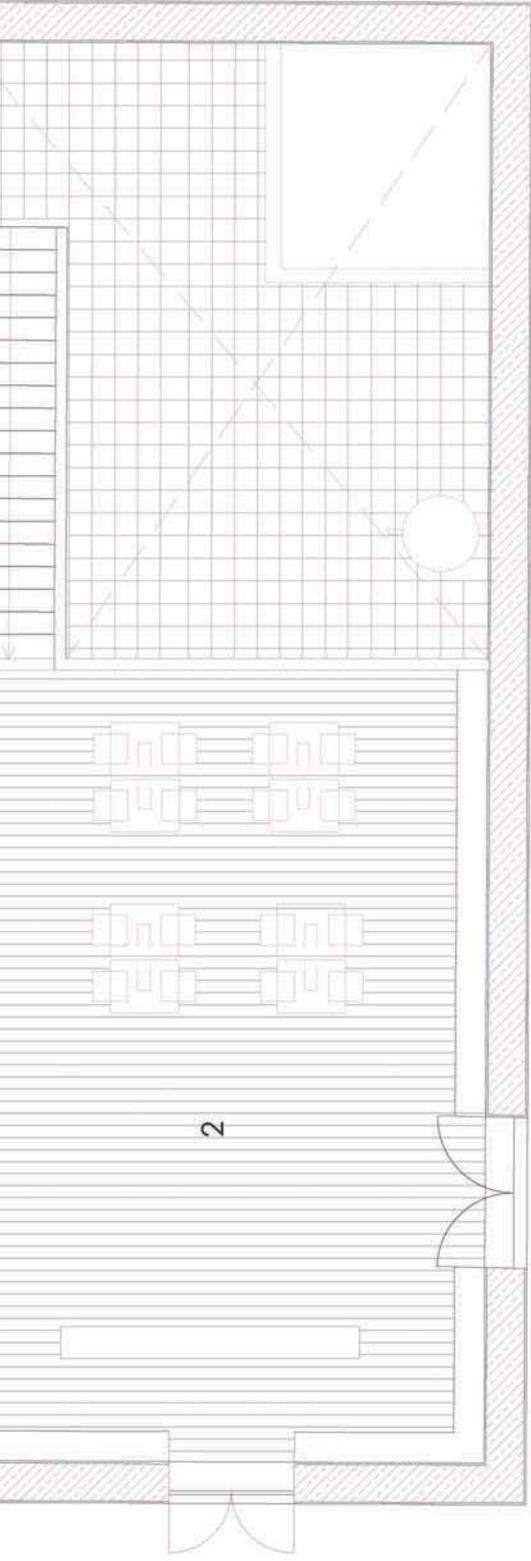
Alçadad



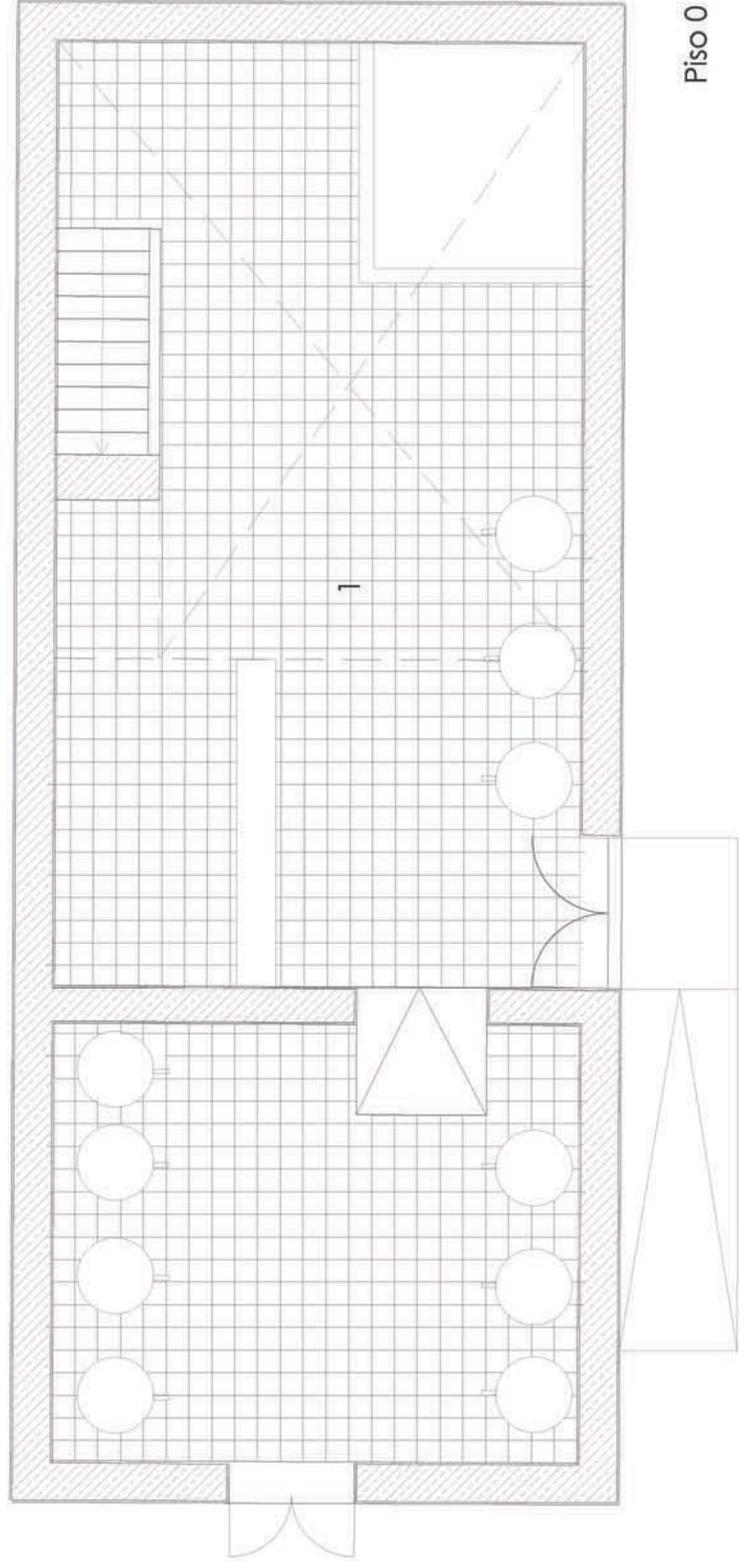
Alçado Sul



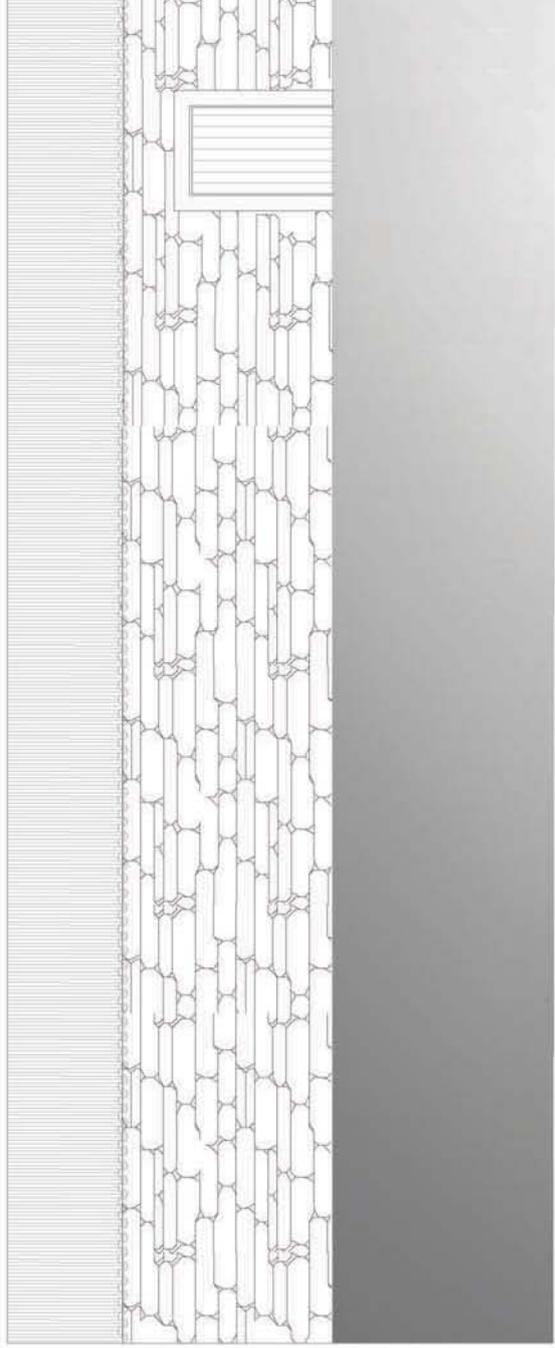
Alçadad



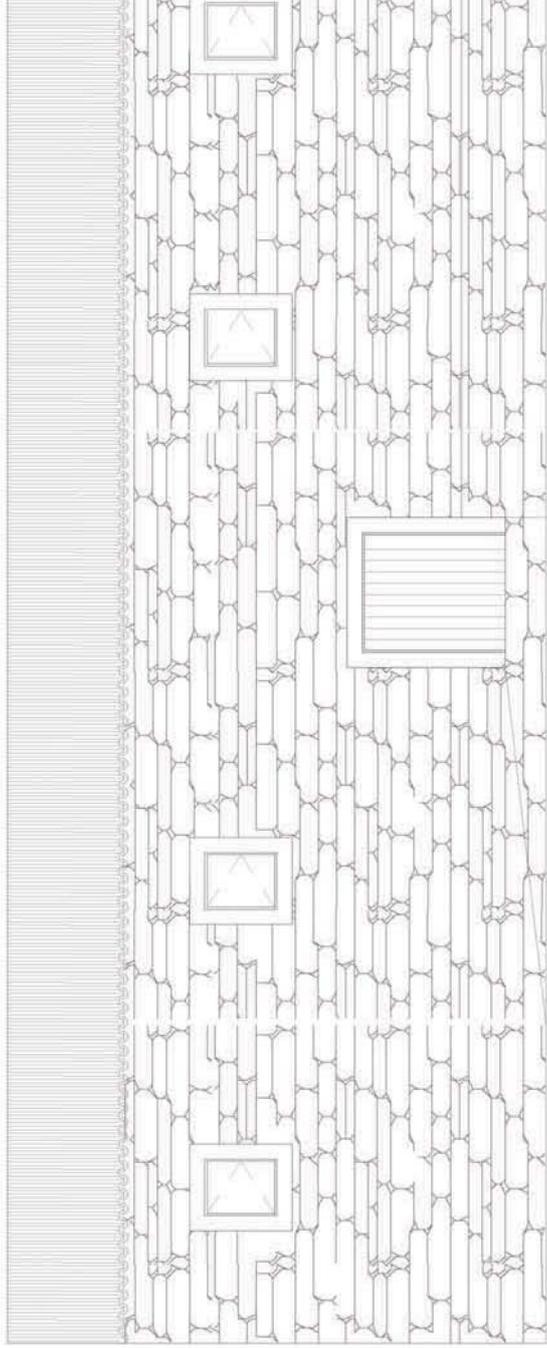
Piso 1



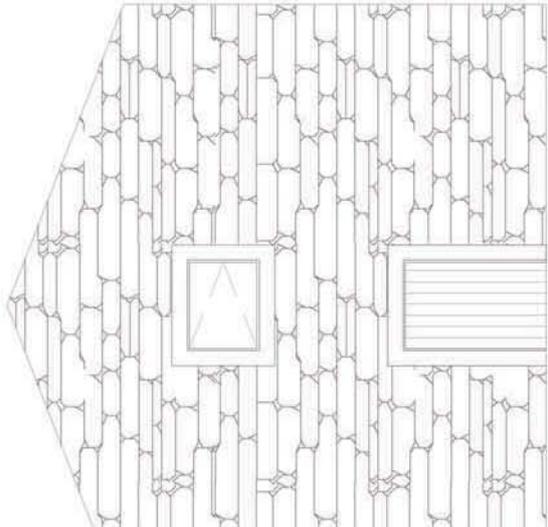
Piso 0



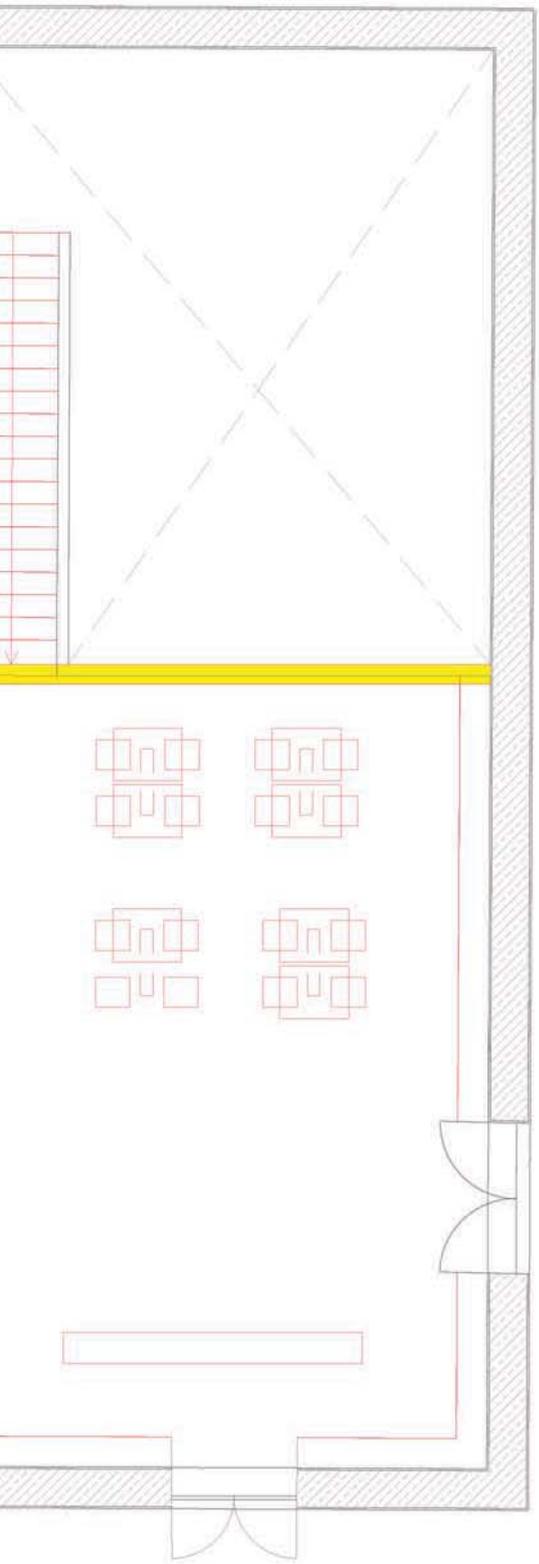
Alçac



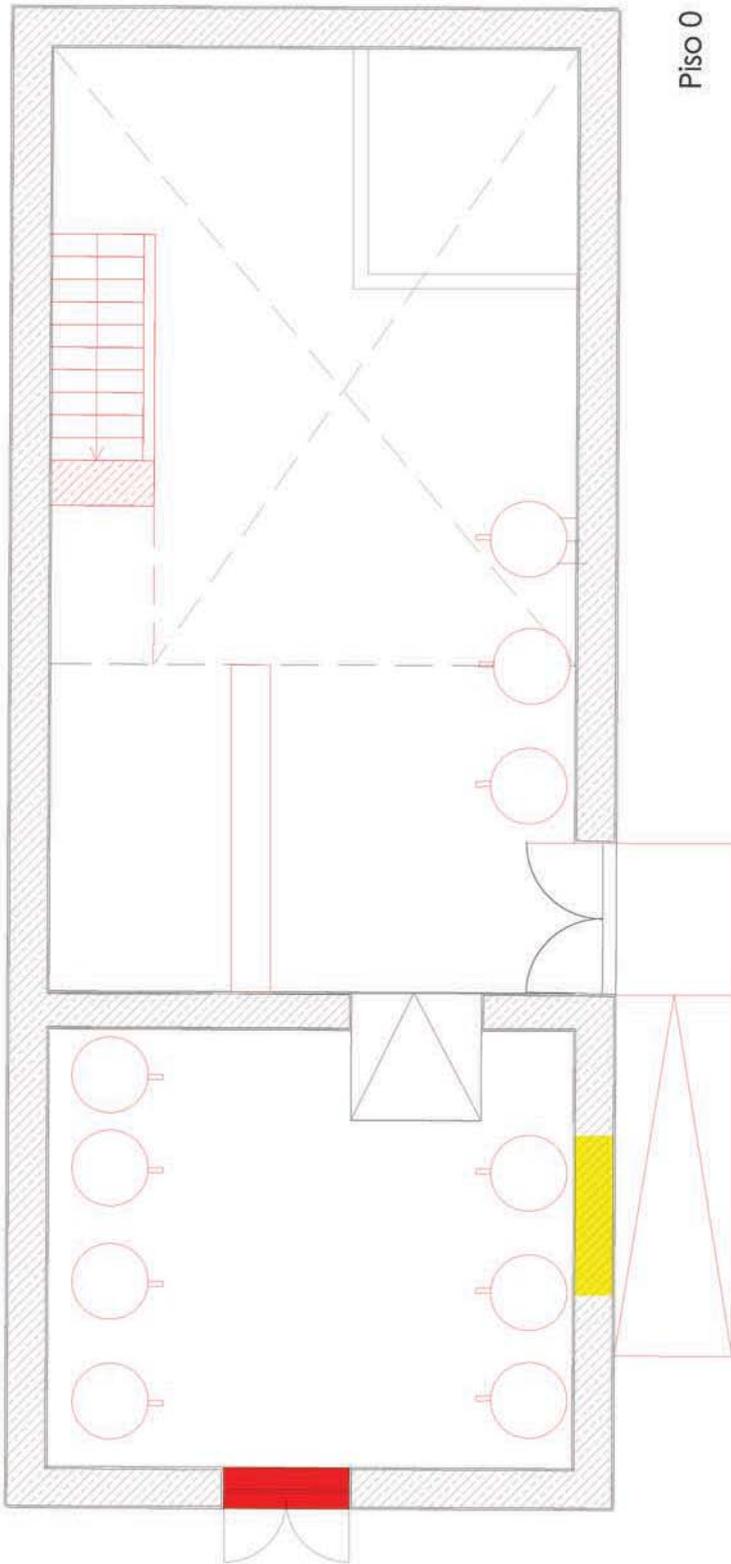
Alçad



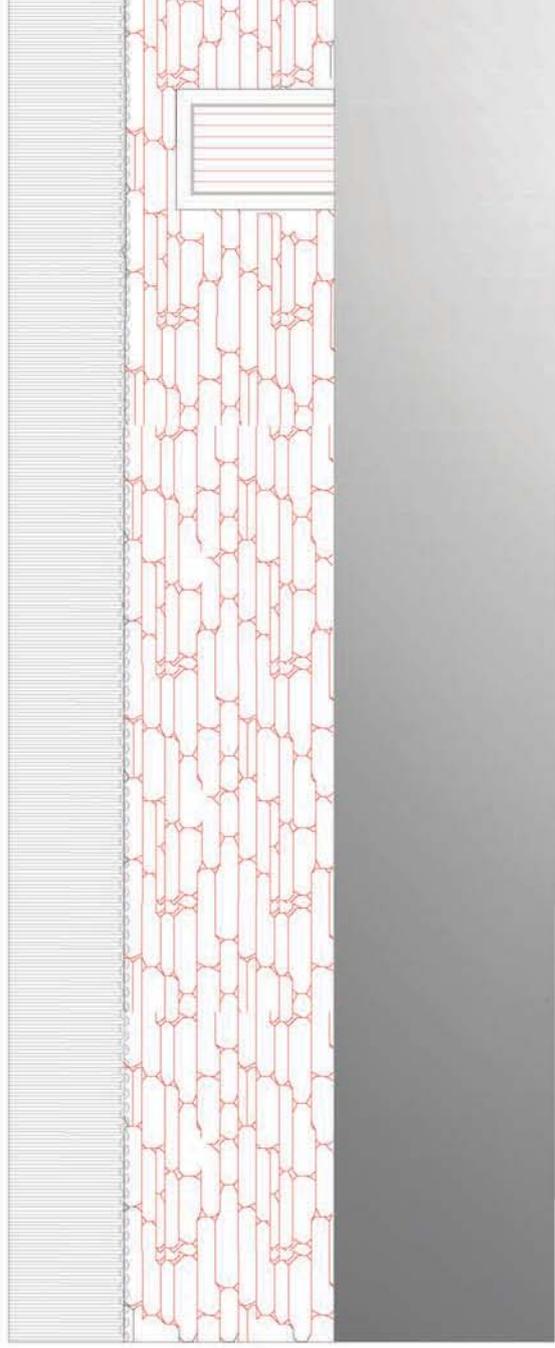
Alçado Sul



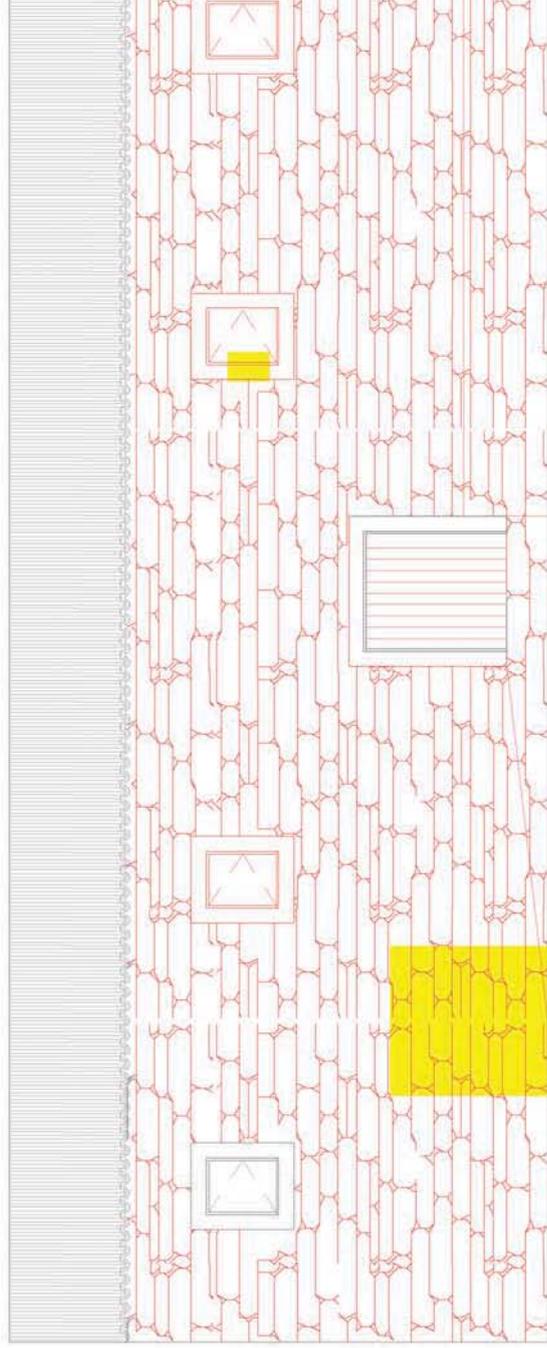
Piso 1



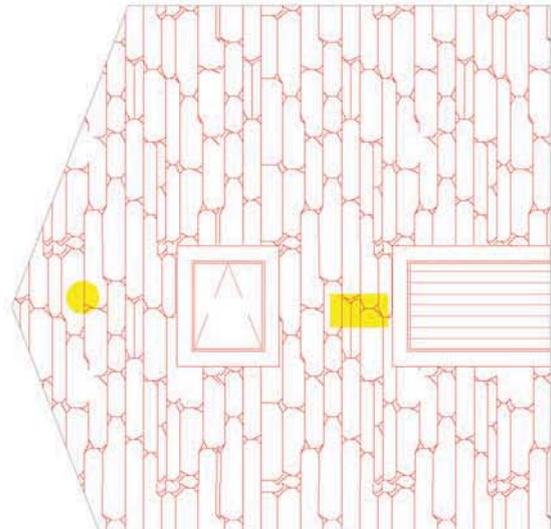
Piso 0



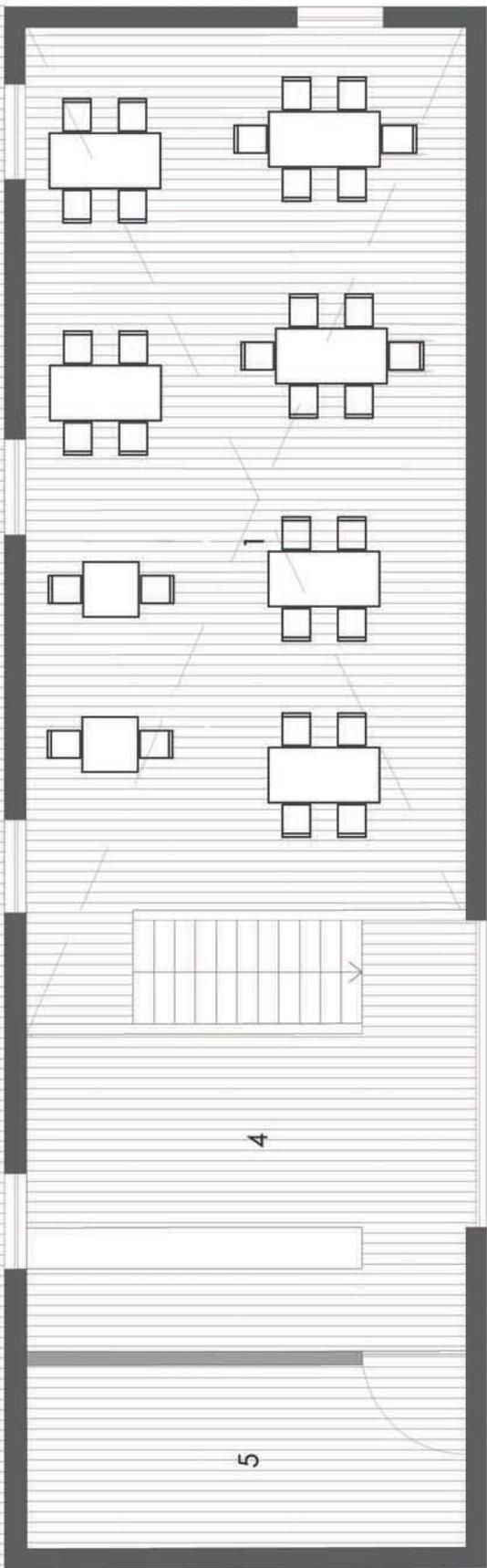
Alçoç



Alçad

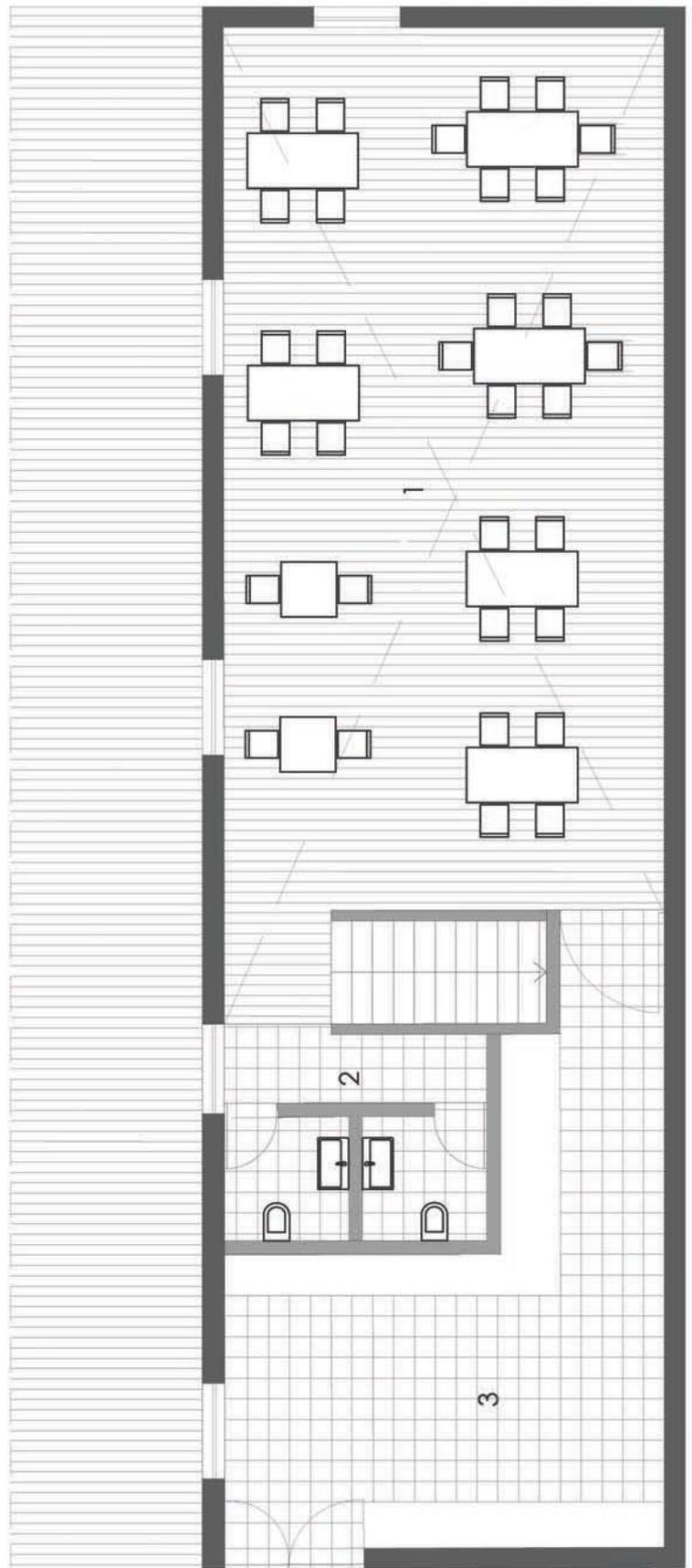


Alçado Sul

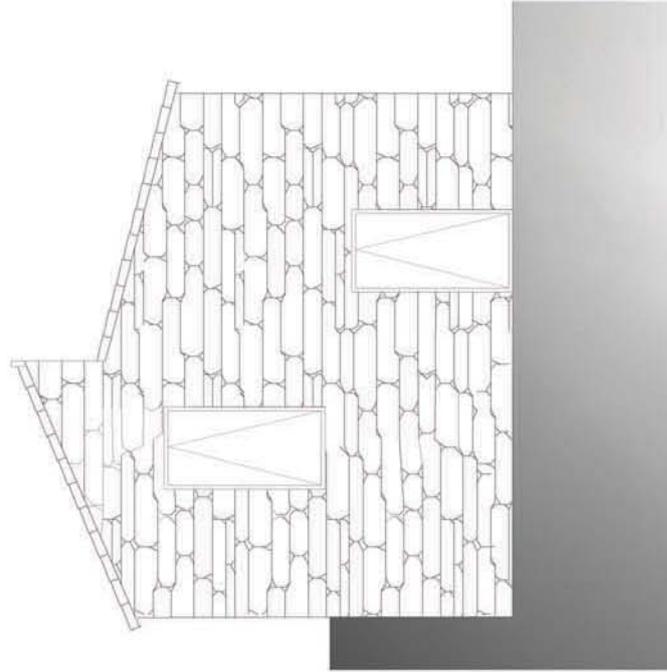
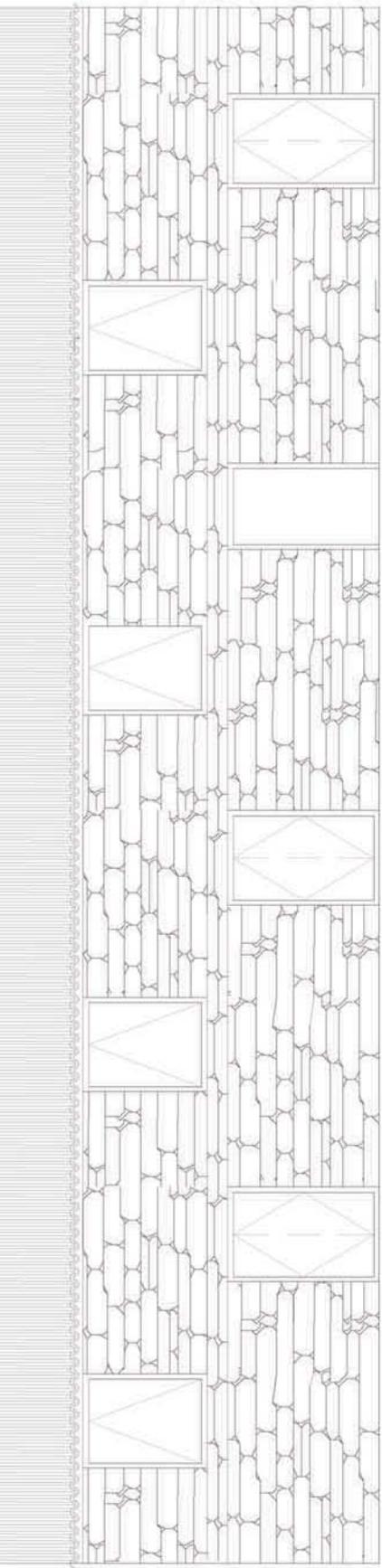


Piso 1

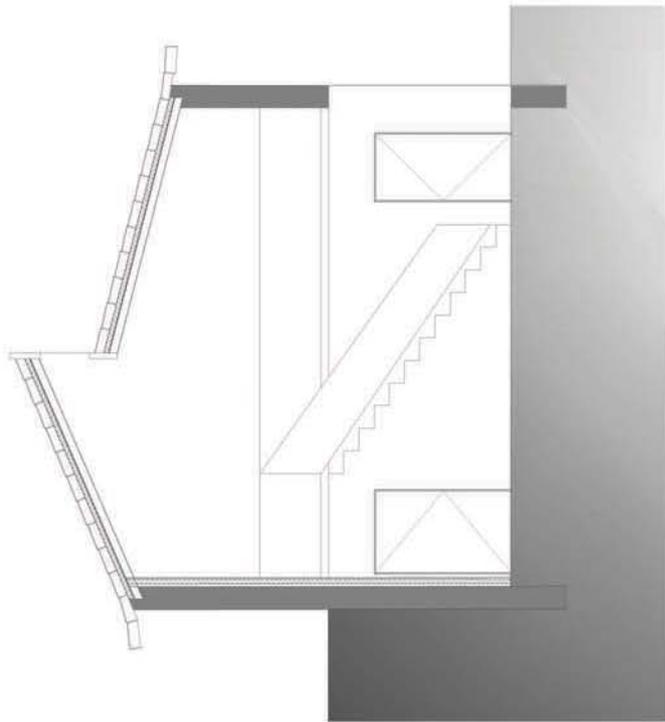
Entrada Principal



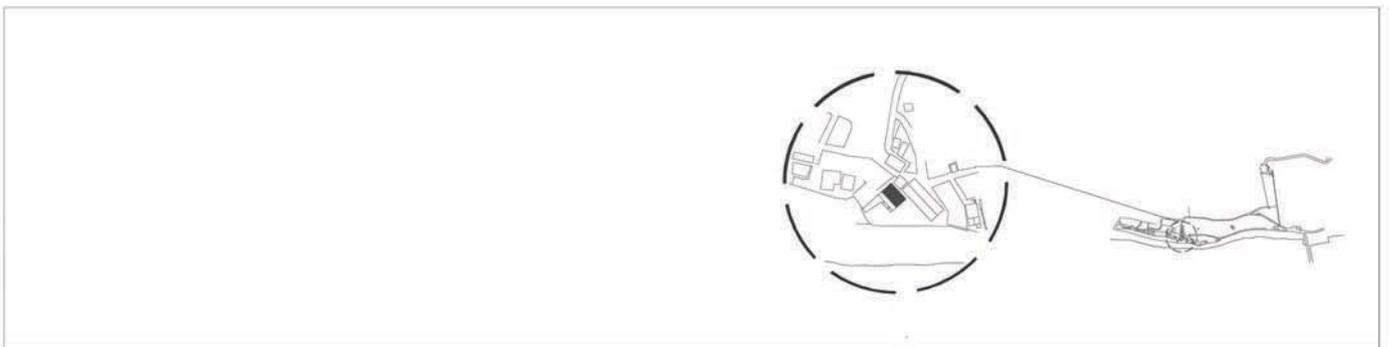
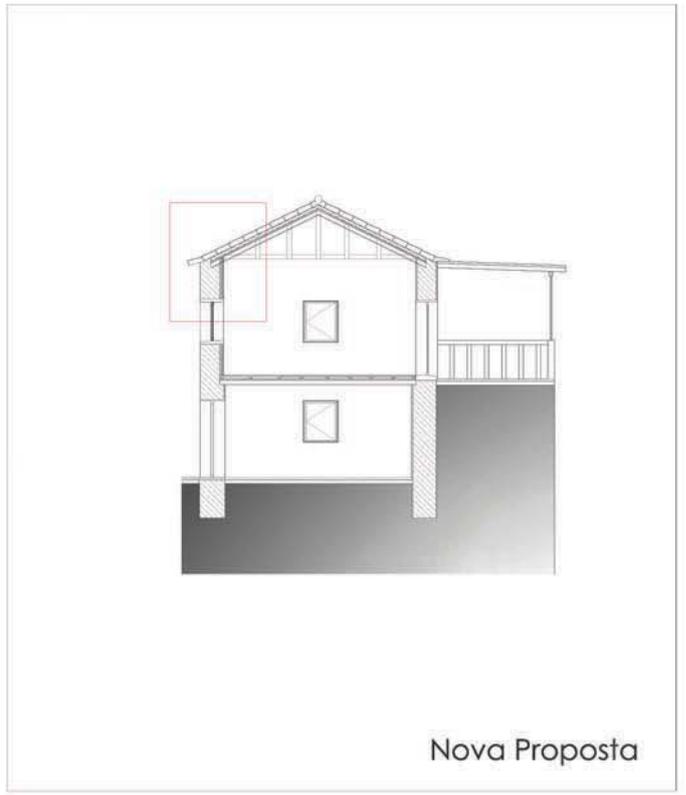
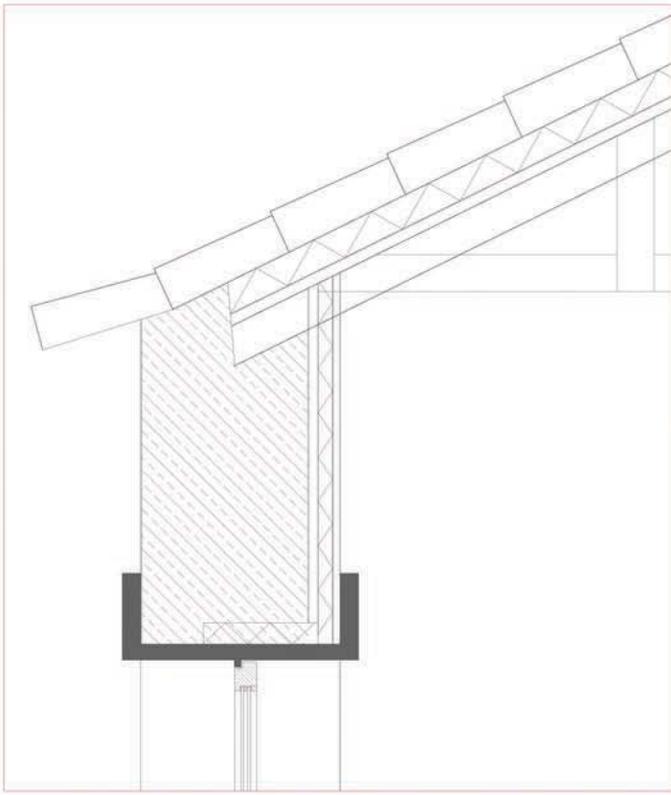
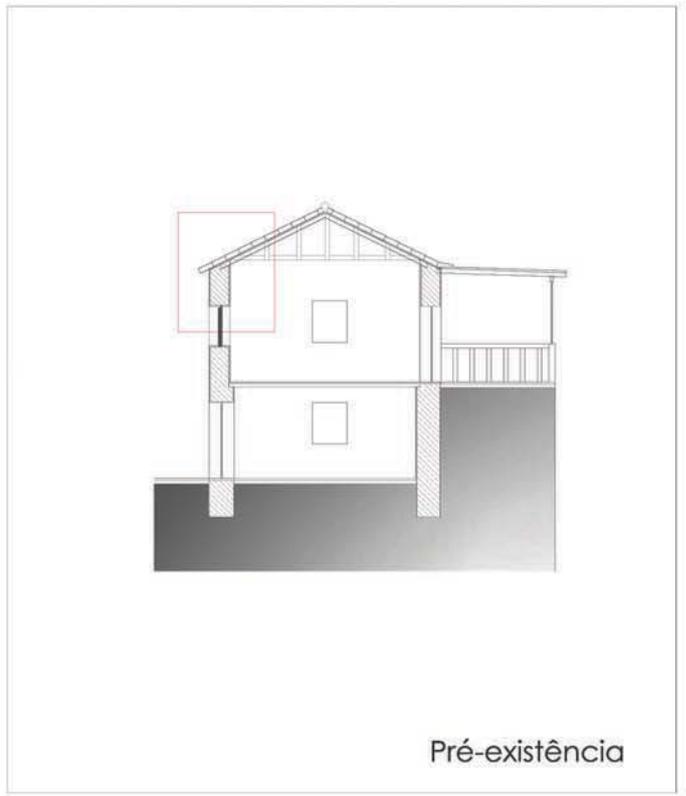
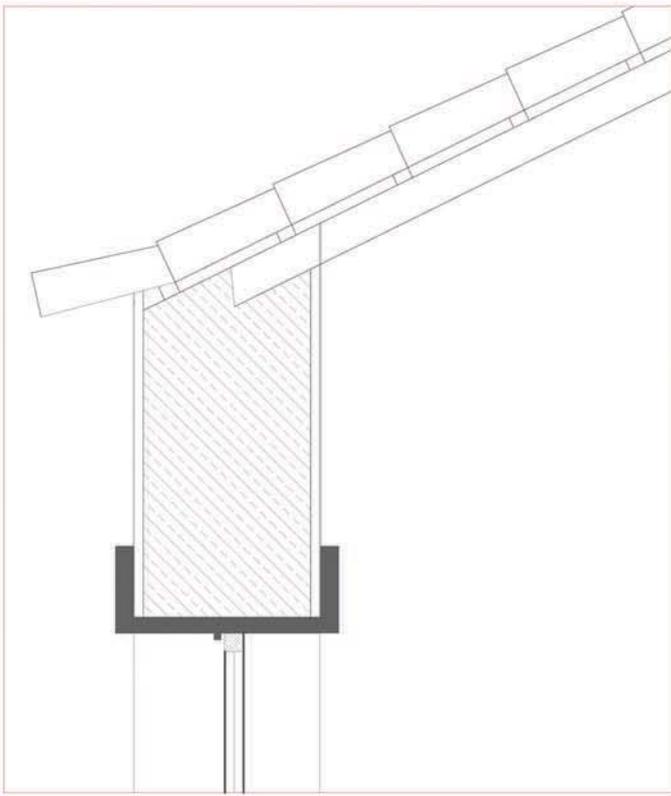
Piso 1

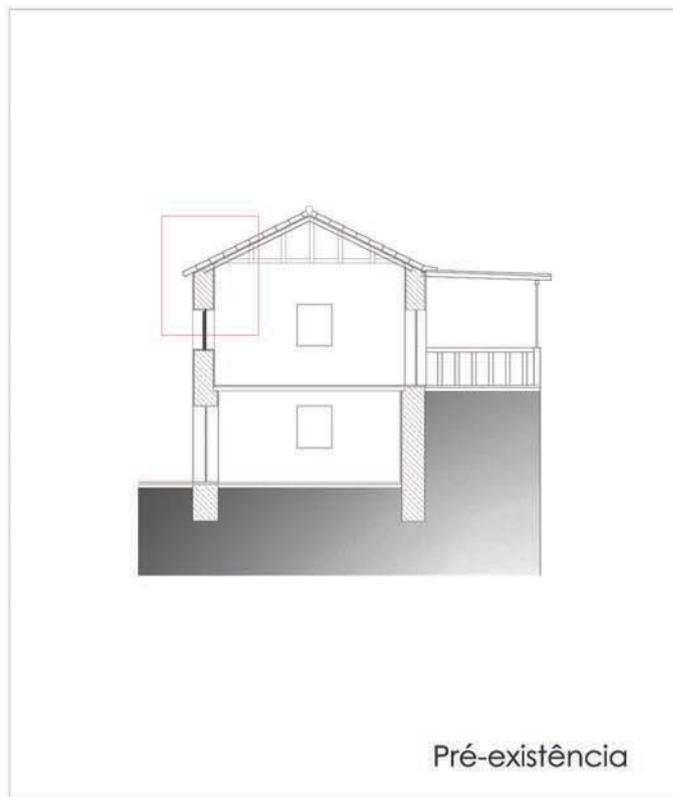
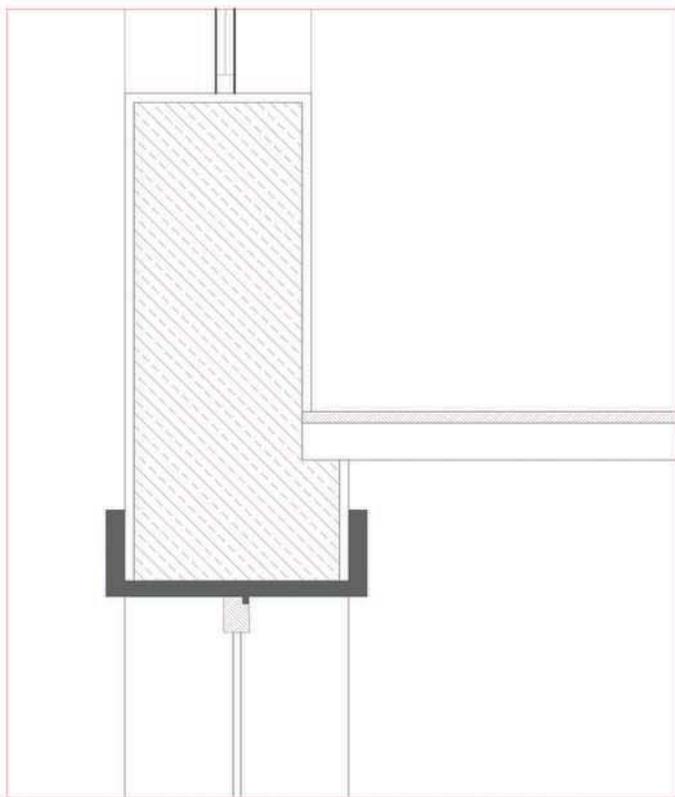


Alçado Sul

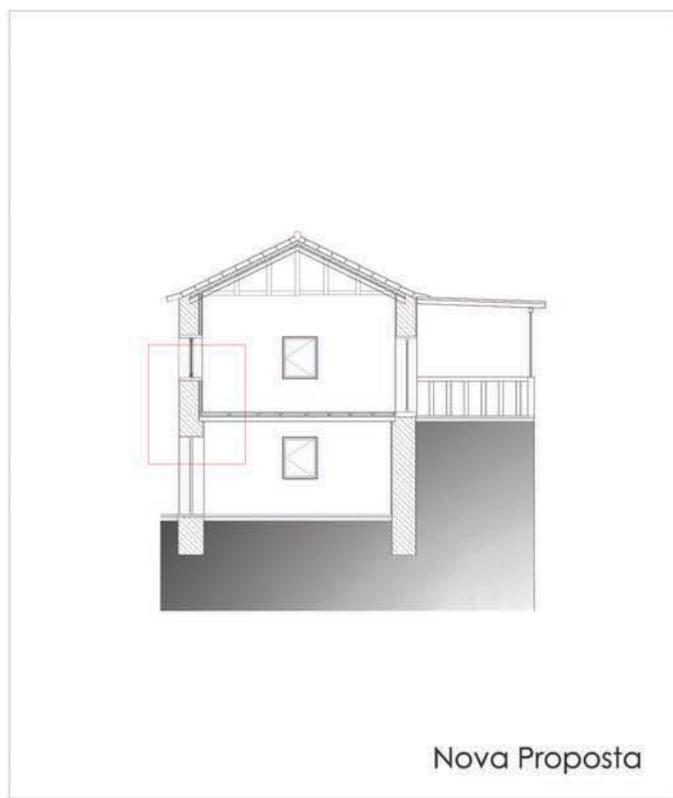
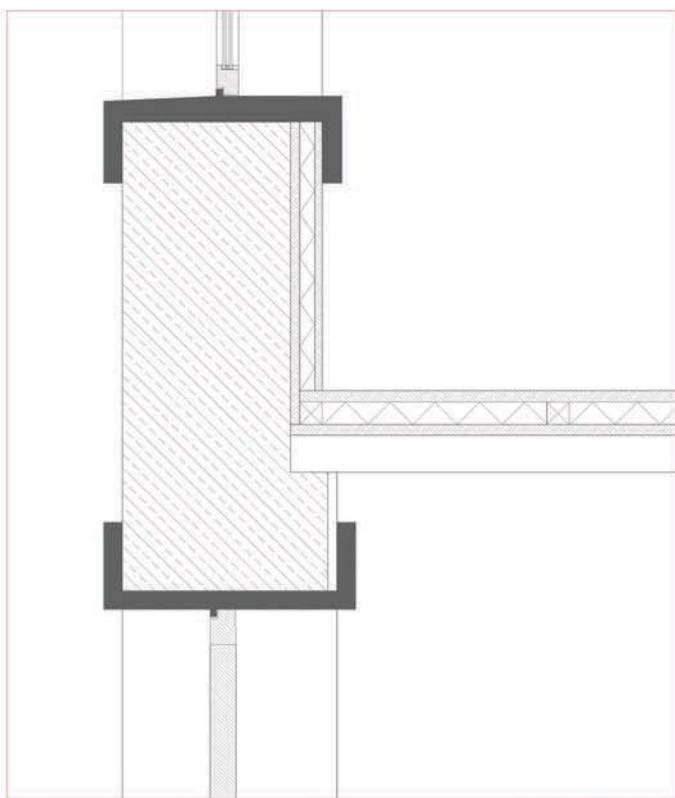


Corte AA

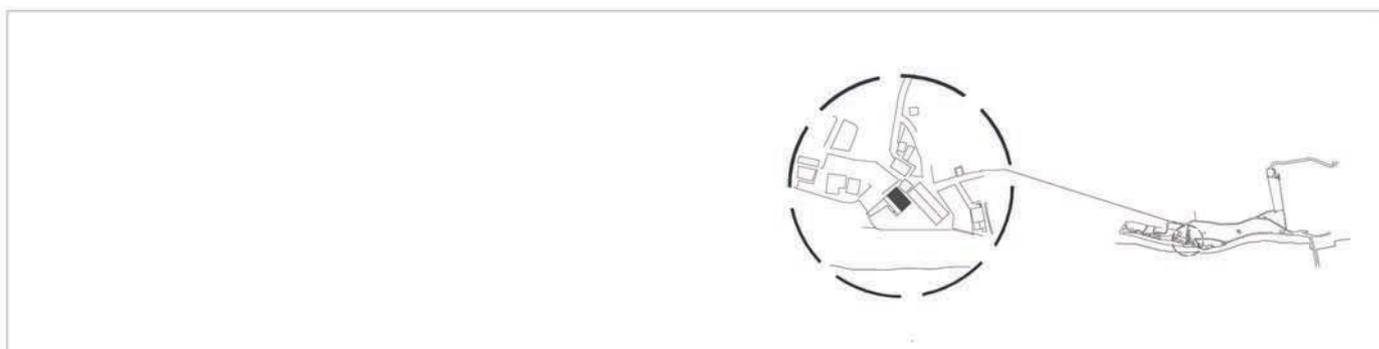




Pré-existência



Nova Proposta





Vista da Fajã dos Padres



Vista desde a estrada regional que dá acesso à Fajã dos Padres



Vista da plataforma dos elevadores destinados ao público geral



Ponto de chegada, a partir dos elevadores



Vista dos edifícios intervencionados



Restaurante



CONCLUSÃO

A Fajã dos Padres possui uma beleza e unicidade com a paisagem envolvente, atendendo à sua diversidade natural existente (mar, praia, falésia, flora e fauna) e ao seu património histórico e cultural, usufruído por todos os turistas que visitam este paraíso rural.

Estes locais isolados e abandonados, por questões de acessibilidade, possuem um estado de conservação inimaginável, que leva qualquer turista a criar uma alusão, do que em outros tempos ali existia.

A identidade local e preservação da história, permite-nos conhecer os hábitos dos antigos residentes e de como estes se organizavam, tendo em conta as condições climatéricas e a sabedoria de cada um, atendendo às características que daquele local.

Contudo, a Fajã dos Padres já se encontra inserida numa sociedade agrícola, contribuindo assim para reforçar a actividade turística.

A proposta para a Fajã dos Padres pretende agir com o objectivo de melhorar a qualidade daquele espaço, proporcionando actividades que dinamizem e que possam satisfazer uma população muito específica, mas sem nunca perder a sua identidade local. Nesta medida, propõe-se a reabilitação das casas em que o senhorio não interveio, exclusivamente para uso turístico, atribuindo uma diferente função a cada uma e assegurando novas dinâmicas que actuem na zona da Fajã dos Padres, de modo a conferir uma marca de maior unidade a toda esta zona.

Deste modo, seria desejável que a vontade e o interesse, nomeadamente da Câmara Municipal de Ribeira Brava, pudesse aumentar a vontade, por parte das entidades políticas, a tornar possíveis estas intervenções.



BIBLIOGRAFIA

Monografias

- ALBERGARIA, H. e PIRES, S. – **O turismo e o desenvolvimento dos espaços rurais de fraca densidade**. In Desenvolvimento e Ruralidades no Espaço Europeu. Actas do VII Encontro Nacional da APDR. Coimbra, APDR, 2002. vol I.
- CORREIA, José Eduardo – **O urbanismo em Portugal**; in Dicionário Ilustrado da História de Portugal, Alfa, Lisboa, 1986 .
- GALHANO, F. e OLIVEIRA, E. – **Arquitectura Tradicional Portuguesa**. 5ª Edição. Publicações Dom Quixote, 2003. Lisboa. ISBN: 9722023977
- GOMES, Celso de Sousa Figueiredo; SILVA, João Baptista Pereira – **Pedra Natural do Arquipélago da Madeira**, Câmara de lobos , 1997
- **Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira**, Ed. Enciclopedia Lda, Lisboa, s.d., 1º 18
- HENRIQUE, Henrique de Noronha - **Memórias Seculares e Eclesiásticas**, edição de 1996
- MESTRE, Víctor – **Arquitectura Popular da Madeira**, Editora Argumentum – Edições Estudos e Realizações, 2001/2002. ISBN: 972-8479-13-1
- RIBEIRO, João Adriano – **A Fajã dos Padres**, Sociedade Agrícola Fajã dos Padres, Grafimadeira Lda. ISBN: 972-8157-83-5
- RIBEIRO, João Adriano – **Ribeira Brava**, Subsídios para a História, Câmara Municipal da Ribeira Brava, 1998
- VIEIRA, Alberto; FERNANDES, Abel Soares; JANES, Emanuel; PITA, Gabriel – **História da Madeira**, Secretaria Regional de Educação, Editorial Eco do Funchal, Setembro 2001. ISBN:972-8246-54-4

Periódicos

- CASTANHEIRA, José Pedro – Madeira, Porto Santo, 2010. The best guide Portugal. Topografia Peres. ISSN 0874-4203.
- MESTRE, Victor – Arquitectura Popular no Arquipélago da Madeira, Património atlântico. Bases para a sua reabilitação enquanto património cultural, Revista Islenha nº 23 Funchal (2003)
- MESTRE, Victor – A Paisagem como Valor a Preservar. Revista Xarabanda nº 14 Funchal, 2003
- SIMÕES, José Manuel,- Património Estudos. Nº 11, Nº7 / 2011 IGESPAR: Departamento de Inventário, Estudos e Divulgação, ISSN:2182-2212

Teses e trabalhos académicos

- ABEU, Mácio de – Mar e Mar [caso Porto Santo] Coimbra: Faculdade de C e Tecnologia, 2008. Prova Final de Licenciatura em arquitectura
- COELHO, Sara Cristina dos Santos – Funchal uma Evolução urbana ,Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia,,2001, Prova Final de Licenciatura em Arquitectura.
- CORREIA, Luís Miguel Maldonado de Vasconcelos - Património e Intervenção Arquitectónica. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologias, 1994. Prova Final de Licenciatura em arquitectura
- MOREIRA, Inês Silva Lamelas Van Brabant Moreira - Aldeias de Xisto: projecto para a reabilitação da aldeia da Cerdeira. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia,,2001, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura.
- RODRIGUES, José Augusto Ferreira - Turismo e espaço rural: convivências, conflitos e harmonia. Coimbra: Instituto de estudos Geográficos – Faculdade de Letras, 2007. Dissertação de Mestrado

Sítios de Internet

- http://www.fajadospadres.com/index.php?option=com_content&task=view&id=14&Itemid=29, [Consult. 22 Set. 2011]
- <http://www.fajadospadres.com/>, [Consult. 11 Out 2011]
- <http://www.madeira-live.com/pt/faja-padres.html>, [Consult. Out. 2011]
- http://www.google.com/imgres?imgurl=http://www.progestur.net/nl04/imgs/faja_01.jpg&imgrefurl=http://progestur.net/nl04/nl_04.html&h=333&w=500&sz=40&tbnid=_j2yt9Zs5kB9tM:&tbnh=90&tbnw=135&zom=1&docid=Kxyx8_VJrkfA4M&hl=pt-PT&sa=X&ei=SYDwTvagLsKc8gP27b2zAQ&sqi=2&ved=0CFkQ9QEwBA&dur=620, [Consult. 19 Dez. 2011]
- http://www.google.pt/imgres?q=faj%C3%A3&start=134&um=1&hl=pt-PT&sa=N&biw=1366&bih=673&tbnid=yEbGWAsOhrOCOM:&imgrefurl=http://urzeapartamentos.webnode.pt/sobre%2520s%25C3%25A3o%2520jorge/&docid=pMMIK5g5tPGBIM&imgurl=http://files.urzeapartamentos.webnode.pt/200000006-180c51a002/721452.jpg&w=750&h=540&ei=kfolUISZNIiH0AWZ__nPCg&zoom=1&iact=hc&vpx=627&vpy=218&dur=77&hovh=190&hovw=265&tx=182&ty=125&sig=116978350607307080064&page=7&tbnh=142&tbnw=211&ndsp=23&ved=1t:429,r:14,s:134,i:195, [Consult. 22 Mar. 2012]
- http://www.google.pt/imgres?q=faj%C3%A3&um=1&hl=pt-PT&sa=N&biw=1366&bih=673&tbnid=2HV3k08I0zEy8M:&imgrefurl=http://buzico.no.sapo.pt/camaradelobos.htm&docid=-Dn2anWKKLbqbM&imgurl=http://buzico.no.sapo.pt/Camara_lobos/faja_padres_ml.jpg&w=800&h=533&ei=hfolUPbRKaaH0AXkraTpCg&zoom=1&iact=hc&vpx=662&vpy=392&dur=27&hovh=183&hovw=275&tx=167&ty=106&sig=116978350607307080064&page=2&tbnh=158&tbnw=211&start=17&ndsp=24&ved=1t:429,r:9,s:17,i:155, [Consult. 22 Mar. 2012]
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Faj%C3%A3>, [Consult. 22 Mar. 2012]

Fonte de Imagens

- 1| - Fotografia do Autor
- 2| - <http://www.google.pt/imgres?start=90&um=1&hl=pt-PT&sa=N&biw=1366&bih=673&tbm=isch&tbnid=yEbGWAsOhrOCOM:&imgrefurl=http://urzeapartamentos.webnode.pt/sobre%2520s%25C3%25A3o%2520jorge/&docid=pMMIK5g5tPGBIM&imgurl=http://files.urzeapartamentos.webnode.pt/200000006-180c51a002/721452.jpg&w=750&h=540&ei=Sa8OUMTaGqnS0QXvt4CABA&zoom=1> [Consult. 22 Mar. 2012]
- 3| - http://www.google.pt/imgres?um=1&hl=pt-PT&sa=N&biw=1366&bih=673&tbm=isch&tbnid=2HV3k08l0zEy8M:&imgrefurl=http://buzico.no.sapo.pt/camaradelobos.htm&docid=-Dn2anWKkLbqbM&imgurl=http://buzico.no.sapo.pt/Camara_lobos/faja_padres_ml.jpg&w=800&h=533&ei=-q8OUKqkKYixhAfUwoHYDg&zoom=1 [Consult. 19 Dez. 2012]
- 4| - http://www.google.com/imgres?um=1&hl=pt-PT&sa=N&biw=1366&bih=673&tbm=isch&tbnid=2HV3k08l0zEy8M:&imgrefurl=http://buzico.no.sapo.pt/camaradelobos.htm&docid=-Dn2anWKkLbqbM&imgurl=http://buzico.no.sapo.pt/Camara_lobos/faja_padres_ml.jpg&w=800&h=533&ei=3vEOUMTSIIjLrQf-zIGgCQ&zoom=1 [Consult. 22 Mar. 2012]
- 5| - <http://pt.wikipedia.org/wiki/Faj%C3%A3> [Consult. 19 Fev. 2012], com posterior transformação pelo autor
- 6| - Google Maps com posterior transformação pelo autor
- 7 à 9| - Fotografias do autor
- 10| - Google Maps com posterior transformação pelo autor
- 11 à 14| - RIBEIRO, João Adriano - **A Fajã dos Padres**, pág. 100
- 15| - Fotografia da Família Gonçalves
- 16 à 31| - Fotografias do autor
- 32 à 33| - Esquemas produzidos
- 34 à 47| - Fotografias do autor



ANEXOS

Planta facultada pelos proprietários da Fajã dos Padres

Escala: 1/5000

